



Antas: André vai abrir a contagem. Era o princípio da festa.



Madrid: Nenê derrubado por Silva. História de brasileiros...

Europa só aceita futebol nortenho

Depois de o Boavista ter baixado bandeira, calhou a vez de dois poderosos símbolos de Lisboa caírem juntos na peneira do futebol ueste. Com as portas da Europa apenas abertas para o Porto e o Guimarães, bem se poderá dizer que a supremacia do jogo-rei firmou arraiais além-Douro, onde agora mora a esperança de quem gosta do nosso futebol.

Págs. 15, 16, 17 e 18

GOVERNO FEZ UM ANO

O executivo de Cavaco Silva assinala hoje o seu primeiro ano de existência, preparando um balanço naturalmente optimista e algumas medidas de impacto. Mas, à margem da propaganda governamental, subsistem números preocupantes que atingem o mundo do trabalho, dos reformados, dos pensionistas...

PENSÕES DE REFORMA

SÃO 96 MIL OS CASOS EM ATRASO

O Centro Nacional de Pensões tinha, em Setembro deste ano, 96233 processos de pensões em atraso, dos quais 67668 respeitavam a casos de invalidez. O número de processos pendentes desde 1980 tem sofrido várias oscilações, sempre com tendência para o crescimento, mas nunca desde aquele ano se tinha verificado um salto tão brusco como do ano passado para 1986: mais 23 mil casos aguardando despacho.

ENTRE 1985 E 1986 LISBOA PERDEU MAIS DE 10 MIL EMPREGOS

Págs. 4 e 11

O «DL» em Bordéus
com o patrocínio



«DL» COM O SPORTING

PATROCÍNIO DE:

LAGOSTA REAL



APOIO DE:



Soc. Comer. de Imp., Exp. & Representações, Lda
A casa das brilhantes ideias

Isabelinos e metafísicos de passagem por Portugal

Luis Miranda Rocha

A colecção Visor de Poesia é bem capaz de ser a melhor colecção de poesia que se publica actualmente (e desde sempre) em Espanha. Mais concretamente, publica-se em Madrid e vai em mais de duas centenas de títulos publicados. E, não sendo propriamente uma sua particularidade, é seguramente um dos seus maiores motivos de interesse: o que se pode dizer a sua vocação internacional, para não dizermos mundial. Das últimas quatro ou cinco dezenas de títulos publicados, por exemplo, em quase metade trata-se de poesia estrangeira traduzida para castelhano e apresentada também na língua original. Aí saíram livros de, entre outros, estrangeiros como Pierre Louys, Pier Paolo Pasolini, Saint-John Perse, Baudelaire, Verlaine, Michel Leiris, Allen Ginsberg, Novalis, Tristan Corbière, R. Kipling, Giorgio Bassani, Lord Byron; não tanto assim estrangeiros (porque latino-

-americanos, de língua castelhana, portanto) como Mario Benedetti ou Ernesto Cardenal, e estrangeiros de língua, mas de algum modo espanhóis, como os catalães Vincent Andrés Estellés e J. Salvat-Papasseit. Uma colecção como a qual os (muitos ou poucos) portugueses que têm o hábito de ler poesia, certamente gostariam de ter à sua disposição, proporcionando-lhes em português o que esta proporciona em castelhano (e nas línguas originais, repita-se, já que as edições de estrangeiros são bilingues). Mas, duma colecção assim, com as dimensões de quantidade e qualidade que a Visor já tem, talvez se possa dizer que não é facilmente possível em português e em Portugal. Não haveria público para lhe justificar uma existência continuada.

Mudando um pouco de assunto, um dos últimos números da Visor de Poesia é *El Siglo de Oro de la Lírica Inglesa*, de los

Isabelinos a los Metafísicos, selecção, introdução e tradução de Francisco Nuñez Roldán. E edição bilingue — uma nitidez de processos para os quais o encarecimento (talvez para o dobro) dos custos de produção seria factor dissuasivo. Mas não foi, como parece ser regra na colecção. E aí está um volume de 230 páginas e entre uma centena e centena e meia de poemas de 37 poetas ingleses dos séculos XVI e XVII.

Alguns destes nomes serão, se não propriamente familiares, pelo menos facilmente identificáveis, para o leitor português minimamente informado sobre a história da poesia europeia, para não dizermos somente inglesa: Ben Johnson, John Donne, e, obviamente, Shakespeare. Outros não — a não ser para conhecedores da poesia inglesa, das antologias da Penguin, por exemplo. Para esses, um livro como este da Visor já não se pode dizer que seja urgente, a não ser pela curiosidade de ver como o tradutor se desembaraça de dificuldades (das

quais, aliás, fala, e com algum pormenor, na introdução). Adiante, porém, que o que aqui se pretende é outra coisa: fazer o registo da curiosidade, pelo menos, de alguns destes poetas terem Portugal na sua biografia, porque aqui estiveram, ou porque por aqui andaram, em alguns casos ao largo da costa, ou até mesmo nos Açores.

Um desses casos é um dos nomes mais conhecidos: John Donne. Ele viveu entre 1572 e 1638, e em 1596 e 1597 esteve em expedições marítimas inglesas contra Cádiz e os Açores.

Outro, Robert Derieux, 2.º Conde de Essex. Esse viveu entre 1566 e 1603. Diz dele a nota biográfica que foi «favorito da rainha Isabel, esteve em Portugal lutando contra os espanhóis, e derrotou uma esquadra espanhola junto a Cádiz e tomou a cidade em 1596, saqueando-a de forma absoluta (...)».

Outro caso não sei se será o de Raleigh ou Raleigh (1552-1618), Sir Walter, «preclaro patriota para os ingleses, e desalmado pirata para os espa-

nhóis». Diz a nota biográfica que ele «tomou parte em diversas expedições marítimas, quase todas ao continente americano». Mas sabe-se, por outra biografia, essa inserta na antologia *The Metaphysical Poets*, da Penguin, que também esteve em Cádiz em 1596. Se não esteve em Portugal, passou ao largo da costa, pelo menos.

E há um caso sobre o qual parece que todas as dúvidas são possíveis: Henry Wotton (1568-1639): «Foi secretário do conde de Essex, que o empregou como espião no estrangeiro. Foi embaixador na corte de Veneza.» A biografia da Penguin é mais detalhada, e não pormenoriza quanto a isso. Parece porém, e pelo menos, que não será de excluir a hipótese de, como espião, ele ter estado em Lisboa. Mas é especulação, naturalmente.

Já que citámos a antologia *The Metaphysical Poets*, da Penguin, terá algum interesse trazer para aqui mais dois ou três casos a que a antologia da Visor não se refere — porque é vo-

lume mais breve, abarcando dois períodos ou duas fases da poesia inglesa, como vimos, isabelinos e metafísicos. Haverá mais, que poderíamos ver na antologia da Penguin dedicada aos isabelinos. Contudo, não a temos à mão. Reparemos apenas na antologia dos metafísicos, e em dois casos que não constam da antologia da Visor.

Um é William Alabaster. Viveu entre 1608 e 1666. Foi secretário do embaixador de Inglaterra em Madrid pelo menos no ano de 1635 — e nessa altura Portugal dependia de Espanha. Mais tarde, porém, seria embaixador, em Madrid, mas, antes disso, em Lisboa. Quando, não o sabemos ao certo, nem justificaria investigação. Mas foi, provavelmente, logo a seguir à Restauração, em 1640.

Outro — um tanto diverso, mas talvez mais interessante. Trata-se de Richard Fanshawe. Terá sido o primeiro tradutor inglês de *Os Lusíadas*. A sua tradução foi publicada em Inglaterra em 1655.

A palavra com...

O espectro político-partidário no Portugal de Abril

Dário Nobre

«A memória dos Homens é curta...»

«As portas que Abril abriu...», disse o grande poeta, à liberdade, à justiça social, à democracia — depois de uma ditadura de 48 anos, fascista, feroz e fratricida, como já um dia escrevemos no «DL».

E nada podia melhor introduzir este nosso trabalho, de análise actual, do que destacar uma passagem da pena brilhante de Piteira Santos, quando recordou os 50 anos do Tarrafal — Memória do Tarrafal — (vj. DL-28/10), escrito, talvez com os olhos rasos de água, tal como tenho agora os meus, aos transcrevê-la:

«Eram cerca de 3 hectares vedados por arame farpado e rodeados por um fosso num local onde era intenso o paludismo. No campo foram construídas barracas para albergar os prisioneiros. A guarda dos presos estava entregue a agentes da PIDE. A segurança do campo confiada a uma força militar. Como escreveu Mário Dionísio, há anos, no «Diário de Lisboa»:

«Não foi só no Tarrafal que se sofreu, se resistiu, se lutou. Sofreu, resistiu-se, lutou-se sem descanso em muitos outros locais especializados na tortura e na requintada tentativa de degradação moral: na Antónia Maria Cardoso, em Angra, no Aljube e em Peniche ou em Ca-

xias, nos calabouços do governo civil, nas esquadras da Polícia, em todas as enxovias, de uma terra brutal e longamente amordaçada. E sofreu-se, resistiu-se, lutou-se também nos campos e nas fábricas, e nas escolas, e nas ruas, na Imprensa, nas próprias casas de cada um, assaltadas a qualquer hora do dia ou da noite, ou constantemente vigiadas. E tantas eram essas grandes, pequenas ou pequeníssimas zonas de luta permanente e variada que nunca foi possível ao imenso e excelentemente montado aparelho repressivo descobri-las todas. Nem todos os que, de uma maneira ou de outra, mais declarada ou mais ocultamente, a vida inteira resistiram e lutaram. Mas o símbolo maior de todos esses actos de desassombro, dignidade e persistência, o símbolo dos símbolos é, sem dúvida, e para sempre o será, o Tarrafal — Campo da Morte Lenta.»

Quantos caminhos percorridos, quantos os desvios, quantos os sinceros e ingénuos, na sua maioria fardados, quantos os oportunistas, os desonestos, os corruptos — e os traidores daquele ideal que só foi corporizado com o apoio e alavancamento do povo, logo que se apercebeu do rumo da chamada Revolução do dia 25 de Abril de 1974 — página das mais brilhantes da nossa História de 8 séculos, só comparada a 1385 e 1640.

Os partidos, se são a expressão democrática da arrei-

mentação de uma larga faixa dos cidadãos, também os confronta com as opiniões ideológicas consequentes, democraticamente saudáveis, mas que nem sempre prosseguem o espírito, ideal e ambição dos militares do MFA do 25 de Abril — pela defesa dos interesses e independência nacionais e da emancipação de todo um Povo — na perspectiva daquele projecto político desviado no 25 de Novembro e entregue ao poder civil institucionalizado e livremente eleito pelos portugueses.

De uma forma isenta, ninguém duvida que, ao tempo, só a organização clandestina embora, do Partido Comunista Português deu corpo e força populares ao movimento acompanhado pelo Centro Democrático Eleitoral — CDE, onde estavam, unidos, milhares e milhares de antifascistas, democratas, republicanos, desde gente da classe trabalhadora, operária e camponesa, aos escritores, jornalistas e intelectuais mais proeminentes.

Simultaneamente surge o Partido Socialista — PS, poucos anos antes constituído na Alemanha Federal, também na clandestinidade. Foram estes três partidos que deram todo ano apoio ao MFA, em 74 e até ao Verão de 75, no que se refere ao PS, e que substanciaram as mais importantes reformas e a Constituição votada em 75, com as conquistas que, algumas, ainda hoje são conservadas, e, por isso mesmo, têm de ser, in-

transigentemente defendidas.

Pouco depois aparece o Partido Popular Democrático — PPD, criado à luz do dia, em liberdade, e, no mesmo «status quo» vieram a União Democrática Popular — UDP e o Centro Democrático Social — CDS.

Foram na época, e ainda o são, estes os partidos com fluente representatividade parlamentar, através dos apoios e votos populares, razão por que não referimos tantos outros, uns que já não existem e outros cujo «papel» é representar (que papel?) melhor ou pior, nos vários actos eleitorais, e, cremos, assim vão continuar.

Seria fastidioso recordar a «dança» dos primeiros e secundários «actores» que têm interpretado os «bailados» no primeiro palco que é a Assembleia da República — formando-se depois em governo, só ou, algumas vezes mal acompanhados...

E, exactamente, numa tentativa de, julgava-se, clarificação política, surgiu atrevida e descaradamente nas legislativas de há um ano, o Partido Renovador Democrático — PRD, que surpreendeu tudo e todos com a confortável percentagem alcançada e os inerentes lugares na AR.

Estamos, finalmente, com todos os dados, chegados à preocupante actualidade político-partidária democrática. Senão vejamos:

É governo o PPD/PSD, minoritário com 30% dos votos; Na oposição, maioritária,

estão o PS, PRD, PCP, MDP/CDE e o CDS (?).

Por isso, muitas posições assumidas pelo Governo têm sido derrotadas: no Parlamento, através de votações adversas e na inviabilização de pedidos de ratificação de decretos-leis já publicados no «D.R.» — porque não se julga controlável ou por distorcida visão política do responsável líder social-democrata e Primeiro-Ministro, ou compara este Parlamento com a Assembleia Nacional fantoche que existiu até 24 de Abril de 1974!

Após «a passagem do deserto», em 1985, o PS, com novos dirigentes, está em período de convalescença, ainda longe de ter «alta» como é desmonstrado pelas declarações contraditadas em não reacear eleições, agora, ou precisamente o contrário...

O PRD, só há poucos dias tem o seu inspirador como timoneiro e, assim, tem de projectá-lo para conhecer se a opinião pública não se alterou da que conseguiu nos seus quase dez anos na Presidência da República.

E os três políticos cá estão a representar 68%, segundo, não as «sondagens» encomendadas e que fazem parte da máquina de propaganda do partido no Governo, mas sim nos resultados de Outubro/85, o actual quadro parlamentar.

Socais-democratas, socialistas democráticos e renovadores democráticos — estes a defenderem tanto a social democracia dos primeiros, como o socialismo democrático dos

segundos.

A situação é, quanto a nós, preocupante porque não se acredita que algum destes partidos venha a obter maioria absoluta, em eventual consulta eleitoral, por queda autoprovocada pelo partido no Governo — levando mesmo em conta os efeitos da manipulação governamental dos «mass media» dos órgãos de comunicação, com a TV à frente, incluindo o escândalo da publicidade paga.

Quando 1987 for bem sucedido, já será altura do cidadão consciente ter elementos que lhe permita aquilatar da situação política muito melhor, porque:

Continua mais tranquilo com a personalidade que ocupa o Palácio de Belém, do que durante todos estes anos, em que «cortava o coração» a forma como governou, tanto o País como o PS — escolhendo mal as alianças circunstanciais mas responsabilmente, voltando as costas aos que dentro e fora daquele partido lhe chamavam à atenção do rumo errado que seguia, e que tão profundas feridas deixou, algumas difíceis de sarar — os salários em atraso, a FOME.

Está agora no lugar certo em que poderá mostrar arrependimento e fazer valer os mais de 40 anos de luta política, como antifascista confesso, sentimentos herdados do democrata que foi seu pai.

Pode observar as arremetidas do Primeiro-Ministro e do seu gabinete, dos ataques para

Continua na pág. 11

Colóquio sobre o "Estado Novo"

Teatro de S. Carlos: de um "comício" a uma plateia de elite

Nuno Ribeiro

Da estreia da Oratória «Fátima» de 1931, ao impacto que suscitou a apresentação de uma outra ópera de Ruy Coelho sobre a Restauração e D. João IV, não vai apenas a distância de cerca de uma década. Simbolizando a transformação imposta por Salazar, passou-se de um comício popular, com «morras» à República Espanhola, a uma manifestação política celebrada por uma plateia constituída pela elite do Estado Novo.

Ilustrando com a história do Teatro de S. Carlos, a comunicação ontem apresentada no colóquio sobre o Estado Novo por Mário Vieira de Carvalho, colaborador e crítico musical do «DL», exemplificou a mutação da política cultural na passagem da década de 30 para a de 40. De um militantismo vivido nos anos 30, à transformação pelo ditador, daquela sala de espectáculos na «sala de visitas de Portugal».

Esta mutação, de acordo com o comunicante, deve-se às especificidades próprias à sociedade portuguesa. Num relance comparativo com o grau de desenvolvimento da Alemanha nazi ou da Itália de Mussolini, Vieira de Carvalho sublinhou o escasso industrialismo nacional, sintetizado numa frase de Oliveira Salazar: «como não queremos privilégios para ninguém, não podemos permitir que o operariado seja uma classe privilegiada». Razão pela qual,

enquanto na Alemanha ou na Itália, os partidos fascistas integravam militância sindical, no Congresso constitutivo da União Nacional, em que se insiste no seu carácter não partidário e se define a sua vocação de organização contra os partidos (em oposição aos tempos da I República), não participou nenhum operário.

Controlados os episódios protagonizados por Rolão Preto e os seus «camisas azuis», ávidos de um Chefe à semelhança de Hitler ou Mussolini a liderança de Salazar escolheu uma outra forma de se afirmar. Como o Estado Novo não exigia grandes e frequentes movimentações de massas, «os herdeiros da antiga aristocracia saboreavam as finuras da retórica do ditador, enquanto que a maioria esmagadora do povo não compreendia nada do que ouvia, sentia quanto muito o mesmo temor reverencial que lhe incutia uma missa dita em latim».



Franco em Portugal: a amizade entre as duas ditaduras ibéricas

Franco e a «multidão» de mil pessoas...

No que à ópera diz respeito, passou-se assim de uma «representação

músico-dramática do grande destino nacional», veiculada pela Oratória «Fátima», com repercussão imediata e preparada na Comunicação Social pelos serviços de propaganda do regime, ao aplauso intermuros no S. Carlos, após a sua reabertura. E, curiosamente, o autor era o mesmo, Ruy Coelho, mas desta vez, a sua obra «nacionalista» apenas serviu para o aparecimento dos «vivas» lançados da última ordem, iniciando a tradição das manifestações «espontâneas» organizadas na sala do S. Carlos por agentes da polícia política colocados em pontos estratégicos.

«Frequentar o Teatro S. Carlos transforma-se em rotineiro ritual do poder», observou Mário Vieira de Carvalho. Tal facto é confirmado pela distribuição dos lugares, dos escassos 1100 dez por cento eram reservados a entidades oficiais, iniciando-se então a fase de propriedade hereditária de assinantes privilegiados, e também pelo plano das temporadas. Com um orçamento gogantesco para o tempo — mais de cinco mil contos, correspondentes a uma fatia superior a um terço das verbas consignadas pelo Orçamento Geral do Estado às instituições de educação artística — as temporadas eram baseadas em vedetas convidadas, da ópera italiana e do repertório alemão e francês na língua original, enquanto as óperas de com-

positores portugueses apareciam, quando muito, uma por temporada.

Com uma plateia a ser cobrada, nos anos 40, a 200 escudos, não é de estranhar, como salientou Mário Vieira de Carvalho que a estadia de Franco na «sala de visitas de Portugal» tenha sido aplaudida por uma «multidão» de pouco mais de mil pessoas, assim descritas pelo insuspeito «Diário da Manhã»: «Ministros, membros do Corpo Diplomático, altas patentes das Forças Armadas, magistratura, altos funcionários, um esplendor de «toilettes», de fardas e de condecorações».

Por isso, também não é de estranhar que, aquando da apresentação em Lisboa, em 1944, no final da II Guerra Mundial, da Orquestra Filarmónica de Berlim, em digressão organizada pelo Ministério da Propaganda do «Reich», os alemães tenham imposto uma única representação no S. Carlos e três no Coliseu. No seu conjunto, foram 20 mil os espectadores, com o entusiasmo do público a transbordar para a rua...

Salazar: do «Novidades» às Finanças

Os «meandros» porque passou a ascensão de Salazar a ministro das Finanças foram o tema da comunicação apresentada por Arnaldo Madureira.

O comunicante balizou a sua intervenção nas tibiças do grupo vencedor do golpe de 28 de

Maio de 1926 e que levaram, em dois tempos, ao afastamento de Gomes da Costa e Síncl Cortes abrindo caminho a Oliveira Salazar «Os vencedores (do 28 de Maio) não podiam ficar insensíveis aos que solicitavam o reforço do papel do Estado, a instauração de um Poder executivo independente, estável, prestigiado e forte, a construção de um Estado social e corporativo», sublinhou Arnaldo Madureira.

Se estas reivindicações levaram à substituição de Gomes da Costa e do grupo que o apoiava, Síncl Cortes «não trazia consigo uma estratégia para o Portugal de então, na qual a recuperação financeira desempenhasse um papel fundamental».

Foi o tempo da «Política de Financiamento» que, por vezes, ultrapassava o que os próprios requerentes pretendiam: quando a «Match Tabacos» pediu um empréstimo de dez mil contos, contando com o aval da «Companhia dos Tabacos», Síncl Cortes decidiu, em despacho, elevar para o dobro o empréstimo prescindindo da fiança.

«Claro está», sublinhou Arnaldo Madureira reflectindo sobre este exemplo, «nunca mais foram restituídos ao Estado os 20 mil contos desta operação, com a agravante de não se ter salvo da ruína final a empresa beneficiada».

Os princípios inspiradores do 28 de Maio não encontravam, assim, correspondência prática, e a desordem económica que era imputada à República continuava: o défice da gerência de 1926-27 era cinco vezes maior

do que o da gerência anterior, a dívida flutuante aumentava para mais de 800 mil contos e o índice do custo de vida desde 28 de Maio, subia cerca de 300 vezes.

A saída encontrada foi a de tentar captar divisas da banca internacional mas, segundo o comunicante, «a banca britânica desinteressou-se da operação depois de conhecer os resultados do exame que mandou fazer à economia portuguesa». Dili-gência idêntica foi então empreendida junto do Comité Financeiro da Sociedade das Nações, mas as condições postas e, segundo Arnaldo Madureira, as pressões exercidas pelos exilados republicanos organizados na «Liga de Paris», da «União Liberal Republicana», e o descontentamento de sectores liderados por Oliveira Salazar, a partir do jornal «Novidades», fizeram abortar tal tentativa.

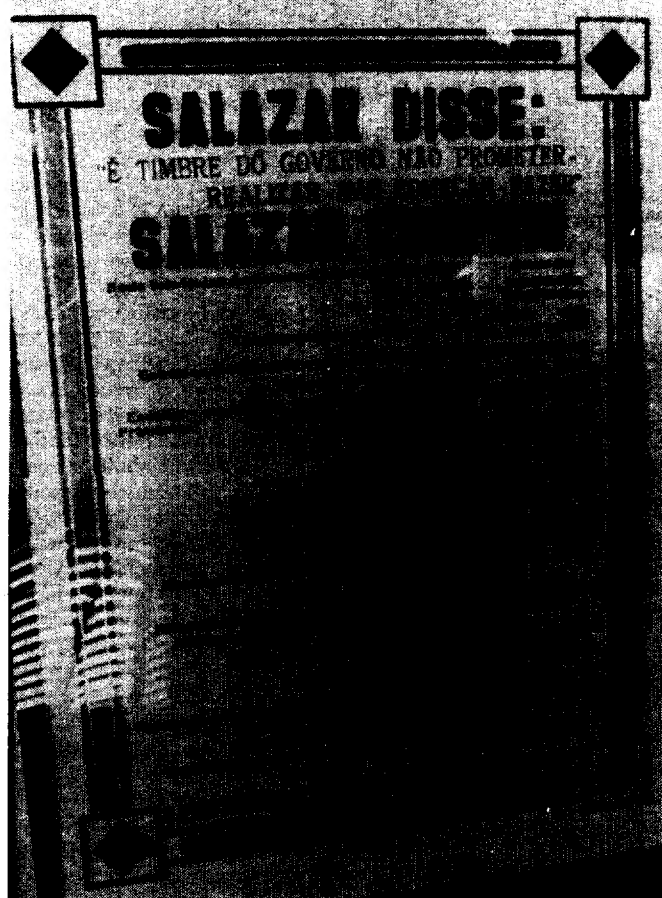
No País, o descontentamento continuava a grassar: por duas vezes, em Chaves e, a 3 de Fevereiro de 1927 no Porto, ocorreram insurreições republicanas, esta última a soçobrar em Lisboa, seis dias depois, devido à falta de coordenação dos revoltosos.

Também elementos anti-liberais e anti-socialistas, vencedores teóricos do 28 de Maio mas descontentes com a «falta de passo certo e mão forte» conspiravam: do movimento de João de Almeida, que tinha desempenhado importante papel em Angola, a Morais Sarmento e Filomeno da Câmara, a contestação subia de tom.

Entretanto, em sucessivos artigos publicado no «Novidades», com a pressão da Igreja Católica, aureolado junto dos sectores mais radicais por ter abandonado ao fim de oito dias a pasta das Finanças do primeiro Governo saído do 28 de Maio, Salazar ia afirmando o seu projecto, definindo a sua estratégia.

O convite que lhe foi endereçado não foi de imediato aceite, e só depois de laboriosas negociações em que participaram Mário de Figueiredo e Duarte Pacheco, duas figuras que haveriam de ocupar lugares de destaque durante o Estado Novo, é que Oliveira Salazar abandona Coimbra.

E, como recordou Arnaldo Madureira, no acto da sua investidura Salazar definiu como iria funcionar o Governo para, na mesma altura, afirmar lapidariamente: «Que o País discuta, que o País estude, que o País represente, mas que o País obedeça quando se chegar à altura de mandar».



«Slogans» do salazarismo: estranha semelhança com algumas «máximas políticas» actuais..

PSD: auto-elogio do Governo e encontro à vista com o CDS

O líder parlamentar e membro da comissão política do PSD, António Capucho, revelou que «apenas falta marcar a data» para o encontro entre as direcções do seu partido e do CDS, sugerido em tempos pelos centristas. Capucho deu a indicação aos jornalistas, no final da reunião da comissão política do PSD que ontem fez o balanço da actividade do Governo, empossado há precisamente um ano.

Segundo Vítor Crespo, outro dos membros da comissão política, o Executivo dirigido por Cavaco Silva «está mais forte do que quando começou» e a «popularidade do Governo, do Primeiro-Ministro e do PSD, é maior do que há um ano».

Em comentário à actividade da Oposição, Vítor Crespo opinou que «elas têm basicamente tentado dificultar a actividade do Governo, sem terem apresentado contrapartidas concretas». Distinguiu, todavia, a actuação do PRD que, segundo Crespo, tem uma «posição mais construtiva».

Relativamente ao CDS, foi dito ser um partido «com uma postura mais consentânea com os grandes objectivos do PSD».

Relativamente à acção parlamentar dos social-democratas, Capucho disse ser necessário «desbastar» os diplomas já aprovados na generalidade e que inundaram a Assembleia por obra do PCP, «exímio» - frisou - no método.

Entre os diplomas que disse ser necessário recuperar, citou o caso da Lei da Rádio que continua «adormecida» numa das comissões parlamentares.

Centristas querem substituir o alto comissário contra a corrupção

O CDS considera que «é necessário sensibilizar as representações parlamentares no sentido de encontrarem uma figura nacional, não filiada partidariamente e com experiência da vida do Estado para preencher o cargo de Alta Autoridade contra a Corrupção».

A comissão permanente dos centristas que esteve ontem reunida, sublinhou também a necessidade de rever a data da entrada em vigor do novo código das sociedades comerciais e de introduzir alterações ao texto publicado pelo Governo. Segundo o CDS, aquele texto apresenta «graves inconvenientes para a economia portuguesa e para a vida das empresas, que resultam da sua precipitada aplicação e de algumas soluções nele consagradas».

CDS contra Mota Amaral

As afirmações de Mota Amaral nas conferências de Imprensa realizadas em Ponta Delgada e Lisboa vieram comprovar a ambiguidade que caracteriza a acção política do presidente do Governo Regional, considera o CDS em comunicado distribuído ontem em Angra.

Falando aos órgãos de Comunicação Social, Rui Meireles, secretário-regional do CDS disse que «conhecia o processo completo do envolvimento de Mota Amaral com a FLA» e a sua utilização «como forma de pressão sobre os governos da República». O comunicado do CDS afirma, por outro lado, que a campanha de que o presidente do Governo Regional se queixa é feita por jornais serventuários do seu próprio partido, como é o caso do «Semanário».

Em Conselho de Ministros alargado

Cavaco Silva faz hoje balanço de um ano de governação

O Governo celebra o seu primeiro aniversário. Para o Conselho de Ministros de hoje foram convocados todos os membros do Executivo — 13 ministros e 34 secretários de Estado — prevendo-se apenas as ausências de Azevedo Soares e Manuela Aguiar, ambos, em missão no estrangeiro. Nesta reunião plenária proceder-se-á a um balanço do primeiro ano de actividade do Governo.

Este Gabinete foi constituído na sequência de eleições legislativas de Outubro de 1985, em que o PSD obteve cerca de 30 por cento dos votos (88 deputados), seguido do PS com 20,7 por cento (57 deputados), o PRD 17,92 (45 deputados), a APU 15,49 por cento (38 deputados) e o CDS com 9,96 por cento (22 deputados).

O elenco inicial incluía 13 ministros e 31 secretários de Estado, mas posteriormente foram criadas mais três secretarias: Desenvolvimento agrícola, Saúde e Justiça. A única demissão no Executivo ocorreu a 22 de Maio, quando o secretário de Estado Adjunto do Ministério das Finanças e do Tesouro, Tavares Moreira, ocupou o cargo de governador do Banco de Portugal, e foi substituído por Carvalho Fernandes.

Cerca de uma semana depois da tomada de posse, a 15 de Novembro, o Executivo apresentou o seu programa na Assembleia da República, para três meses mais tarde, a 19 de Fevereiro, levar ao fim o ciclo da sua proposta de Orçamento de Estado (OE) para 1986.

Na votação global desta proposta, que entrou em vigor no princípio de Abril, pronunciaram-se a favor o PS, PRD e CDS e contra o PCP e o MDP/CDE.

A oposição ao Executivo de Cavaco Silva, diversas vezes acusada pelos governantes de «obstruir a acção do Governo» inviabilizou na Assembleia da República algumas decisões governamentais. Neste âmbito, assumiram particular destaque a chamada «guerra dos combustíveis», que obrigou o Governo a baixar os preços destes produtos, problema da alienação dos bens do Estado em empresas

públicas, que impediu a venda de acções do «Jornal de Notícias» e, mais recentemente, o caso da CNP, traduzido na anulação do diploma governamental que pretendia extinguir a Companhia Nacional de Petroquímica.

Apesar desta acção, a Assembleia da República aprovou, em Junho, uma moção de confiança ao Executivo, apresentada pela bancada do PSD e que obteve 108 votos a favor (PSD, CDS), 93 contra (PS, PCP e MDP) e 44 abstenções (PRD). Durante um ano de mandato, o Primeiro-Ministro Cavaco Silva deslocou-se três vezes ao estrangeiro: duas vezes particularmente (Alemanha Federal e Estados Unidos) e a terceira a Londres, por ocasião das cerimónias comemorativas dos 600 anos da aliança Portugal-Inglterra.

Quanto a encontros com personalidades estrangeiras em Portugal, Cavaco Silva teve diversos contactos, alguns deles sem carácter oficial e decorrentes da vinda a Lisboa de entidades para outras missões, como aconteceu por ocasião da tomada de posse do presidente Mário Soares.

No seu primeiro ano de actividade, o décimo Governo apresentou na Assembleia da República, a 15 de Outubro, a sua proposta de Orçamento de Estado para 1987, já em discussão nas comissões e cuja votação está prevista para princípios de Dezembro.

Governo: um ano favorável

Uma conjuntura internacional favorável ajudou o Governo, um ano após a entrada em funções, a cumprir o seu primeiro objectivo em termos económicos: o controlo da inflação e a manutenção da tendência regressiva.



Há um ano, as felicitações do seu antecessor

Quando tomou posse, em 6 de Outubro de 1985, a taxa de inflação estava já a diminuir, embora ainda tivesse atingido 19,3 por cento (média anual) no final do ano passado. A descida do dólar nos mercados internacionais, a que veio juntar-se posteriormente uma acentuada quebra dos preços do petróleo, possibilitou ao Governo estabelecer uma meta de 14 por cento para a subida dos preços no final do ano em curso, que viria a ser corrigida para 12 por cento.

Paralelamente, foi possível a diminuição das taxas de juro das operações activas e passivas que, desde que o Governo entrou em funções, caíram já 8,5 pontos percentuais. Esta descida visava estimular o investimento e, particularmente o investimento privado, apontando o Executivo para um crescimento desta variável na casa dos 10 por cento em 1986. Contudo, embora seja inevitável uma retoma após três anos de quebra acentuada (-7,5 por cento em 1983, -18 por cento em 1984 e -3 por cento em 1985), os indicadores disponíveis mostram que o objectivo governamental, posteriormente corrigido para 9 por cento, poderá vir a não ser atingido.

A razão reside no facto de as empresas, após dois anos de profunda recessão no mercado interno, terem grande capacidade disponível para responderem a aumentos do consumo, sem necessitarem de proceder de imediato a investimentos em infra-estruturas, máquinas e equipamentos.

Por outro lado, o sector exportador, desde há alguns anos o mais dinâmico da economia, está confrontado com uma situação de menor crescimento das suas vendas para o exterior, o que também não obriga a novos investimentos, dada a capacidade produtiva disponível existente.

Este facto — menor crescimento das exportações — poderá também estar relacionado com a suspensão, entre 1 de Dezembro

de 1985 e 31 de Março de 1986, do sistema de desvalorização anunciada e programada do escudo, medida muito contestada por diversos meios económicos, entre os quais técnicos do próprio Banco de Portugal.

De acordo com esses meios, a decisão governamental implicou uma perda de competitividade das exportações portuguesas nos mercados externos, optando as unidades produtivas por adiar a concretização dos seus negócios para o momento em que a depreciação do escudo fosse reatada. Daí que a taxa de crescimento em volume das exportações nacionais no primeiro semestre do ano se tenha fixado abaixo dos 3 por cento, contra uma previsão de 5 por cento para o total do ano.

Dinamizar mercado de capitais

O Governo continuou também a política anteriormente prosseguida de dinamização do mercado de capitais, embora tenha já alertado para eventuais situações especulativas que se verificam neste momento na Bolsa de Lisboa, como resultado da escassa oferta de títulos e da grande pressão da procura. A diversificação da aplicação de poupanças parece ser no entanto, uma realidade e, embora o fenómeno ainda seja relativamente diminuto, poderá vir a aliviar a pressão sobre os bancos nacionalizados, do grande peso resultante dos encargos com depósitos a prazo, até há pouco tempo a única forma de rentabilizar minimamente as poupanças de empresas e particulares.

Neste sector, o Governo tem aliás sido duramente atacado, ao fazer «marcha atrás» em pelo menos duas decisões que tomou. A primeira dizia respeito à liberalização das taxas de juro, vindo algum tempo depois a rectificar essa decisão, estabelecendo que os depósitos à ordem não poderiam ser remunerados a uma taxa superior a 4 por cento. A segunda teve a ver com a imposição do aumento do capital social dos bancos privados que se instalaram recentemente em Portugal, de 1,5 milhões de contos para 2,5 milhões.

Encosta do Restelo QUARTEIRÃO ROSA

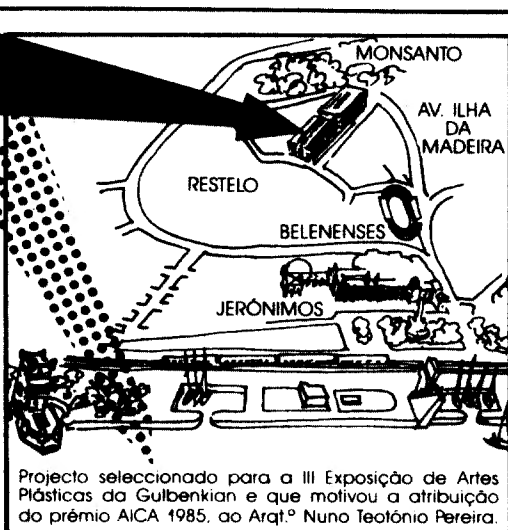
Bom gosto... é uma questão de opinião
Venha ver se a sua coincide com a nossa
O SEU ANDAR OU MORADIA DE QUALIDADE
PRONTOS A HABITAR
FACILIDADES SEM PRECEDENTES

Empreendimento da Avenida

Av. Gonçalo Nunes (Junto à Av. Ilha da Madeira) - Tel. 615158

VISITE-NOS

Todos os dias úteis, sábados e domingos



Projecto seleccionado para a III Exposição de Artes Plásticas da Gulbenkian e que motivou a atribuição do prémio AICA 1985. ao Arq.º Nuno Teotónio Pereira.

Trabalho dos deputados atrasado por avaria na fotocopiadora...

As comissões parlamentares especializadas têm visto o seu trabalho de análise do Orçamento de Estado fortemente afectado. Motivo: uma irritante avaria nas máquinas de fotocópias da Assembleia da República está a dificultar a distribuição dos documentos vindos do Governo. Foi por isso, aliás, que já foi dilatado o prazo de entrega dos diversos pareceres, inicialmente previsto para o final desta semana, para o próximo dia 12.

Fica assim também prejudicado o relatório da Comissão de Economia que costuma fazer uma análise exaustiva do Orçamento de Estado baseando-se precisamente nos pareceres sectoriais. A apresentação deste relatório terá de ser feita até dia 16 para não atrasar a discussão do Orçamento em plenário, com início dois dias depois.

As queixas dos socialistas

Mas, de acordo com os socialistas, outros motivos estão a dificultar a apreciação do Orçamento de Estado. Por um lado, «os atrasos» do Governo no envio dos documentos (o «DL» apurou que a discriminação dos orçamentos por ministério só chegou ao Parlamento na passada segunda-feira) e, por outro, a falta de «elementos obrigatórios nos termos da lei» que são indi-

spensáveis ao «enquadramento do Orçamento». Esta a apreciação feita ontem na reunião do Gabinete-sombra do PS que considerou «inevitáveis as barreiras ao exame do verdadeiro significado da proposta de Orçamento» e responsabilizou desde já o Executivo «por possíveis atrasos» na sua votação.

Projecto de lei sobre audio-visuais

Entretanto, ainda ontem, mas na reunião de líderes parlamentares, o PS requereu o agendamento do seu projecto de lei sobre os Meios Audio-Visuais para o próximo dia 25. No entanto, e uma vez que tal recairia sobre a discussão do Orçamento foi solicitada a sua antecipação para dia 13. Alguns partidos manifestaram reservas a esta sugestão tendo ficado adiada para reunião po-

sterior uma decisão sobre o assunto.

Reuniu também ontem a Comissão de Equipamento Social, curiosamente a primeira a aprovar o seu parecer sobre o respectivo capítulo do Orçamento, votado por unanimidade, excepto em dois pontos que tiveram a oposição do PSD. Estes respeitam à área de transportes na parte referente ao sector público e à política de transportes marítimos.

Vários ministros e secretários de Estado, entre os

quais Leohor Beleza, Santos Martins, Valente de Oliveira, Carlos Pimenta e Silva Peneda, deslocaram-se ontem ao Parlamento para se reunirem com as comissões especializadas.

Destaque ainda para a reunião da Comissão de Defesa em fase de elaboração de um projecto de parecer sobre o orçamento do sector. Na ocasião, alguns deputados salientaram «a falta de discriminação», na proposta do Governo, «das contrapartidas dos acordos».

Entretanto, a sub-comissão permanente para os Assuntos da Comunicação Social tem estado o a ouvir as administrações das empresas públicas do sector. Ontem compareceram representantes do «Jornal de Notícias», do «Comércio do Porto», da EPNC e da RTP. Para terça-feira estão marcados encontros com a ANOP e a RTP.

Jogos e diversões

Hoje o plenário de deputados vai reunir-se pela única vez esta semana para continuar a apreciar assuntos que

têm transitado de agendas anteriores. Assim, continua em discussão o projecto do PSD que estabelece o parecer vinculativo das câmaras municipais para o licenciamento de jogos e diversões públicas. Está ainda previsto o debate sobre um projecto de lei que actualiza os abonos dos titulares das juntas de freguesia e de dois outros, do PRD e do PCP, que alteram disposições relativas ao regime de exclusividade dos docentes do ensino superior e dos investigadores.

Eanes com deputados do PRD

O PRD retoma amanhã as suas Jornadas Parlamentares, das quais sairão as grandes linhas orientadoras da sua política para os próximos tempos. Como se sabe estas Jornadas tinham-se iniciado em Outubro último, ficando na altura decidido que seriam suspensas até à Convenção Nacional, uma vez que nela seriam eleitos os novos corpos directivos e que o general Ramalho Eanes assumiria a presidência do partido. Foi também acordado que, após a primeira fase das Jornadas, haveria uma reunião no dia 31 de Outubro entre Ramalho Eanes e o Grupo Parlamentar.

Tal reunião somente pôde

ser efectuada na terça-feira, devido à deslocação do presidente do PRD a Moçambique para assistir ao funeral de Samora Machel. Nela esteve presente toda a direcção do Grupo Parlamentar dos renovadores, constituída por Magalhães Mota, José Carlos de Vasconcelos, Bartolo Piva Campos, Sousa Pereira e Alexandre Manuel.

Esta segunda volta das Jornadas Parlamentares do PRD terá início amanhã às 15 horas, na Assembleia da República. Inicialmente o Grupo Parlamentar reúne-se na totalidade, subdividindo-se depois por comissões para tratarem as várias matérias específicas.



Agora, há FIESTA para todos. Com 1000, 1400 e 1600 Diesel Van, a FIESTA está completa.

Agora, pode escolher ainda melhor o estilo de FIESTA que mais lhe agradar: para além do XR2 — muito desportivo, do 1.1 CL — versátil e económico, e do 1.1 Ghia — o máximo em requinte e conforto, tem também o 1.0 C — jovem e prático, o 1.4 Sport — potente e dinâmico, e o 1.6 DIESEL VAN — a grande solução para as pequenas cargas.

Venha conhecê-los no seu concessionário FORD.



QUALIDADE E INOVAÇÃO

A «TALUDA»

N.º 56890, DE 31/10
60 000 CONTOS

FOI VENDIDA NA

CASA VIOLA

DIA 18/12 LOTARIA DO NATAL

1.º PRÉMIO: 250 000 CONTOS

BILHETES A 20 000\$ E VIGÉSIMOS A 1000\$



PEDIDOS PELO CORREIO PARA:

CASA VIOLA, LDA.

RUA DA ASSUNÇÃO, 67
1100 LISBOA — TELÉF. 32 46 47

Lucas Pires fez discurso de abertura

Soares presidiu à abertura do Congresso Nacional da APAVT

Mário Soares presidiu ontem no Cine-Teatro de Aveiro à abertura do XII Congresso Nacional das Agências de Viagens e Turismo (APAVT), na qual o discurso de fundo foi proferido por Lucas Pires, actual vice-presidente do Parlamento Europeu. «A autoconfiança, é imprescindível para que os portugueses possam viver ao nível europeu», disse o ex-presidente centrista.

No discurso em que iniciou as actividades do Congresso, Lucas Pires advertiu os participantes para a necessidade que a Portugal se impõe de colocar os seus serviços em pé de igualdade com os dos países do Mercado Comum.

O vice-presidente do Parlamento Europeu acentuou que enquanto a hispanidade se afirma à escala planetária, a lusitanidade esconde muitas vezes a sua etiqueta. Realçando a necessidade de Portugal expandir a sua cultura, Lucas Pires opinou que a extinção da Direcção-Geral de Cultura do Ministério dos Negócios Estrangeiros «não ajuda esse desiderato».

A propósito da emigração,

Lucas Pires propôs uma nova filosofia para encarar o fenómeno, considerando ser preciso dizer não à «tese da galinha-mãe que teima em que os filhos voltem para debaixo das suas asas».

A biculturalização das comunidades de emigrantes foi pelo orador considerada enriquecedora das próprias e de Portugal. Lucas Pires defendeu que, além do renascimento cultural, o País precisa de apostar em valores específicos, tais como a sua gastronomia e a sua música para impor no estrangeiro a sua imagem de marca.

Referiu, depois, os resultados conseguidos pela Alemanha Federal e pela Itália nesses domí-

nios e autoconfiança com que os trilharam.

«Para podermos viver ao nível europeu, três vezes melhor, precisamos seguir os exemplos desses países, munindo-nos de autoconfiança», propôs o vice-presidente do Parlamento Europeu.

Agentes de viagens, transportadores, industriais de Hotelaria e quadros dos organismos centrais e regionais de promoção turística constituem o universo dos participantes.

Ao todo, inscreveram-se para os trabalhos 650 pessoas, que por completo esgotaram a capacidade de acolhimento do parque hoteleiro de Aveiro e das vilas circunvizinhas.

Fotos maravilham Soares

O Presidente da República afirmou ontem em Coimbra que iniciativas como o Encontro de Fotografia — na sua VII edição e organizado pelo Centro de Estudos de Fotografia da Associação Académica de Coimbra — estão

«a encontrar eco na sociedade portuguesa».

«Fiquei maravilhado com o que vi e tenho de cumprimentar os organizadores, porque não é vulgar poder trazer a Portugal exposição deste nível», sublinhou.

O Presidente da República referia-se particularmente à colecção de Graham Nash, em exposição no Museu Machado de Castro, composta por um conjunto de 160 fotografias de algumas dezenas dos mais famosos fotógrafos de sempre.

Vital Moreira, falando em nome do Centro de Estudos de Fotografia da AAC, realçou igualmente a qualidade do certame e sublinhou que ele se insere num projecto mais amplo daquele centro.

No certame estão representados alguns dos nomes mais importantes da história da fotografia, quer com trabalhos incluídos nas exposições quer intervindo nos «workshops e conferências.

Fundição nacional produz apenas 30 por cento da média da CEE — afirmou dirigente em congresso

Mário Soares presidiu ontem no Porto à sessão solene do VII Congresso Nacional de Fundição, durante a qual o presidente da APF afirmou que Portugal produziu o ano passado 6,6 quilos por habitante neste ramo fabril, ao passo que na CEE esse valor atingiu os 45. Segundo Jorge Vasconcelos, esta situação do sector já vem de longe e resulta, em grande parte, da longa prática proteccionista que eliminou o risco da concorrência tendo a gestão da crise impedido que se tomassem medidas de fundo a partir dos anos 70.

Afirmando ser a primeira vez que um PR está presente num Congresso Nacional de Fundição, Jorge Vasconcelos ofereceu a Soares uma medalha comemorativa do evento e da V Exposição Nacional de Fundição, que decorre paralelamente à reunião, até amanhã. A troca de experiências tecnológicas e o intercâmbio de conhecimentos e contactos nos variados campos da vida empresarial são pontos em debate nestes dois últimos dias, traduzindo-se na apresentação de quinze trabalhos técnicos, alguns deles debatidos ontem e esta manhã.

O presidente da APF, Jorge Vasconcelos, referiu-se à estrutura deficiente do sector, que em 1985 produziu 64 mil toneladas,

contra 700 mil da Espanha e 8,7 milhões da CEE.

Segundo a mesma fonte, o sector da fundição produziu em 1985 6,6 quilos por habitante, contra 18,9 da Espanha e 34,7 da Comunidade Europeia, «o que demonstra a grande distância que ainda nos separa da Europa».

Uma das grandes vantagens da indústria de fundição é, segundo o presidente da APF, dispor de mão-de-obra de qualidade, apesar desta não ter ao seu dispor meios de produção que lhes permita obter maiores produtividades.

Mário Soares:

«Choque com a Europa está a ser salutar»

Mário Soares disse ontem no Porto que o choque com a Europa está a ser salutar. «Há progresso e desenvolvimento» em Portugal e «o País está a caminhar para a Europa», foram outras afirmações do Presidente da República na cerimónia de inauguração da EMAF-86 — Exposição Internacional de Máquinas-Ferramentas e Acessórios.

Organizada pela AIP portuense em colaboração com o Centro de Cooperação dos Indústrias de Máquinas e ferra-

mentas (CIMAF), a EMAF-86 está a decorrer no Palácio de Cristal e conta com a presença de 372 expositores, alguns dos quais oriundos da URSS, Checoslováquia, Espanha, França, Itália e Alemanha Federal.

Exposição periódica, a EMAF-86 efectua-se este ano num período muito especial para o sector, uma vez que a entrada de Portugal na CEE impõe uma urgente revitalização nas áreas da inovação, desenvolvimento de produtos e investimento com vista à sua subsistência.

Destinada a profissionais do sector, mas também aberta ao público em horários condicionados, a EMAF-86 ocupa uma área de cinco mil metros quadrados e vai decorrer até ao próximo dia 10 de Novembro.

No âmbito do certame e com o patrocínio da Ordem dos Engenheiros, vão ter lugar três colóquios.

Os temas a desenvolver nestes colóquios vão desde as perspectivas de penetração da indústria portuguesa de máquinas-ferramentas no mercado europeu e americano até à tecnologia de ponta — o Laser e suas aplicações na construção metalomecânica, tendo em vista informar e sensibilizar os industriais e os seus

quadros para as tecnologias de ponta.

Paços de Ferreira: século e meio...

Mário Soares presidiu na Câmara Municipal de Paços de Ferreira à sessão solene comemorativa do centésimo quinquagésimo aniversário do concelho.

Na ocasião, vários funcionários municipais foram distinguidos com medalhas de ouro, e a edilidade de Paços de Ferreira ofertou ao Chefe de Estado um exemplar de luxo da obra «Estudos Monográficos de Paços de Ferreira».

Esta obra consta de oito trabalhos, com cerca de mil páginas, abordando temas como «Geografia Física e Humana», «Primeiros Núcleos de Povoamento — Povos e Culturas», «Paços de Ferreira na Idade Média», «Paços de Ferreira e a Idade Moderna», «A Etnografia de Paços de Ferreira» e «Solares de Paços de Ferreira».

Mário Soares inaugurou a Avenida dr. Jaime Barros e uma escola Primária, visitando depois a feira-mercado e, já na cidade do Porto, deslocou-se à Escola Superior de Belas Artes, onde apreciou uma exposição das obras de Júlio Resende.

Guimarães dos Santos é o candidato nortenho da Ordem dos Médicos

Guimarães dos Santos, actual presidente do Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos e candidato à presidência do Conselho Executivo Nacional dessa instituição representativa dos profissionais da Medicina, disse, no Porto, assentar uma das linhas do seu programa de acção na adopção de medidas que aperfeiçoem e transformem o Serviço Nacional de Saúde num «sistema economicamente viável».

Na mesma ocasião, numa conferência de Imprensa na qual apresentou aos jornalistas as razões da sua candidatura, Guimarães dos Santos referiu que o seu grande objectivo é «contribuir decisivamente para um renovar do prestígio da nossa profissão», sendo para isso necessário «lutar prioritária e incessantemente contra os condicionaisismos capazes de causar a iniquidade do desemprego médico». «Só com uma Ordem dignificada e prestigiada seremos capazes de negociar com o poder político numa posição forte e responsável», disse.

Esta candidatura, segundo Daniel Serrão, seu apoiante, mais se justifica quando Gentil Martins, também candidato à chefia da Ordem dos Médicos, sofre «um certo desgaste na sua imagem», devido à intensidade com que viveu a presidência da Ordem todos estes anos.

O candidato do Norte é especialista em cirurgia vascular, sendo director de várias organizações médicas, e defende que a presidência da Ordem dos Médicos não deve ser «mera caixa de ressonância das reclamações justificadas e legítimas da universalidade dos médicos», devendo «também emitir orientações genéricas, visando, designadamente, a melhoria das condições de trabalho, de remuneração e de segurança social dos médicos», já que «há longo tempo se vis-

lumbram graves carências de estruturas e sinais de roturas no funcionamento» dos serviços da Ordem.

«É necessário pôr cobro ao constante desgastar das nossas energias, como tem sucedido nos últimos dois anos, apenas a atacar de forma sistemática a máquina do poder democrático», afirmou ainda.

Candidatura à Ordem dos Advogados

Também em conferência de Imprensa, Augusto Lopes Cardoso apresentou a sua candidatura e programa a bastonário da Ordem dos Advogados para o triénio de 1987/89.

O causídico propõe-se desenvolver «uma nova maneira de actuar» na defesa da independência e competência dos advogados e promover formas de «solidariedade efectiva» e de «descentralização real da Ordem». Entre as suas propostas está a preocupação em acentuar «o que pode dar» «sobre o que tem a pedir aos advogados».

São essas propostas, por exemplo, a criação de um sistema de estágio bem estruturado e melhor remunerado, o estabelecimento de sistemas de formação permanente dos advogados e a criação do estatuto de especialização. Defende ainda Augusto Lopes Cardoso uma nova tabela de honorários ou a revisão do regime das sociedades de advogados.

Lopes Cardoso é o terceiro candidato a apresentar-se publicamente, depois de José Manuel Galvão Teles e Marques Mendes, tendo como apoiantes, entre outros, Correia Afonso, Rui Pena, Júlio Castro Caldas, Vasco Soares da Veiga, José António Barreiros, Alberto Vaz Serra e Sousa e Sertório Leal de Barona.

Apesar de ter lucros de 1,75 milhões

Misericórdia retém verbas da Solidariedade Social

Há seis meses que a Misericórdia de Lisboa se recusa a dar cumprimento a um despacho do secretário de Estado da Segurança Social, relativamente aos retroactivos a pagar às instituições de solidariedade social — denuncia a UIPSS em carta remetida àquele governante.

A delegação distrital de Lisboa da União das Instituições Particulares de Solidariedade Social acusa a Misericórdia de Lisboa de «proceder a uma escandalosa retenção, indevida, de verbas devidas às instituições», facto tanto mais grave quanto é certo que um relatório da gerência da actual mesa prevê proveitos na ordem dos 1,75 milhões de contos de aplicações financeiras.

O mesmo relatório da actual gerência, tomado público há doze dias, refere que em 1985 aquelas receitas — da aplicação

financeira — atingiram 1,13 milhões de contos, subindo para 1,75 milhões no espaço de um ano. Todavia, desde o princípio do ano que a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa «não dá cumprimento ao compromisso assumido pelo senhor provedor de «mandar aplicar, de imediato, o despacho normativo n.º 49/86, e pagar os retroactivos de Janeiro a Setembro de 1986», disse o presidente da UIPSS ao «DL».

Ainda segundo José Alvaro Vidal, essa atitude «é tanto mais preocupante quanto é certo que a delegação distrital da União da IPSS tem vindo a realizar insistentes diligências junto da Provedoria deste 22 de Maio deste ano, no sentido de dar pronta execução, por parte da SCML, ao despacho normativo n.º 49/86».

Condutores com álcool

Dez condutores de veículos pesados de passageiros e 104 de pesados de carga, foram apanhados a guiar com álcool a mais no sangue, durante o mês de Setembro — anunciou o Comando-Geral da GNR.

Entre os condutores de pesados de passageiros, seis foram apanhados a guiar com elevadas taxas de alcoolémia (igual ou superior a 0,9 gramas por litro de sangue), enquanto 73 condutores de pesados de carga também conduziam com elevada taxa de álcool.

Em Setembro, no âmbito da campanha «álcool e condução», a GNR aplicou o teste de alcoolémia a 4254 condutores, tendo sido detectados 977 a conduzir com taxas superiores às permitidas por lei (0,5 gramas de álcool por litro de sangue).

Dos condutores em transgressão, 674 (mais de 68,9 por cento) conduziam com taxas iguais ou superiores a 0,9 gramas.

Entre os condutores não profissionais, foram detectados 623 a guiar com álcool a mais em veículos ligeiros.

O grupo etário com maior número de casos ilegais foi o das idades compreendidas entre os 22 e os 30 anos (291), seguindo-se os com idades entre os 31 e os 40 anos (290).

Dos 977 casos detectados, 244 ocorreram no distrito de Lisboa, 80 em Santarém e 77 em Faro.

O menor número de casos de alcoolémia (14) registou-se em Vila Real.

Emigrante nos EUA

morto na caça por cunhado

Em New Bedford, USA, onde se encontrava radicado, morreu no sábado passado, vítima de acidente de caça, o emigrante português António Barros da Silva, de 36 anos, natural de Boticas. O autor do disparo fatal foi um cunhado de António Barros que o atingiu no peito ao fazer fogo sobre um coelho. Na caçada participavam ainda um irmão e um outro cunhado do malogrado emigrante.

Pertenciam ambos à Base de Sintra

Dois pilotos da Força Aérea mortos na queda dum avião em Beja

Dois jovens pilotos da Base Aérea N.º 1, sediada em Sintra, morreram cerca das 12 e 30 de ontem, quando o avião de treino, um jacto «T-37», em que seguiam, se despenhou na herdade da Zambujeira, em Beringel, a onze quilómetros de Beja. Já ao fim da tarde, o Estado-Maior da Força Aérea emitiu um comunicado no qual identificava as duas vítimas como sendo o capitão Gil José Vaz Afonso e o tenente César Ferreira Vagos Morais.

Os Bombeiros Voluntários de Ferreira do Alentejo, que se deslocaram ao local, tinham anunciado inicialmente que se tratava de uma avioneta particular, cuja matrícula não era possível distinguir, mas que estava toda desfeita, contendo na carlinga os corpos carbonizados de duas pessoas.

De acordo com o comunicado do Estado-Maior da Força Aérea, o «T-37», um jacto monoreactor de dois lugares, do mesmo tipo dos utilizados pelos «Asas de Portugal», encontrava-se em exercícios de instrução, sendo ainda desconhecidas as causas que motivaram a sua que-



As duas vítimas: capitão Vaz Afonso e Tenente César Morais

da num olival da herdade da Zambujeira.

De referir que o acidente de ontem elevou para oito o número de desastres aéreos já registados este ano em Portugal, os quais causaram oito vítimas mortais.

O anterior acidente envolveu também um avião da Força Aérea, um «Fiat» da Base do Montijo, que se despenhou a 24 de Setembro próximo de águas de mouro causando ferimentos aos dois ocupantes. A 19 de Agosto, uma avioneta que distribuía publicidade caiu sobre o aeródromo da Penina, no Alvor, provocan-

do a morte do seu piloto. Em Junho, um helicóptero da Base Aérea do Montijo caiu devido a uma avaria no motor, provocando um morto e três feridos. Em Maio, a colisão de dois «A-7» da Força Aérea perto de Leiria provocou a morte de um piloto e de uma camponesa que trabalhava numa horta onde caiu um dos aviões. A 5 de Março, uma avioneta bimotor particular despenhou-se na serra do Caramulo, tendo morrido o seu proprietário, e no dia seguinte um avião da Força Aérea caiu perto de Alcácer do Sal, causando a morte do piloto.

Acidentes mortais com armas de caça

Durante os últimos dias de caça que terminou a 2 do corrente mês ocorreram dois acidentes mortais com armas de fogo, em Freixianda, Vila Nova de Ourém quando um caçador foi atingido pelo disparo da sua própria arma e outro em Quinta Alípiã, Alenquer, alvejado involuntariamente por um outro caçador.

Também em Alijó um menor de 12 anos foi ferido por um tiro disparado pelo próprio pai, encontrando-se internado em estado grave.

Caçadores ilegais na mira da GNR

Militares da GNR em missão de fiscalização do cumprimento da lei de caça detiveram entre 30 de Outubro e 2 do corrente mês em vários pontos do país 21 indivíduos encontrados a caçar em situação ilegal.

Todos os infractores foram enviados aos tribunais das respectivas comarcas e apreendidas as armas bem como os restantes utensílios utilizados na prática venatória.

LOTARIA COMEMORATIVA DO 203.º ANIVERSÁRIO DA LOTARIA NACIONAL



lotaria da dupla sorte taluda 100.000 contos no bilhete inteiro



as duas fracções privilegiadas recebem 22.000 contos, cada.

as restantes oito 7.000 contos também cada uma



dia 7 anda á roda

BANCO DE PORTUGAL DEPARTAMENTO DE EMISSÃO E TESOURARIA

AVISO

O Banco de Portugal leva ao conhecimento do público que, de harmonia com o disposto nos artigos 10.º e 11.º da Lei Orgânica, decidiu retirar da circulação, a partir da data deste aviso e até 30 de Janeiro de 1987, as notas de

MIL ESCUDOS

Ch. 10, effigie «D. Maria II»

No decurso do prazo de retirada acima indicado, manter-se-á o poder liberatório das referidas notas, não podendo, portanto, ser recusadas nos pagamentos.

Expirado aquele prazo, as notas abrangidas por este aviso só poderão ser reembolsadas no Banco de Portugal, quer na Sede, em Lisboa, quer em qualquer das suas Dependências, até 30 de Janeiro de 2007 data a partir da qual deixam de ter qualquer valor fiduciário.

Lisboa, 6 de Novembro de 1986

BANCO DE PORTUGAL

Os Vice-Governadores

ANTÓNIO CARLOS FEIO PALMEIRO RIBEIRO

WALTER WALDEMAR PEGO MARQUES

Dizem pretender "asilo político"

Seis etíopes clandestinos num barco panamiano em Setúbal

Num navio com a bandeira panamiana ancorado em Setúbal, com uma carga de explosivos a bordo, encontram-se retidos seis jovens etíopes embarcados clandestinamente em Djibouti. São eles Dawit Abraha, de 16 anos, Mesfin Tazabu, de 14 anos e Girma Arrange, de 17, encontrados dentro de uma grua e Tewodros Abraha, de 20, Lishan Aypekurumd da mesma idade e Asiged Abebe, de 18, refugiados no paiol do «Angeli-que», que afirmam pretender pedir asilo político num país europeu.

Segundo o comandante do navio, Ponciano Monterona, os clandestinos «foram detectados desde a saída do cargueiro em Djibouti, a 10 de Setembro», tendo passado sucessivamente pelos portos de Annaba, La Valetta, Malta, Lagoulette, Benghazi, Misurata, Brega e Port Said. A mesma fonte disse ainda que os jovens têm sido mantidos fechados em todos os portos, e impedidos de desembarcar.

Português condenado a 6 anos de prisão em Luanda

O Tribunal de Luanda condenou ontem nove réus, entre eles um português, a penas que vão de três a 18 anos de prisão maior por delitos como fogo posto, peculato e tráfico de diamantes. O nosso compatriota, Alexandre Ventura Robalo, de 50 anos, foi sentenciado a seis anos de prisão maior, pelo último deste delitos. Quanto à pena mais elevada — 18 anos de prisão maior — foi aplicada a Domingos Francisco, de 35 anos, natural de Banga, província de Cuanza Norte, que confessou ter incendiado o seu camião, depois de vender a carga e quatro diamantes não lapidados simulando haver sido vítima de um ataque da UNITA.

Entretanto, o tribunal, presidido pelo juiz Adolfo João Pedro, absolveu dois dos arguidos por insuficiência de provas.

Haxixe e pistola roubados no Tribunal de Lagos

Desconhecidos assaltaram, na madrugada de anteontem, o Tribunal de Lagos tendo levado haxixe, uma pistola de gás e dinheiro. A droga, relativa a um processo em fase de instrução naquele tribunal, e cujo peso e valor não foram revelados pelas autoridades policiais, estava depositada em gavetas, que os assaltantes arrombaram servindo-se dos manípulos das máquinas de escrever como alavancas. Quanto à entrada no edifício foi executada através de uma sacada, com a posterior fractura de um dos vidros do «hall».

Fiscais sob investigação da Judiciária

Corrupção na Inspeção das Actividades Económicas

A Secção Anticorrupção da Polícia Judiciária de Lisboa está a investigar um caso de corrupção em que estarão envolvidos três funcionários da Inspeção das Actividades Económicas, fortemente suspeitos de, entre outras irregularidades, terem recebido no dia 10 de Setembro findo dinheiro para não autuarem uma empresa em cujas instalações teriam sido encontrados produtos alimentícios deteriorados.

Os funcionários daqueles serviços de fiscalização detectaram nos armazéns da firma Marriot-Serviços Aéreos e de Assistência a Bordo, Limitada, situados na Rua da Guiné, 9, Prior Velho, periferia de Lisboa, produtos que se destinavam à confecção de refeições a serem consumidas pelos passageiros de algumas companhias aéreas que escalam o Aeroporto da Portela de Sacavém.

Na oportunidade, e embora os produtos em questão fossem em pequena quantidade, exigiram dinheiro para evitar a autuação, isto na versão de uma das partes ou aceitaram a oferta desse montante segundo posicionamento de outros intervenientes.

Setenta e cinco contos terá sido o quantitativo que, de uma maneira ou de outra, ao passar de mãos em circunstâncias fraudulentas, encobriria uma infracção grave, na medida em que aqueles géneros a serem utilizados na confecção de alimentos poderiam provocar intoxicação de passageiros em voo, portanto em condições de mais precária assistência e de imprevisíveis consequências.

O director-geral para Portugal da «Marriot» terá, segundo fontes próximas da empresa, admitido haver utilizado aquele meio persuasivo para evitar problemas à multinacional para onde trabalha, só que na sede, em Washington, na América, os administradores terão encarado o

problema por outro ângulo e decidido despoletar o assunto.

Assim, o responsável pela «Marriot» no nosso País foi suspenso e passivo de um processo disciplinar que poderá fornecer justa causa para despedimento, sendo ainda arguido conjuntamente com os três funcionários da Inspeção das Actividades Económicas no processo que corre os seus termos na Polícia Judiciária.

Junto da «Marriot», uma empresa americana com uma cadeia de hotéis em vários países e que opera em 26 aeroportos internacionais, o «DL» apenas conseguiu a confirmação da referida irregularidade e de que a acção tomada contra o director português se deveu ao facto de o seu comportamento ser punido pelo Código Penal e afectar e lesar de modo grave os interesses patrimoniais.

Mais casos de corrupção

Embora sem confirmação oficial devido ao habitual laconismo das autoridades judiciais, pode-se já afirmar que os três fiscais da Inspeção Económica são também objecto de indicição de haverem agido do mesmo modo ilícito junto de outras firmas congéneres da «Marriot», como a «Costa Campos» e «Saal» e que a sua actuação configura o crime de extorsão e não o de suborno, em que como se sabe no primeiro caso há uma vítima que cede à ameaça de um mal e entrega o dinheiro enquan-

to no outro há dois infractores; aquele que efectua voluntariamente a dádiva e o funcionário que a recebe para deixar de cumprir uma obrigação legal ou cometer um acto injusto para benefício ou agrado do primeiro.

Algumas das actuações dos fiscais terão sido rodeadas de atitudes de quase confronto físico para consumarem as extorsões como referem algumas das vítimas, que voluntariamente se apresentaram no Tribunal de Investigação Criminal, na linha de que há semanas os principais responsáveis da Inspeção das Actividades Económicas tornaram público: Os agentes económicos alvo de acções ou propostas de natureza corrupta devem colaborar na denúncia para punição dos funcionários prevaricadores contribuindo externamente para o que de modo interno se está a levar a cabo para pôr fim à corrupção em defesa de todos, especialmente do consumidor, com vista à moralização dos serviços.

Um responsável da Inspeção das Actividades Económicas garantiu ao «DL» que aqueles serviços estão a prestar toda a colaboração aos responsáveis pela investigação, encontrando-se os funcionários visados suspensos preventivamente até à conclusão do processo.

Aquele funcionário escusou-se a adiantar mais elementos sobre o caso alegando, compreensivelmente, não dever nem poder antecipar-se à decisão judicial.

Não foi possível ao repórter contactar os funcionários da Inspeção Económica, agora arguidos das referidas infracções, para desmentir ou confirmar afirmações que lhes são atribuídas: — de que irão tornar públicas acusações do mesmo teor que envolvem entidade importante do sector.



Mário
Castrim

A bicha, a quem subia a rua por Nascente, parecia, de facto, pequena. Mudava-se a realidade quando nos íamos aproximando. A bicha contornava a esquina, prolongava-se ao longo da longa avenida, dobrava para a outra face do quarteirão. Enfim: um espectáculo.

— Que é aquilo? — perguntei.
— Estão aí desde a madrugada — respondeu-me o sujeito em pijama, talvez um reformado, à janela do rés-do-chão.

E depois de tirar umas fumaças:
— Acho que deve ser por causa daquilo ontem no Telejornal. O senhor não viu?

— Não, por acaso não vi. O que é que foi?

— Foi uma senhora ministra ou lá o que era aquilo, que veio falar do Mecenato, sabe o que é? Parece que é assim: quem tiver dinheiro pode entregá-lo para ajudar a construir bibliotecas, grupos de teatro, orquestras, grupos folclóricos. As pessoas abdicam de uma data de coisas e dão o dinheiro para se fazer isso.

Perguntei incrédulo:

— Mas abdicam mesmo?

— Claro. Uma sociedade não pode viver sem a instrução, a cultura, a beneficência, a assistência aos doentes. Cada vez são precisos mais dispensários, mais laboratórios, mais ginásios, mais campos desportivos, eu sei lá. De forma que, para se conseguir isso, há milhares e milhares de portugueses que se privam do café, do vinho, até do pão — não vão ao cinema, ao teatro.

Puxou mais uma fumaça.

— Mas eu pensava — tornei — que o Estado é que devia fazer essas coisas...

— E pensa bem.

— E pensava que para isso é que pagamos tantos impostos.

— De facto é. Mas o que é que o senhor julga que é aquela bicha?

— Disse-me que era uma bicha de mecenas...

— E são. Claro que são. São contribuintes. Estão ali todos para pagar o Complementar ou seja, para ajudar as bibliotecas, o teatro, os laboratórios...

— Mas o governo depois não faz...

— Isso agora já é outra história. O que eu garanto é que não há país com tantos mecenas como o nosso. A propósito: já cumpriu o seu dever de mecenas?

— Ainda não.

— Então vá para a bicha, vá. A senhora ministra agradece...

O velhote, de pijama, sorria. De troça, o malandro!

Rui Dias José dá sangue para que a morte da mãe não esqueça

Manuel Geraldo

O jornalista Rui Dias José, dos quadros da RDP-Antena 1, irá esta tarde, a partir das 16 horas, dar sangue no Hospital de Santa Maria, num posicionamento que, já sendo prática habitual há vários anos, terá desta vez um significado muito especial: nesta data faz precisamente um ano que a sua mãe morreu, vítima, ao que afirma, da «incúria» dos Serviços Médicos daquele estabelecimento.

Recorde-se que, tal como na altura noticiámos, Maria Leitão Dias, de 64 anos, deu, em 30 de Outubro de 1985, uma queda na lavandaria do Hospital Pulido Valente, onde era funcionária, tendo sofrido uma lesão que lhe afectou a zona cerebral. «Face à violência da queda, o médico de turno no Hospital Pulido Valente — disse-nos Rui Dias José — aconselhou a minha mãe a procurar assistência clínica no Serviço de Urgência de Santa Maria se sentisse náuseas, tontura ou vômitos. Só que nesse Serviço, onde se deslocou, foi-lhe apenas prescrita a utilização de um analgésico e mandado colocar um saco de gelo na zona afectada».

Deste modo, e de acordo com o libelo acusatório do seu filho, que para o efeito constituiu advogado, o estado da paciente agravou-se, «voltando ao Hospital de Santa Maria já em es-

tado de coma, 60 horas após o acidente não tendo sido feitos na altura quaisquer exames clínicos tendentes a determinar a existência de uma mais do que provável lesão intracraniana».

Tribunal dos Direitos Humanos

Na sequência da morte da sua mãe, em 6 de Novembro, Rui Dias José encentrou diligências junto de vários organismos (Ordem dos Médicos incluída), para além de ter feito a apresentação de um documento de denúncia na Assembleia da República, que teria como efeito mais visível o inquérito levado a cabo pela Inspeção-Geral dos Serviços de Saúde, e o processo em curso no 3.º Juízo de Instrução Criminal de Lisboa.

De acordo com o resultado do inquérito da Inspeção-Geral dos Serviços de Saúde, a assistência clínica prestada à doente, no Serviço de Urgência do Hospital de Santa Maria, pela médica interna, dr.ª Ana Luísa Leal Catarino, terá sido correcta, mas depois disso um médico, dr. Leão Vieira Leda, decidiu dar-lhe alta, quando, refere o inquérito, «a sintomatologia apresentada por Maria Leitão Dias deveria, no mínimo, ter levado o dr. Leão Leda a suspeitar da existência de hipertensão intracraniana, que obrigaria ao seu internamento, para vigi-

lância e investigação, pelo que o médico em causa cometeu infracção disciplinar».

Idêntica infracção é imputada à médica, dr.ª

Wanda Colaço, que, realça o inquérito, «conhecia o percurso clínico da doente e o seu estado de coma, com midriase fixa direita e sinal de «babinsky» bilateral, impondo assim uma intervenção cirúrgica imediata e, não, como foi feito, o protelamento da mesma».

Assim sendo, o inquérito concluiu tão-só pela instauração de um processo disciplinar aos médicos Leão Leda e Wanda Colaço. Facto que, para Rui Dias José, não é «pacífico», já que, em sua opinião, embora não seja de excluir a responsabilidade individual, pela trágica ocorrência que o enlutou, há que ir mais longe na escalpelização do problema que terá de pôr em causa o «monstro tentacular e assassino» que, com frequência preocupante, é a assistência hospitalar em Portugal, enquanto instituição.

Daí que, se esgotados os mecanismos internos de denúncia, e de índole jurídica, Rui Dias José esteja decidido a recorrer, em última instância, ao Tribunal Europeu dos Direitos Humanos. Sem intuítos persecutórios, há que referi-lo, mas apenas para que o destino trágico de sua mãe não tenha acontecido em vão!...

"D. Henrique" atracou a Santa Apolónia

Armador grego dá lição a portugueses

● **Paquete vai ajudar "Funchal" em cruzeiros de luxo**

O «Infante D. Henrique» atracou ao fim da manhã ao Cais de Santa Apolónia, no porto de Lisboa, depois de ter percorrido as 60 milhas que separam aquele ponto do porto de Sines em cerca de uma hora mais que o tempo inicialmente previsto. O paquete voltou ontem a meio da tarde ao mar, deixando a lagoa artificial de Sines onde, durante os últimos oito anos, foi dormitório de trabalhadores do complexo. Adquirido por um armador grego, será posto ao serviço de cruzeiros marítimos a par do «Funchal».

O «Infante D. Henrique» voltou ao mar cerca das 16 horas e 30 de ontem, após terem sido cortados os cabos que o ligavam à terra. Conseguiu chegar ao mar transportado por três rebocadores, operando um movimento de rotação de vinte pés para entrar no enfiamento do canal, às ordens do comandante Francisco Pontes.

Puxado pelos três rebocadores já referidos, sem máquinas e sem hélice, o paquete, construído na Bélgica em 1961 e entregue à então Companhia Colonial de Navegação, rumou na direcção de Lisboa vinte minutos depois dessa operação de «alto risco»: a saída da lagoa artificial de Sines, através da boca do canal de 45

metros que no seu ponto mais estreito tem apenas vinte metros.

Um rebocador do alto mar foi esta manhã esperá-lo à entrada da barra do Tejo, onde o «Infante D. Henrique» chegou cerca de uma hora mais tarde que o previsto, razão porque só por volta do meio dia entrou no Cais de Santa Apolónia. Note-se que, numa primeira fase, o «Infante D. Henrique» devia dirigir-se para o Cais do Jardim do Tabaco, demorando menos tempo a atracar.

A saída, reboque e viagem para Lisboa do paquete foram seguras em dois milhões de dólares — 300 mil contos — por uma empresa mediadora de seguros de Lisboa. Considerado de «alto

risco», o seguro cobriu também a estadia do navio na lagoa artificial, depois de adquirido por Giorgio Potamianus, representante da companhia panamiana Star Sea, por meio milhão de contos. O representante da Star Sea e o GAS (Gabinete da Área de Sines), ao qual o paquete pertencia, assinaram antes desta operação um contrato de promessa de compra e venda no valor de 125 mil contos.

O maior navio da frota da Marinha Mercante portuguesa, que o GAS comprou em 1978 à CCN por 47 mil contos — três anos depois do «Infante D. Henrique» ser considerado obsoleto pelos nossos entendidos na matéria — aguardará no Cais de Santa Apolónia a indicação do estaleiro em que será reparado e beneficiado, de modo a que entre (em breve) de novo em funções, mas então como paquete de luxo, ao serviço de cruzeiros marítimos. Aliás, como o «Funchal», do mesmo proprietário grego que adquiriu o «Infante D. Henrique» em 1985.

Ao fim da manhã, do paquete (que atracou no Cais de Santa

Apolónia), além do comandante Francisco Pontes saíram o piloto, o oficial de manutenção, três técnicos encarregados da parte eléctrica e dez elementos da patente entre marinheiro de 2.ª e contramestre.

O «Infante D. Henrique» tem uma arqueação de cerca de 23 mil toneladas e 13 800 toneladas de ferro.

Ganharam 10 mil contos a falsificar cartas de condução

Uma funcionária da Direcção de Viação de Lisboa, um proprietário de uma escola de condução e um agricultor foram detidos pela Polícia Judiciária, acusados de fazerem parte de uma rede de falsificadores de cartas de condução.

Os três arguidos, que emitiam cartas cujo preço rondava entre os 30 e os 300 contos, conseguiram ganhar com o «negócio» cerca de 10 mil contos.

A instrução do processo, já constituído por nove volumes e cerca de duas mil folhas, encontra-se ainda longe da sua conclusão, sendo possível que ainda venham a ser efectuadas mais detenções. Em comunicado, a PJ alerta os interessados na obtenção de cartas de condução para que «não se deixem influenciar por este tipo de facilidades dado que as mesmas conduzem sempre, ou quase sempre, a fraudes que, mais tarde ou mais cedo, lhes irão trazer consequências graves».



Os dois felizes premiados, tendo por fundo a cidade de Lisboa

140 MILHÕES TRAZEM FELICIDADE À BATALHA E À PÓVOA DE ST.º ADRIÃO

O sr. Moisés Moreira de 46 anos, comerciante de ferro-velho e o sr. Encarnação de 42 anos, casado e pai de dois filhos foram os grandes premiados desta semana.

Com a inequívoca felicidade estampada no rosto contam-nos como tudo aconteceu:

«Preenchi o boletim sozinho. Não gosto de sociedades» dizia-nos o sr. Moisés Moreira da Batalha e continua «foi um simples de 5 semanas, e ainda bem, senão tinha rasgado a sorte; vi o sorteio na televisão e achei logo a chave muito bonita — aquelas bolas verdes traziam muita esperança..., mas só soube que estava milionário no domingo, quando comparei com o boletim.»

Na Póvoa de St.º Adrião foi o filho mais velho do sr. Encarnação quem primeiro soube, e logo deu a notícia, mas como dizia o pai «todos julgavam que ele estava a pregar uma 'partida', a minha mulher nem queria acreditar!»

Sem nunca ter acertado em mais de 3 números a família da Póvoa, que sempre apostara em sociedade, deixou esta semana que fosse só o pai a fazer a chave — e deu sorte!

Sobre os projectos de futuro, dizia-nos o sr. Moisés Moreira, «vou continuar a trabalhar no ferro-velho que é o que eu gosto..., claro que mesmo com pouco dinheiro temos sempre planos, agora posso realizá-los mais depressa». Feliz mas sempre muito tranquilo, acrescenta ainda «vou poder ter uma casinha mesmo minha e vou comprar um carrito melhor, e depois o resto, o resto é ainda segredo...»

O sr. Encarnação, por seu lado, pensa também numa casa, casa que ele mesmo vai construir. «Agora vou poder fazer a casa que sempre sonhámos, e vou também ajudar o meu cunhado que teve um acidente, e bem precisa.» Mas há ainda um outro sorriso feliz — talvez mesmo o mais contente de todos — o do Marco Alexandre que, apesar dos seus 7 anos, gostava muito de ter um computador, e agora vai tê-lo com certeza.

Alegria também para os amigos do sr. Encarnação que já têm uma festa prometida.

Uma vez mais o Totoloto vai possibilitar a concretização dos sonhos, daqueles que com esperança nele apostaram.



O «Infante D. Henrique», esta manhã, já no regresso ao Tejo

Passíveis de procedimento judicial

Detectadas irregularidades na Câmara de Albufeira

Um relatório do inquérito e sindicância aos Serviços Técnicos do município de Albufeira revela a existência de irregularidades passíveis de procedimento judicial — apurou hoje a NP.

O inquérito, conduzido pela Inspeção-Geral da Administração do Território, aponta factos que «podem integrar o crime de burla, nas disposições combinadas dos artigos 313.º e 314.º do Código Penal», em que são visados um engenheiro dos Serviços Técnicos da Câmara e um empreiteiro local.

O documento, a que a NP teve acesso, mereceu já a aprovação do secretário de Estado da Administração Local, Nunes Liberato, que mandou dar dele conhecimento ao Ministério Público.

O parecer da Inspeção-Geral do Ministério do Plano, resultante do inquérito e sindicância àquela autarquia, foi remetido ainda ao Tribunal de Contas, Laboratório Nacional de Engenharia Civil e à Alta Autoridade Contra a Corrupção.

Naquele documento acusa-se um engenheiro dos Serviços Técnicos da câmara e o empreiteiro de «actuação pouco transparente» na adjudicação de obras públicas.

Nomeadamente, o parecer alude a dinheiros entregues por particulares ao referido engenheiro para obras de ligação de esgotos que «não chegaram a ser levadas a efeito».

O caso em que se encontra envolvido o empreiteiro refere-se a obras de abertura de valas em que foram utilizados

«preços de aplicação excessivamente elevados, na ordem de 270 por cento sobre os valores da tabela».

Contactado pela NP, o presidente da Câmara de Albufeira revelou que o inquérito resultou de um pedido de sindicância feito pela autarquia, em Março de 1985, aos seus Serviços Técnicos, tendo em vista o esclarecimento de situações «eventualmente irregulares».

Xavier Xufre acrescentou, contudo, que os elementos do inquérito que lhe foram remetidos «são escassos» e dificultam a acção da câmara para um eventual procedimento disciplinar.

O autarca salientou ainda que se «há ou não matéria passível de procedimento judicial isso é um problema da competência dos tribunais».

Vinte mil alunos ainda não têm aulas

Nos distritos de Lisboa e de Setúbal vinte mil alunos dos ensinos preparatório e secundário ainda não têm aulas.

O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa divulga essa situação, sendo as escolas e o número de alunos envolvidos os seguintes: escola preparatória de São Julião (Oeiras), 800 alunos, escola preparatória de Loures n.º 1, 800; escola preparatória da Apelação, também em Loures, 200; preparatória da Quinta do Conde, 290; preparatória do Vale da Romeira, n.º 1, 750; preparatória de Algés, 900; secundária de Carcavelos, 1300; secundária de Alfragide,

1100; secundária de Rio de Mouro, 1000; secundária de Corroios n.º 2, 1250 alunos; secundária de São João da Talha, 1300; secundária da Bela Vista (Secção) 1200; secundária da Pontinha, 1000; secundária da Falagueira (parcial), 900; parte da secundária de Paço de Arcos, 1547; parte da secundária de Carnaxide, 590; parte da secundária de Mem Martins, 200; parte da secundária de Carnide, 670; ex-secundária Anselmo Andrade, 500; secundária de Almeirim, 600; C+S de Óbidos, 600; secundária de Rio Maior, 500; preparatória da

Quinta Nova da Telha n.º 2 (do Barreiro), 1000; preparatória de Vila Franca de Xira, 900, totalizando 19 547 os alunos que ainda não têm aulas nestes dois distritos.

A maioria das escolas ainda não abriu por falta de equipamento. Dos estabelecimentos mencionados estão nesse caso 15.

Frisa o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa que não basta a abundância de meios financeiros avultados como aconteceu em 1986 mas que faz tanta falta ter as verbas necessárias para a educação como ter um

Ministério que saiba gerir a política educativa com competência.

Além da falta de equipamento, há escolas que ainda não estão completas, outras que não dispõem do pessoal auxiliar suficiente.

Pergunta o SPGL: que rendimento escolar vão ter estes vinte mil alunos, cujo ano lectivo já tem garantido o corte de um mês de actividade? Que esforço acrescido vai ser pedido aos seus professores e que êxito final terá esse esforço? Quando teremos em Portugal um Ministério da Educação competente?

"Diário Popular" vai ser analisado

pelas Finanças

Gerência exonerada do "DP" critica Marques Mendes sobre inquérito à empresa

No passado dia 3 do mês corrente, inseriu o «DL» uma notícia intitulada «'Diário Popular' vai ser analisado pelas Finanças», análise essa que se processaria com base num despacho do secretário de Estado adjunto do ministro adjunto e para os Assuntos Parlamentares, Marques Mendes.

O mencionado despacho (datado de 31 de Outubro) referia que o rápido levantamento do estado económico e financeiro da empresa, feito pelo novo conselho de gerência, apontava para um défice «seguramente superior a 200 mil contos».

Aquele membro do Governo afirmava, ao longo do despacho, que o Ministério da Tutela tinha deparado «com uma situação radicalmente oposta à que seria previsível de acordo com as informações prestadas pela gerência anterior», o que punha em questão «a simples continuidade da satisfação dos mais fundamentais compromissos legais da empresa».

Face à atitude do secretário de Estado Marques Mendes, divulgada pelos órgãos de Informação, a gerência anterior, constituída pelos gestores António Moreira da Cruz, Fernando Severino Otero e Vítor Macieira, solicita-nos a publicação do seguinte esclarecimento, enviado à direcção do «Diário de Lisboa»:

«Vários órgãos de Comunicação Social — entre os quais também aquele que V. Exa. dignamente dirige — tornaram público, com maior ou menor detalhe, um despacho do senhor secretário de Estado Marques Mendes, no qual se solicita à Secretaria de Estado do Tesouro, através da Direcção-Geral de Finanças, a abertura de um processo de inquérito tendente a averiguar a 'legalidade e verdadeira extensão dos factos' praticados pelo Conselho de Gerência recentemente exonerado.

«Quando um departamento estatal resolve instaurar um processo — seja de averiguações ou de inquérito — a alguém que dele depende ou tenha dependido; deve limitar-se a anunciá-lo, sem antecipar conclusões.

Desta vez, porém, não foi assim.

De facto, não pode deixar de estranhar-se — por ser inédito — que, no referido despacho, sejam dados como já apurados tantos pontos de acusação (nada mais, nada menos, do que 17!), tantos números, tantas percentagens, tantos dados estatísticos levados ao pormenor, como quem, antecipadamente, pretende pressionar a entidade inquiridora a uma conclusão que só a ela deverá caber, depois de terminado o inquérito.

«Dir-se-ia que se pretende apresentar ao inquiridor factos já apurados e consumados, nada mais lhe restando do que confirmá-los e apor-lhe a chancela da Direcção-Geral de Finanças.

«Ser-nos-ia extremamente fácil desmontar, ponto por ponto, todo este cenário acusatório.

«Não nos deixaremos, contudo, aliciar pela tentação fácil de procurarmos faz-lo por esta via.

«Até por uma questão de lucidez, não será aqui que o faremos. Tudo tem um tempo e uma sede próprios.

«O leitor atento e o cidadão comum já perceberam perfeitamente o que está por detrás de tudo isto.

«Quando a política (?) não cuida dos meios para apresentar à opinião pública, como réus, aqueles que lhe são incómodos, algo vai mal no reino da Dinamarca...

«Está, pois, desencadeado um processo de inquérito aos actos de gestão dos signatários, enquanto membros do Conselho de Gerência da EPDP.

«Pois ele que venha — e quanto mais depressa, melhor.

«Só esperamos que tal inquérito não seja levado a cabo à revelia dos inquiridos, ou, dito de outra maneira, sem que sequer eles sejam ouvidos.

«Se assim for, como legitimamente se confia, então se verá onde estão os tais actos graves de gestão e quem os cometeu. Porque isto de gerir bem, não é apenas um dever dos gestores públicos. Também o é — ou é-o sobretudo — da hierarquia tutelar e dos próprios governantes.»

Sábado em Setúbal

Inauguração da "Rádio Azul"

A Rádio Azul, emissora regional de Setúbal, vai inaugurar os seus novos estúdios no próximo sábado, dia 8, apurou a Anop junto daquela cooperativa de profissionais de rádio.

Nascida a 1 de Julho de 1985, a Rádio Azul foi a primeira rádio local a emitir 24 horas e tem nos seus quadros jornalistas profissionais.

Emitindo na Quinta Tomé Dias, a Rádio Azul vai passar para uma zona mais central, no Rio da Figueira, à entrada de Setúbal.

Ficam situados os novos estú-

dios na Quinta das Rosas, uma casa senhorial totalmente remodelada, após um considerável investimento.

Os novos estúdios, para cuja inauguração foram convidados membros do Governo e entidades do distrito, dispõem de uma «régie» central (tipo americano, com autonomia) e três estúdios de emissão.

A emissão será inaugurada com o programa «Fio de Meada», de Manuel Esteves e Rogério Severino, a transmitir em directo da Câmara Municipal de Setúbal.



O seu Domingo abre-se para o Mundo!...



Quando você compra o Diário de Notícias e abre o DN Magazine ...
... o seu domingo abre-se para o mundo! ...
Diário de Notícias DN Magazine
Ao domingo você faz desporto com os maiores atletas ...

Vive os grandes acontecimentos em muitas páginas a cores ...
Você destaca o suplemento interlúdio e programa as suas noites de televisão.
Agora, sim! O DN Magazine é o seu domingo em cheio!

O seu Domingo em cheio!...

As de invalidez são mais de 67 mil

Há mais de 96 mil processos de pensões em atraso

Em Setembro do ano corrente estavam pendentes no Centro Nacional de Pensões 96233 processos de pensões, dos quais 67668 respeitantes a casos de invalidez, segundo números divulgados por fontes oficiais. Trata-se de uma tendência que tem sofrido variações desde 1980, mas que sofreu um notório agravamento do ano passado para o ano corrente.

De facto, depois de um crescimento no número de processos pendentes de 1980 para 1981, o número caiu em 1983 e voltou a subir nos dois anos seguintes. Mas, desde o ano passado, registou-se um acréscimo de cerca de 23 mil casos que não conseguem ser atendidos rapidamente pelo Centro Nacional de Pensões.

A constatação destes números serve de justificação ao Governo para o anúncio de medidas que visam a passagem do atendimento destes processos para os Centros Regionais de Segurança Social, nomeadamente no que se refere à prestação de serviços de médicos locais para as juntas médicas.

Segundo o secretário de Estado da Segurança Social, em declarações à ANOP, a demora média no processamento das pensões de invalidez é de cerca de um ano só no Centro Nacional de Pensões, sem contar com os atrasos nos envios dos Centros Regionais de Segurança Social para aquele serviço Central.

Segundo o mesmo membro do Governo, o Conselho de Ministros apreciará em breve um projecto de diploma que prevê que as juntas médicas para verificação de invalidez deixem de ter a actual composição.

O secretário de Estado acrescentou que é necessário criar serviços de verificação de incapacidades permanen-

tes que tenham em conta não apenas os dados clínicos de verificação de incapacidades permanentes mas que incluam também uma peritagem sobre a incapacidade para a profissão dos candidatos a pensionistas.

Contrariando todas as razões aduzidas pelas entidades oficiais para justificar os atrasos constatados, o Sindicato da Função Pública do Sul afirmou recentemente que as principais razões no atraso dos processos de pensões de reforma são exteriores ao Centro Nacional de Pensões e afirmou que se verifica «um grande atraso no envio dos requerimentos entrados nos centros regionais».

As mesmas fontes sindicais garantiram que «os requerimentos dos rurais, por exemplo, têm actualmente um atraso de dez meses».

Segundo o presidente do Centro Nacional de Pensões, entre a chegada ao Centro Nacional de Pensões do requerimento e o paga-

mento da pensão, há uma demora média de 12 meses para as pensões de invalidez, de cinco a seis meses para as de velhice e de quatro meses para as de sobrevivência.

Assinala-se, a propósito, que a pensão média dos cerca de um milhão e cem mil pensionistas do regime geral é de cerca de 12500 escudos mensais, segundo revelações do presidente do CNP.

Segundo a mesma fonte, a pensão média dos 666 mil beneficiários do regime rural é a mínima, de cerca de 7500 escudos. Mas os reformados com pensões de sobrevivência recebem apenas 60 por cento daquele quantitativo, ou seja 4500 escudos.

Por outro lado, perto de 90 mil pensionistas recebem a pensão social, no valor de 6500 escudos e as restantes, de sobrevivência, são de 3900 escudos.

A pensão mínima do regime geral, segundo o presidente do CNP é actualmente de dez mil escudos.

Entre 1985 e 1986

Distrito de Lisboa perdeu 12985 postos de trabalho

Entre 1985 e 1986, foram destruídos 12985 postos de trabalho no distrito de Lisboa, estando em perigo cerca de 10 mil empregos só em 19 empresas do distrito, afirma a Coordenadora das Comissões de Trabalhadores da Região de Lisboa, distrito «capital do desemprego», segundo a União dos Sindicatos de Lisboa, onde diz existir 120 mil desempregados.

Nos dados dos sindicatos, Lisboa surge com uma taxa de desemprego superior à média nacional, com cerca de um quinto do desemprego total concentrado nessa zona.

Um documento da Coordenadora das Comissões de Trabalhadores do distrito afirma continuar a assistir-se à falência e encerramento de empresas e considera que «começa a ser incontável o número de trabalhadores com trabalho precário, em empreitadas, à hora, ao dia e à tarefa, transformando o uso e abuso de contratos a prazo como um mal menor».

Aquela coordenadora diz ainda recomendar a surgir em muitas empresas «actos repressivos sobre as estruturas dos trabalhadores», acrescentando estar o patronato e as administrações a aproveitarem-se da ineficácia, debilidade e condicionalismos da Inspeção do Trabalho, bem como da morosidade dos tribunais.

As comissões e subcomissões de trabalhadores do distrito de Lisboa, convocadas pela coordenadora, reunir-se-ão hoje para discutir a situação social das empresas,

nomeadamente quanto a despedimentos e reformas compulsivas, salários em atraso, condições de trabalho precário e ainda sobre o sector empresarial do Estado e respostas a dar «à ofensiva do patronato e do Governo».

Autorizados despedimentos colectivos

O Ministério do Trabalho autorizou, nos primeiros nove meses deste ano, um terço dos pedidos de despedimentos colectivos feitos pelas empresas, ao abrigo da lei de despedimentos e «lay-off», envolvendo um total de 1177 trabalhadores.

Segundo valores daquele Ministério, no mesmo período, deram entrada 56 processos a requerer despedimentos colectivos, dois dos quais, respeitantes a 50 trabalhadores, foram integralmente deferidos, por aplicação do «lay-off».

Os processos envolvendo maior número de trabalhadores, num total de 295 pessoas, foram entregues no mês de Setembro, em contradição-se ainda em apreciação.

O espectro político-partidário no Portugal de Abril

Continuação da pág. 2

destruir o mais essencial que o 25 de Abril nos legou como seja: o sector público, as nacionalizações, a banca, o que ainda resta da Reforma Agrária, as leis laborais, os direitos, liberdades e garantias constitucionais, o prosseguimento da alienação de bens de empresas públicas (como comunicação social, escrita, falada e televisiva) — onde perderá, sempre que a oposição esteja unida para lhe fazer frente.

Estará atento ao que os dirigentes do PS vão fazendo, dentro e fora do Parlamento, e a transformação da péssima imagem que o seu ex-líder carismático deixou, já que muitos dos actuais responsáveis foram por ele marginalizados — recuperando, até, algumas figuras que se afastaram por idêntica razão.

Certificar-se da orientação e dinamismo que a primeira figura do PRD venha a ter, sem ambiguidades, como sempre se definiu aos portugueses — embora tenha estado com o 25 de Abril e arrancasse com o 25 de Novembro — e, se concluir, como nós, da inviabilidade de maiorias absolutas, o PRD, no seu todo, venha a op-

tar em acordos politicamente honestos, escolhendo de um daqueles partidos o que lutou, e os seus militantes, contra a DITADURA, «antes mesmo de se ter formado»...

Desejar que se reconheça que as críticas, análises e posições do PCP e MDP/CDE são sempre norteados no interesse nacional, defesa dos direitos dos trabalhadores, melhoria do nível de vida, da cultura, educação e bem-estar sociais, das mulheres, das crianças, da juventude e da terceira idade — em luta pelas liberdades conquistadas e pelas grandes reformas socioeconómicas do 25 de Abril sempre com processos democráticos institucional e constitucionalmente consagrados.

E, afinal, o exigido é pouco ou muito, consoante a vontade popular e o seu entendimento dos projectos ideológicos políticos daqueles que se apresentaram a futuro sufrágio e, se até 4 de Outubro de 1985 sempre existiu uma maioria de esquerda na Assembleia da República — agora, com o PRD integrado de militares do MFA de Abril — deve exigir-se, dizíamos, que o projecto dos capitães seja uma realidade para TODOS OS PORTUGUESES.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LEIRIA

ANÚNCIO

O DOUTOR ANTÓNIO JOAQUIM PFCARRA, Juiz de Direito da 1.ª secção do 4.º juízo deste Tribunal Judicial de Leiria.

Faz saber que por este juízo e secção, desta comarca, correm editos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando, no processo de Justificação da Qualidade de Herdeiros, n.º 390/86, requerido por ONDINA SIERGIA PINTO DA GAMA, viúva, doméstica, residente em Campos do Liz, Serra do Porto de Urso, Monte Real e ARNALDO HERNANI PINTO DA GAMA, casado com Ana Maria Pereira da Silva Rocha Pinto da Gama, comerciantes, residentes na Rua Campos do Liz, Serra do Porto de Urso, Monte Real, Leiria, os interessados incertos para nos vinte dias posteriores ao termo do prazo dos editos deduzirem a sua habilitação como herdeiros ou representantes do falecido, ARNALDO PINTO DA GAMA JÚNIOR, também conhecido por ARNALDO PINTO DA GAMA, residente que foi na Avenida Almirante Reis, 58, 2.º, esquerdo, em Lisboa, quando se julgou com melhor direito ou direito igual ao daqueles requerentes.

Leiria, 29 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito

ANTÓNIO JOAQUIM PFCARRA

O Escrivão Adjunto

HABEL MARIA BOMES DUARTE

DL 6/11/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MIRANDA DO DOURO

ANÚNCIO

Proc. 23-F/75

FAZ SABER que por este Juízo e Secção do Primeiro Juízo de Direito da TRINTA DIAS, citando os requeridos MARIA DO CÉU LARANJO OLIVEIRA e marido JÚLIO DE AKEVEDO OLIVEIRA, concubinos em parte incerta e que tiveram a seu último domicílio conhecido em Lote 2, 37-2.º Dt. — Quintinha 2078 — Póvoa do Santo Adrião da comarca de Leiria, para no prazo de TRINTA DIAS, desde que seja e dos editos e autos contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, comparecerem, querendo, e pedido feito por ELISA AMÉLIA DE OLIVEIRA LOPES e OUTROS, residentes em Bendim, desta comarca, no processo de habilitação instaurado por apensas aos autos de Acção Ordinária que aqueles movem contra os réus António Maria de Oliveira e esposa, residentes em Váriz Gare da comarca de Mogadouro e a Outros, dado que no decurso daqueles autos faleceu a autora D. Augusta Falcão Rodrigues. Esse pedido consiste em os citados e outros serem julgados sucessores daquela falecida, para com os seus representantes, com eles prosseguirem os termos da causa. Com a contestação devem oferecer o rol de testemunhas e quaisquer documentos que queiram produzir.

Miranda do Douro, 28 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito, José Carlos Borges Martins

O Escrivão Adjunto Francisco Maria de Carvalho

D.L. 6/11/86 — 1.ª Pub.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46\$10	52\$80
ALEMANHA FED. (marco)	72\$30	73\$50
AUSTRIA (xelim)	10\$25	10\$45
BÉLGICA (franco)	3\$274	3\$524
BRASIL (cruzado)	3\$850	6\$350
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	107\$50	110\$00
(notas de 5 a 1000)	108\$00	110\$50
DINAMARCA (coroa)	19\$20	19\$60
ESPAÑA (peseta)	1\$053	1\$173
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	149\$40	152\$90
(notas de 5 a 1000)	149\$90	153\$40
FINLÂNDIA (marka)	29\$85	30\$45
FRANÇA (franco)	22\$15	22\$85
HOLANDA (florim)	63\$95	65\$05
IRLÂNDIA (libra)	198\$10	202\$10
ITÁLIA (lira)	\$095	\$110
JAPÃO (iene)	\$863	\$918
NORUEGA (coroa)	19\$80	20\$30
REINO UNIDO (libra)	212\$95	217\$45
SUÉCIA (coroa)	21\$20	21\$70
SUIÇA (franco)	86\$60	88\$10
VENEZUELA (bolívar)	6\$10	7\$10

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Encontro Shultz-Shevardnadze não obteve resultados

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, disse hoje em Viena não ver perspectivas imediatas de uma cimeira entre o líder soviético Mikhail Gorbachev e o presidente norte-americano Ronald Reagan.

Shevardnadze falava numa conferência de imprensa antes de regressar a Moscovo depois de duas sessões de conversações com o secretário norte-americano de Estado, George Shultz, sobre controlo de armamento e outras questões.

Shevardnadze disse que os contactos com os Estados Unidos vão prosseguir, mas que as duas partes não tinham concordado em mais nenhuma reunião específica entre ele próprio e Shultz.

Shevardnadze acusou Washington de tentar retractor-se das posições alcançadas sobre controlo de armamento no encontro de Reiquejavique, entre Reagan e Gorbachev.

Mas a União Soviética não perdeu a esperança de que Washington venha a aceitar eventualmente que «temos de avançar para a completa eliminação das armas nucleares».

Shevardnadze revelou num comunicado entregue aos jornalistas no aeroporto de Viena, antes de partir para a capital soviética, que, em cerca de cinco horas de conversações com Shultz, «confrontamos tentativas do lado americano de bater completamente em retirada do terreno alcançado na Islândia».

Shultz e Shevardnadze, que se reuniram ontem durante três horas na Embaixada nor-

te-americana, tiveram hoje a sua segunda ronda de conversações na Embaixada soviética.

A reunião começou com sorrisos e apertos de mão. As duas delegações — 10 representantes na delegação norte-americana e sete do lado soviético — sentaram-se frente a frente.

Shultz recusou comentar directamente a sessão, excepto para dizer «vamos chamar-lhe neutral».

Os Estados Unidos e a União Soviética concluíram assim as suas conversações pós-Reiquejavique, em acentuado desacordo sobre o programa norte-americano antimissil «Guerra das Estrelas» e as formas de reduzir os arsenais nucleares das superpotências.

Depois de cinco horas de reuniões em dois dias, o secretário norte-americano de Estado, George Shultz, disse aos jornalistas: «Não posso dizer que as reuniões tenham decorrido de uma forma significativa e lamento-o».

Shevardnadze, numa síntese antes de tomar lugar no avião para Moscovo, disse que partia com «um gosto amargo».

«Um primeiro passo»

A União Soviética considerou que a Cimeira de Reiquejavique constituiu «um primeiro passo» para a total destruição dos arsenais nucleares do mundo, afirma um assessor do líder soviético Gorbachev, em artigo publicado pelo jornal alemão-federal «Bild».

O conselheiro de Gorbachev para os Assuntos Nucleares, Evgueni Velijof, vice-presidente da Academia de Ciências da União Soviética, acrescentou que as propostas apresentadas por Mikhail Gorbachev ao presidente norte-americano, Ronald Reagan, em Reiquejavique, continuam com «absoluta validade».

Velijof sublinha que Moscovo renunciou unilateralmente desde Agosto de 1983 a qualquer espécie de provas sobre armas especiais e anti-satélite e que desde 1985 não realiza experiências nucleares.

Cientistas norte-americanos encontram-se desde Julho no campo de provas nucleares soviéticas na região de Senipalinsk, e no próximo ano Moscovo enviará cientistas soviéticos para o campo de testes dos Estados Unidos no Nevada.

França expulsa sete guerrilheiros bascos

Sete presumíveis guerrilheiros bascos foram expulsos de França para Espanha, horas antes da prevista primeira visita oficial a Madrid do primeiro-ministro francês Jacques Chirac, anunciou a rádio espanhola.

A rádio disse supor-se que os sete pertenciam à ETA, neles se incluindo um homem responsável pelas finanças da organização.

Fontes policiais em Baiona, no lado francês da fronteira, disseram que os sete espanhóis expulsos incluíam três refugiados bascos.

Foram ontem detidos perto da fronteira espanhola numa rusga em que a Polícia francesa apreendeu armas, incluindo lanças-granadas, uma grande quantidade de dinheiro e informações sobre ataques planeados para Madrid e Barcelona, disseram fontes.

Manifestantes que protestavam contra as detenções incendiaram um camião com matrícula francesa na localidade basca espanhola de Renteria e ergueram barricadas na principal estrada que liga França a Madrid. As últimas expulsões elevam

para 23 o número de bascos deportados para Espanha desde Julho passado. Foi a primeira vez que as autoridades francesas expulsaram um grupo tão numeroso de alegados guerrilheiros.

A rusga, preparada durante três meses pela Polícia de ambos os lados da fronteira e apazada para coincidir com a visita de Chirac, foi elogiada pelo ministro espanhol do Interior, Jose Barrioueno, como «extraordinariamente importante».

A acção conjunta contra os guerrilheiros bascos, que mataram 39 pessoas em Espanha este ano, será um dos pontos altos da agenda da visita de sete horas que Chirac faz a Madrid e das conversações com o seu homólogo socialista Felipe Gonzalez.

Barrioueno disse que a cooperação da França era «altamente satisfatória» e preenchia as expectativas espanholas.

«O terrorismo afecta as democracias e tem de se lidar com ele muito firmemente... A Espanha pode contar com a nossa solidariedade», disse Chirac numa entrevista à televisão espanhola, quarta-feira à noite.

Combater "bandidos" é tarefa prioritária

Joaquim Chissano toma posse como presidente de Moçambique

Augusto de Carvalho SP «DI»

A continuação da luta «contra o banditismo armado constitui a tarefa mais sagrada da actual fase» da história moçambicana, afirmou Joaquim Chissano, hoje empossado como presidente de Moçambique. «Nesta luta não pode haver compromissos», acrescentou. Chissano discursava hoje de manhã, na varanda do palácio do Conselho Executivo, momentos após ter sido empossado no cargo de chefe de Estado.

No seu discurso à nação, que durou cerca de 45 minutos, o novo presidente de Moçambique definiu as grandes coordenadas políticas para as frentes de guerra, económica, de saúde, escolar e diplomática.

Chissano, que antes jurara defender a revolução e a justiça, declarou perante a multidão que se aglomerava na praça em frente, que assumira «solenemente o compromisso de seguir em tudo o exemplo de Samora Machel», que ele definiu «nas palavras, actos e coração».

Para o novo presidente, «o banditismo armado é a continuação histórica da colonial-fascismo português, continuado pelo regime racista e ilegal da Rodésia e pelo apartheid da África do Sul».

A luta contra o banditismo

«Hoje, o banditismo armado é parte integrante do regime do apartheid para a desestabilização regional», acentuou.

Chissano sublinhou que o movimento é dirigido e abastecido pela África do Sul, que, na sua opinião, procura impedir o processo de desenvolvimento regional mediante a criação de uma constelação de estados que lhe garantam a hegemonia sob o ponto de vista político, económico e social.

E por isso que, no entender de Chissano, Pretória move uma guerra contra Moçambique e o Zimbábue, impede a independência da Namíbia e pratica actos de agressão contra Angola.

O novo presidente afirmou

que nesta luta, em que «não pode haver compromissos», Moçambique conta com a solidariedade dos países da Linha da Frente, da Organização de Unidade Africana (OUA) e de todas as nações amantes da paz, da liberdade e do progresso.

Na frente económica, Joaquim Chissano disse que a reabilitação deste sector «exige pesados sacrifícios de todos nós».

«A economia-frisou-de-ve apoiar, primeiro que tudo, a guerra contra o banditismo armado para que a defesa crie as condições que permitam o desenvolvimento da economia».

Referiu a terra e a capacidade dos camponeses, agrupados em cooperativas, a trabalhar em unidades familiares, em regime privado ou estatal, como o grande motor do desenvolvimento do país.

Neste sector, a actividade agrícola deve visar primeiro que tudo a produção de bens alimentares, a exportação e a criação de divisas.

Referindo-se às unidades industriais, Chissano disse que era necessário rentabilizá-las e que «não se pode continuar a pagar salários a trabalhadores improdutos».

Camaradagem e solidariedade

Há homens para quem a camaradagem e a solidariedade não são palavras vãs.

Chegado a Maputo, com os hotéis esgotados e sem saber como resolver o problema do alojamento, telefonei a um conhecido jornalista português residente na capital moçambicana.

Não o conhecia pessoalmente e queria apenas pedir-lhe uma sugestão sobre a forma como havia de resolver o meu problema.

Vinte minutos depois tinha-o no aeroporto, ao volante do seu automóvel, para me vir buscar.

Durante os doze dias que fiquei em Maputo alojou-me na casa em que vive com a família, insistiu em que lá continuasse quando começou a haver lugar nos hotéis, dispensei-me as maiores atenções e apoiou-me a todos os níveis no desempenho do meu trabalho.

As reportagens que aqui publiquei sobre os funerais e a sucessão de Samora Machel foram transmitidos pelo telex da agência noticiosa em que trabalho. O seu telefone foi-me precioso como ponto de contacto e o seu automóvel serviu-me de transporte, numa cidade em que praticamente não há transportes públicos.

Mas não foi só o enviado especial. Muitos outros jornalistas, por nele uma colaboração desinteressada. Esse homem é desde há muito urtamento das relações entre Portugal e Moçambique.

Na capital deste país desempenhando importância, não apenas para a divulgação da posição portuguesa em Moçambique, mas também para a divulgação da posição moçambicana em Portugal.

Enquanto profissional da informação, quaisquer vantagens pessoais — é o jornalismo onde estão a ser formados os moçambicanos.

É um daqueles que «fazem fazendo». Chama-se Augusto de Carvalho, «Expresso», com quem praticamente todos os dias virão a público, e da agência Notícias de Portugal.

Para ele vão os meus reconhecimentos.

José

Reagan recusav vitória democrática como uma derrota pessoal

Nas eleições para o Congresso norte-americano, os democratas retomaram ontem o controlo do Senado, dominado nos últimos seis anos pelo Partido Republicano de

Ronald Reagan, e reforçaram ao mesmo tempo a sua maioria na Câmara dos Representantes.

Enquanto os líderes democratas se congratulavam com a

sua vitória no Senado, o gabinete presidencial norte-americano revelava que Reagan não pretende alterar a sua agenda política conservadora, embora admita uma alteração nas

ou posse Moçambique

Defendeu como regras a serem aplicadas nas empresas a competência, que deve ser premiada, a poupança de divisas e o recurso cada vez menor às importações.

«É necessário confiar principalmente nas nossas próprias forças» - salientou.

Defendeu a valorização dos quadros e da mão de obra especializada com garantia de uma remuneração adequada e incitou à luta contra o roubo, contra o nepotismo, contra a candonga e contra a violação da ética comercial.

Definiu a escola como condição decisiva para o desenvolvimento e apelou para a eficácia nos serviços de saúde, «outra das nossas grandes preocupações».

«Continuaremos a cumprir N'komati»

Em política externa, Chissano garantiu que Moçambique irá prosseguir os princípios fundamentais que têm orientado desde a independência a maneira de ser moçambicana: «convivência harmoniosa com todos os estados do mundo».

Defendeu a não ingerência nos assuntos internos dos outros países, respeito pela soberania, igualdade, e relacionamento baseado na reci-

procidade de benefícios.

Disse que Moçambique continuaria a desenvolver esforços com os países da Linha da Frente na luta contra o colonialismo e o racismo, e solidarizou-se com a luta pela independência da Namíbia e com o povo da África do Sul na sua luta contra o apartheid.

Referindo-se ao acordo de Nkomati disse: «na materialização da nossa política de paz e boa vizinhança assinámos o acordo de Nkomati. Continuaremos como até aqui a cumprir rigorosamente no espírito e na letra o compromisso que assinámos».

«A África do Sul deve cumpri-lo», acrescentou.

Em relação ao Malawi, afirmou que Moçambique desenvolverá com o «povo irmão» relações fraternas de cooperação que «neste momento se encontram seriamente afectadas pela ajuda que o Malawi concede ao banditismo armado».

Chissano declarou ainda que Moçambique iria cooperar activamente na SADCC com a finalidade principal de contribuir para a independência dos países da região, aprofundaria as «relações fraternas» com os outros países de língua oficial portuguesa, continuaria a ser fiel à carta da OUA, a aplicar os princípios da ONU e a reforçar os laços de cooperação e amizade com os países socialistas que já vêm desde os tempos da luta armada.

Sublinhou ainda que Moçambique respeitaria todos os tratados já assinados com esses países.

Chissano teve uma palavra de especial atenção para os países nórdicos, «que nos apoiaram na luta de libertação e nos continuam a apoiar».

Quanto aos países ocidentais, garantiu a continuação das relações de amizade e defendeu a cooperação sul/sul pelo restabelecimento de uma ordem económica internacional.

Em política externa, foi acento tónico do discurso do presidente Joaquim Chissano à nação a característica do não alinhamento.

especial do «DL» que ele ajudou, portugueses e não, tiveram pressada e amiga.

uito um dos obreiros do estreito Portugal e a República Popular

mpenha um papel da mais alta ra a agência em que trabalha, o da cultura portuguesa e para esa em África.

informação e professor - sem is - é a alma de uma escola de formados duas dezenas de jo-

m fazendo» e não «fazem fa-

alho, foi director do semanário amamente cortou relações por fa- lco, e é o delegado em Maputo gal.

hechidos agradecimentos.

osé António Cerejo

ocrática

táticas até agora adoptadas.

O chefe do gabinete presidencial, Donald Regan, revelou em entrevista à televisão

que o presidente Reagan se recusa a encarar a vitória demo-

crática no Senado como uma derrota pessoal.

«Vamos continuar com a revolução Reagan», acentuava.

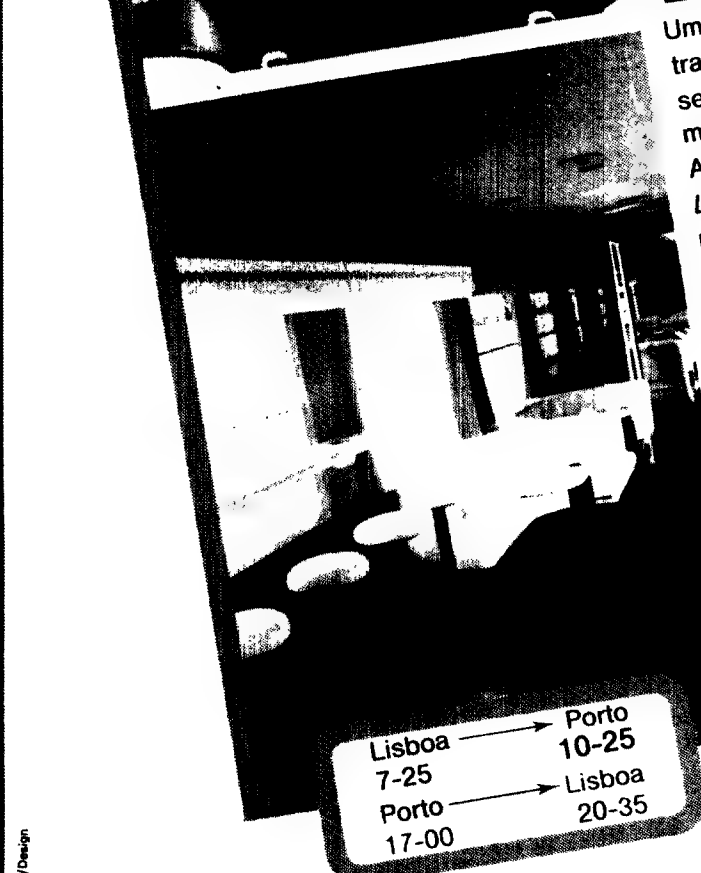
«Se havia uma revolução Reagan, acabou», contrapunha um dirigente democrata.

LISBOA/PORTO/LISBOA

UMA VIAGEM A PREÇO ACESSÍVEL?

É DAR POUCO DINHEIRO POR MUITO CONFORTO!

AGORA, NOVO SERVIÇO LISBOA/PORTO/LISBOA, COM 2.ª CLASSE MUITO CONFORTÁVEL, DE GRANDE CAPACIDADE.



Uma viagem a preço acessível não se traduz apenas no pouco dinheiro que se paga. Revela-se, sobretudo, no muito conforto que se obtém. A 2.ª classe do novo Serviço Lisboa/Porto/Lisboa oferece, nomeadamente, grande capacidade de lugares, espaço muito amplo, ar condicionado, assentos anatómicos, carruagens insonorizadas de pouca vibração e excelente serviço de bar. Um ambiente muito confortável, quase ao nível da luxuosa 1.ª classe, com a vantagem do preço mais acessível. Bastante veloz, este novo material de avançada tecnologia ferroviária apresenta características de elevada segurança, destacando-se as portas de bloqueio automático e o sistema especial de travagem.

Lisboa → Porto 10-25
7-25
Porto → Lisboa 20-35
17-00



Comboio, a opção decisiva.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Proc. 948/86

11.º Juízo-2.ª Secção

O Dr. MANUEL NUNES FERREIRA, Juiz do 11.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber que pelo 11.º Juízo, 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de Contrato Individual de Trabalho, registados sob o n.º 948/86 em que é autor JORGE FILIPE GOMES, residente no Bairro das Marianas, Rua 2, porta 51, 2775 Parede, e réu LOURENÇO & FIGUEIREDO, LDA.,

com sede na R. de S. Bento, n.º 177, 1200 Lisboa, e neles correm editos de trinta dias, notificando a ré de que em virtude de ter sido ultrapassado o prazo previsto no art.º 2.º do dec. n.º 562/79 e dado o desinteresse da mesma foi considerado sem efeito o pedido de assistência judicial formulado a fls. 19 dos autos.

Mais se notifica que em função do anterior lhe foi concedido um novo prazo de oito dias para contestar, querendo, a acção, que será contada a partir da 2.ª e última publicação e findo que seja o dos editos.

Lisboa, 1986.10.29

O Juiz de Direito Assinatura Segue

Por o Escrevão Anabela de Figueiredo Pereira

D.L. 6/11/86 - 1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

FAZ SE SABER que pelo 13.º Juízo - 1.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de Execução por Quanta Certa, registados sob o n.º 2/86, em que é Exequente JOSÉ MARQUES PAIXÃO e Executada ARALEX-SOCIEDADE AGRÍCOLA E DE REPRESENTAÇÕES, Lda., com sede na Av.ª Defensores de Chaves, n.º 85, 3.ª Esq., em Lisboa, e neles correm editos de Vinte Dias, citando os credores

desconhecidos para, no prazo de DEZ DIAS, findo o dos editos, ou a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos do art.º 864º e seguintes, do Código de Processo Civil.

E PARA CONSTAR se passou o presente anúncio e outro de igual teor, que vão ser publicados onde a Lei determina.

Lisboa e Tribunal do Trabalho, aos vinte e sete do mês de Outubro do ano de mil novecentos e oitenta e seis.

O Juiz de Direito,

A) ARTUR MANUEL VENTURA DE CARVALHO

A Escrevência,

A) MARIA FILomena LINDO DA SILVA

D.L. 6/11/86 - 2.ª Pub.

SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO
AVISO

Para os devidos efeitos se torna público que estará aberto CONCURSO POR SORTEIO em conformidade com o Decreto Regulamentar n.º 50/77, de 11 de Agosto, pelo prazo de 15 dias (desde 3 a 17 de Novembro de 1986), para atribuição por venda de um foguete Tipo T2, sito NO EDIFÍCIO 10 B - 4.º PISO - LETRA M - CIDADE NOVA - SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS pelo preço de 2 495 773\$00, (dois milhões, quatrocentos e noventa e cinco mil, setecentos e setenta e três escudos, e de um Tipo T2, sito NO EDIFÍCIO 11 A - 6.º PISO - LETRA A - CIDADE NOVA - SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS, pelo preço de 2 620 562\$00, (dois milhões, seiscentos e vinte mil, quinhentos e sessenta escudos).

- 1 - O pedido de admissão ao sorteio é feito mediante requerimento dirigido ao Sr. Presidente da Câmara, acompanhado de documento comprovativo do pagamento da caução de 5%.
- 2 - Os concorrentes devem possuir rendimento mensal por cabeça de valor situado dentro dos limites mínimos e máximos previstos no quadro seguinte e definidos em função do salário mínimo mensal nacional.

N.º de pessoas do agregado familiar	Rendimento mínimo mensal (per capita)	Rendimento máximo mensal (per capita)
1	33 750\$00	90 000\$00
2	22 500\$00	56 250\$00
3	18 000\$00	39 375\$00
4	16 200\$00	33 750\$00

- 3 - O Programa do Concurso donde constarão todas as condições respeitantes ao mesmo estará afixado nos Serviços Municipais de Habitação desta Câmara onde poderá ser consultado dentro das horas normais de expediente.

Loares, 24 de Outubro de 1986
O Vereador do Pelouro,
Duarte Nuno Alves Clímaco Pinto

Serviço de Informação e Relações Públicas (tel. 983 00 12)

SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO
AVISO

Para os devidos efeitos se torna público que estará aberto CONCURSO POR SORTEIO em conformidade com o Decreto Regulamentar n.º 50/77, de 11 de Agosto, pelo prazo de 15 dias (desde 3 a 17 de Novembro de 1986), para atribuição por venda de um foguete Tipo T2, sito NO EDIFÍCIO 10 B - 1.º PISO - LETRA A - CIDADE NOVA - SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS - LOURES pelo preço de 2 622 901\$00, (dois milhões, quinhentos e vinte e dois mil, novecentos e um escudo, e de um Tipo T2, sito NO EDIFÍCIO 17 - 9.º PISO - LETRA F - CIDADE NOVA - SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS, pelo preço de 2 495 773\$00, (dois milhões, quatrocentos e noventa e cinco mil, setecentos e setenta e três escudos).

- 1 - O pedido de admissão ao sorteio é feito mediante requerimento dirigido ao Sr. Presidente da Câmara, acompanhado de documento comprovativo do pagamento da caução de 5%.
- 2 - Os concorrentes devem possuir rendimento mensal por cabeça de valor situado dentro dos limites mínimos e máximos previstos no quadro seguinte e definidos em função do salário mínimo mensal nacional:

N.º de pessoas do agregado familiar	Rendimento mínimo mensal (per capita)	Rendimento máximo mensal (per capita)
1	33 750\$00	90 000\$00
2	22 500\$00	56 250\$00
3	18 000\$00	39 375\$00
4	16 200\$00	33 750\$00

- 3 - O Programa do Concurso donde constarão todas as condições respeitantes ao mesmo estará afixado nos Serviços Municipais de Habitação desta Câmara onde poderá ser consultado dentro das horas normais de expediente.

Loares, 24 de Outubro de 1986
O Vereador do Pelouro,
Duarte Nuno Alves Clímaco Pinto

Serviço de Informação e Relações Públicas (tel. 983 00 12)

PESSOAS E FACTOS

Artista suíça expõe jóias em Lisboa

Organizada por «Artefacto 3», inaugura-se hoje pelas 19 horas naquela loja-oficina da Travessa da Água da Flor, 37 (Bairro Alto), em Lisboa, uma exposição de jóias da artista suíça Marie Hoeppli.

Tendo participado em várias exposições colectivas e individuais em França e na Suíça,

Marie Hoeppli, que nasceu em Genebra, em 1955, é artista/outrora autodidacta; o seu trabalho

está orientado para a criação de «jóias-paramentos», justapondo

os materiais não preciosos mais diversos e mais heteróclitos que, cosidos sobre o tecido, tomam a

forma de colares, pulseiras, brincos e até faixas «obi».

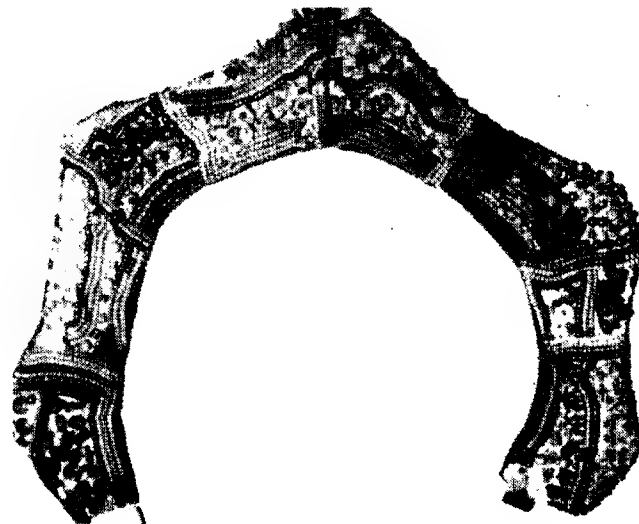
Da fase em que pintava, Marie Hoeppli guardou um gosto

marcado pela cor. Mas o que a guia não é uma procura estética,

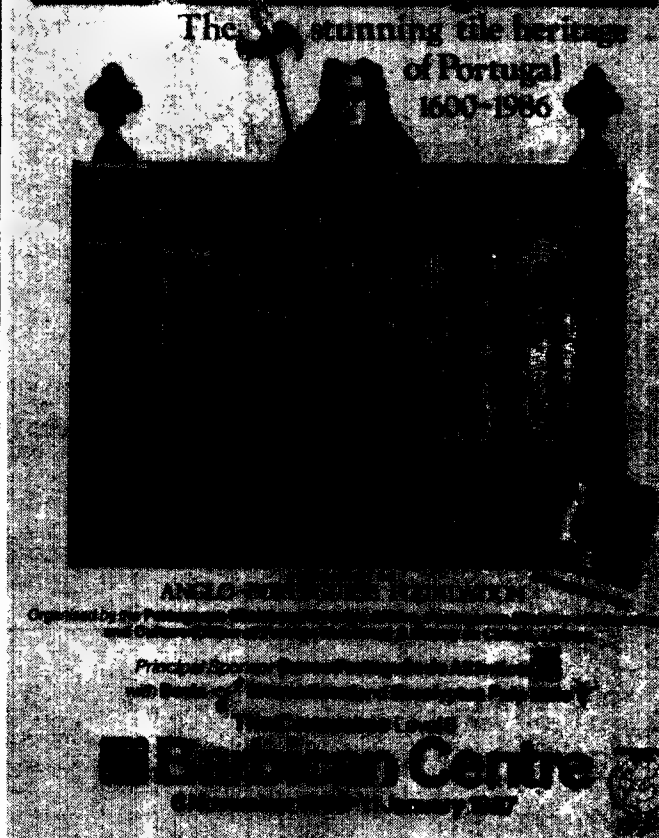
mas sim os próprios materiais que com as suas «nuances» e volumes, orientam as suas criações.

Sem esboços prévios, as suas peças surgem de uma utilização múltipla de imagens colhidas ao acaso, sem que seja possível encontrar referências explícitas.

Barrocas e europeias, com cunho teatral, as suas jóias não deixam por isso de ser rigorosas.



AZULEJOS



Com o patrocínio do BPA

Exposição de azulejos em Londres

No prestigioso Barbican Centre, de Londres, abre hoje uma importante exposição de azulejaria portuguesa, apresentada pela Fundação Anglo-Portuguesa e com o patrocínio do

Banco Português do Atlântico e da Bovis International e Eucliptus Paper Mills.

Organizada pelos Ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Educação, e pelo Museu da Cidade de Lisboa, a exposição cobre quatro séculos de azulejaria e é a maior até agora feita fora do

nosso País. São 51 painéis de azulejos, seleccionados de sete das melhores colecções portuguesas, e que serão exibidos juntamente com ilustrações fotográficas e amostras de estudos originais.

O tamanho dos painéis varia entre 4 e 900 azulejos, e a exposição, que integra as comemorações da celebração do Tratado Anglo-Português de 1386 (PORTUGAL 600), estará aberta ao público até 11 de Janeiro de 1987.

"Sistema 12" da ITT

A semelhança do que aconteceu em Portugal, o «Sistema 12» da ITT foi igualmente aprovado em Espanha, onde a Standard Eléctrica forneceu já à Companhia Telefónica 10 Centrais Digitais do «Sistema 12» correspondendo a 85 000 linhas. Destas, duas centrais em Madrid estão já em pleno serviço público e mais 5 centrais serão fornecidas até ao fim do ano. A Telefónica confirmou ainda encomendas para 200 000 linhas por ano em 1987 e 1988 sendo este número aumentado para 250 000 linhas nos anos seguintes.

Também na Noruega a STK acaba de entregar à administração local uma rede digital do «Sistema 12» para as áreas de Oslo e Lilleström, elevando para 70 000 o número de linhas já entregues, num total de 700 000 que deverão entrar em funcionamento até ao fim de 1988.

I Congresso da AIND

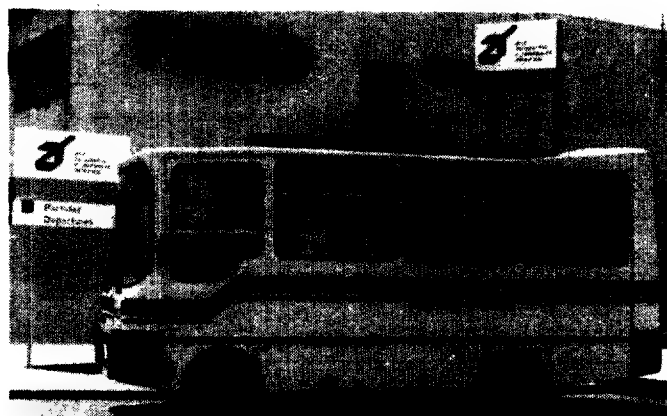
Editado pela Associação da Imprensa Não-Diária, foi agora apresentado o livro que contém as comunicações e os principais debates do I Congresso promovido em 1985, por aquela Associação, nas Caldas da Rainha. Este Congresso teve sobretudo um carácter formativo, proporcionando aos participantes uma visão de como pode ser gerida uma empresa de comunicação social em Portugal dedicada à feitura de publicações.

Muitas das comunicações versam temas que, embora não tenham a ver directamente com a feitura de um jornal, interferem no seu êxito, nomeadamente a distribuição, a publicidade e os níveis de audiência entre outros. O livro, para cuja edição contribuiu a Direcção-Geral de Comunicação Social, é um útil instrumento de consulta para quem dirige ou se interessa por empresas jornalísticas.

Avis lança "Courtesy Bus" no Aeroporto de Faro

A semelhança do que existe noutros países da Europa, também em Portugal a AVIS Rent a Car é a primeira a oferecer este serviço aos seus clientes. Trata-se do «Courtesy Bus», um serviço de transporte em pequeno autocarro do Aeroporto ao escritório central, que dista 500 m.

«Courtesy Bus» tem registado o melhor acolhimento quer por parte dos clientes individuais, quer por parte dos operadores turísticos, concretizando-se, mais uma vez, a preocupação constante da AVIS em «We try harder».



FC Porto,3 - Vitkovice,0

Exibição de luxo em noite de gala

Não foi muito fácil ao F.C. Porto adquirir o «passaporte» para prosseguir na Taça dos Campeões Europeus, apesar de ter vencido o Vitkovice por três a bolas a zero.

As 80 mil pessoas que ocorreram ao Estádio das Antas para assistir à 2.ª mão da 2.ª eliminação desta competição europeia, só conseguiram respirar fundo quando faltavam 8 minutos para terminar a partida, graças ao golo da tranquilidade levado a efeito por Futre.

Aparentemente, este desafio não teve grande história até porque, o F.C. do Porto dominou quase todo o tempo e criou várias oportunidades, enquanto a equipa da Checoslováquia apenas uma ou outra vez, conseguiu penetrar na grande área de Zé Beto, nomeadamente na primeira parte.

Dizemos aparentemente porque os «azuis e brancos» adormeceram no início do segundo tempo e, só a falta de determinação e de objectividade fez com que o Vitkovice não marcasse o golo tão desejado pela equipa de Ivan Kosejek.

O primeiro golo da partida surgiu logo aos 5 minutos através de André, que atirou para o fundo das redes de Prusa, depois de receber o esférico de Jaime Magalhães que desenvolveu uma linda jogada pelo lado esquerdo, bem junto da linha lateral, cru-

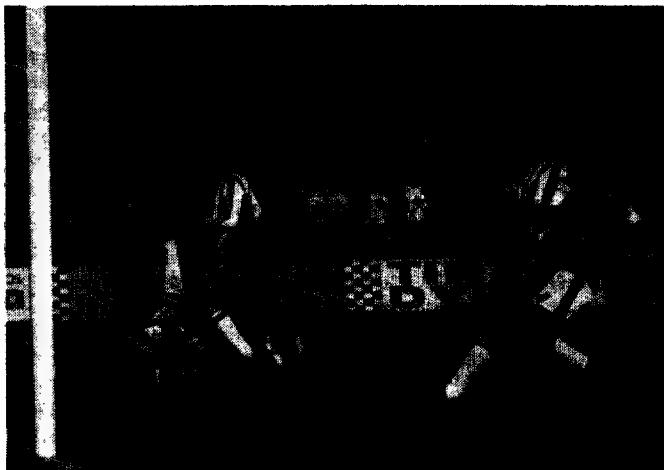
zando para o seu companheiro junto da bandeira de canto.

A partir daquele momento, tudo parecia fácil para os «dragões» e o segundo golo esteve à vista, quando eram decorridos 14 minutos. Uma tabelinha entre Jaime Magalhães e André — sem dúvida os melhores jogadores no relvado por parte do Porto — com o último a atirar à «queima roupa» e só o reflexo de Prusa que com os pés desviou a trajetória do golo, salvou o Vitkovice de sofrer ainda mais cedo.

A perder por uma boa — empatados no computo geral — os checos começaram a abrir mais a sua zona defensiva, balançando-se mais para a frente no contra-ataque. Com esta subida, o Vitkovice permitia a entrada de André pelo lado direito e de Futre pelo esquerdo na zona perigosa para o guarda-checo.

Bartl e Kovacic, eram os únicos jogadores que «ousavam» aproximar-se de Zé Beto, mas, Eduardo Luis e Celso neutralizavam aquelas tentativas.

O jogo ia prosseguindo com os checos a tentar segurar a bola no seu meio-campo enquanto o Porto, tentava a todo o custo aumentar a sua vantagem, com remates sucessivos, mas sem direcção e outros defensores por Prusa. Mas, aos 25 minutos, o Porto aumentou a sua vantagem com um «golão» de Celso, na sequência de um livre. Foi Sou-



«Dragões»: a ordem era atacar, para marcar

rek que fez falta sobre André quando este em velocidade pelo corredor central se dirigia rumo ao guarda-checo da Checoslováquia. O juiz da partida, Van Langenhove assinalou e Celso foi chamado a cobrar a falta e de muito longe, efectuou um remate — tipo canhão — que o guarda-redes do Vitkovice nem se mexeu tal foi a velocidade com que a bola por ali passou.

Mesmo antes de terminar os primeiros 45 minutos, Futre atirou mas sem ângulo, razão pela qual o esférico passou a escassos centímetros do poste mais longe e Prusa e o Vitkovice pelo seu lado tentaram a anulação do marcador, a poucos minutos do pri-

meiro tempo. Kovacic, atirou fraco, onde Zé Beto não teve dificuldades em segurar a bola. Toda a jogada foi excelente, através de Lorenc, pela asa esquerda que só não resultou o remate já que o cruzamentopodia ser melhor.

Após o intervalo, Kopecky tenta virar o resultado e altera a equipa inicial, fazendo entrar no relvado o avançado Skarecky saindo o médio Lorenc a fim de procurar o golo que lhe garantisse a passagem à fase seguinte.

De facto, com esta alteração, o Vitkovice demonstrava outra determinação e quando partiam para o ataque, faziam-no com todos os elementos, excepto Vlk

e Grussman que ficavam mais para trás para segurar qualquer contra-ataque do adversário, como aconteceu algumas vezes. Este trabalho colectivo da equipa checa, fez recuar o Porto e foi «senhor» durante 15 minutos do meio-campo azul e branco.

A falta de serenidade e de confiança em rematar para a baliza de Zé Beto, era o factor «amigo» para os jogadores de Artur Jorge já que um golo sofrido, deixava tudo a perder. Aliás estava na mente de todos os adeptos do Porto o que se tinha passado a poucos momentos com a eliminação do Sporting ao sofrer um golo contra a corrente do jogo. Daí, o medo que pairava no Estádio das Antas agravado quando Sourek, de calcanhar deu para Skarecky que rematou, passando a bola uma tangente à barra da baliza do guarda-checo.

Futre, no entanto aliviou os mais «cardíacos» quando mar-

cou o terceiro golo. Foi numa jogada individual e de teimosia que atirou com a bola a passar pelo meio das pernas de Prusa.

Era o início da festa «azul e branca»? uma vez que apenas faltavam cerca de 7 minutos para terminar o encontro.

Quando faltavam 2 minutos para o juiz da partida apitar para o final, Artur Jorge possibilitou a Juury e Madger enquadrarem-se também na festa do «relvado» retirando Futre e Gomes.

Foi mais que justa a passagem desta eliminação, tendo em conta as muitas oportunidades do golo por parte do Porto. Mas, não foi fácil a passagem deste obstáculo, chamado Vitkovice, que saiu as Antas de cabeça levantada dado o susto que pregou aos campeões nacionais.

Esta vitória fica na história do Porto, porque é a primeira vez que a equipa das Antas passa aos quartos de final da Taça dos Campeões Europeus.

Tiago Alexandre

Jogo no Estádio das Antas sobre arbitragem de Van Langenhove, da Bélgica.

FC Porto: Zé Beto; João Pinto, Inácio, Celso e Eduardo Luis; Quim, Jaime Pacheco, Jaime Magalhães e Gomes (Juury, aos 86 m), Futre (Madjer, aos 88 m) e André.

Vitkovice: Prusa; Karas, Kadlec, Vlk e Grussmann; Sourek, Keler, Lorenc (Skarecky, ao intervalo) e Beles; Kovacic e Bartl.

Golos de André (5 m), Celso (25 m) e de Futre (82 m).

Ao intervalo: 2-0

Cartão amarelo: Beles (39 m) e Skarecky (80 m).

De 128 restam 32

FC Porto e Vitória de Guimarães entre os «resistentes»

O FC do Porto foi uma das sete equipas que ganharam nos relvados o direito de jogar os quartos-de-final da Taça dos Campeões Europeus de Futebol.

A oitava, o Besiktas, da Turquia, venceu «administrativamente», por castigo da UEFA ao Apoel de Chipre pela sua ausência ao primeiro jogo dos oitavos-de-final.

A nota saliente destes oitavos-de-final foi a vacatura do título, pois o actual campeão, o Steaua de Bucareste, da Roménia, viu-se afastado pelo Anderlecht, da Bélgica. Apesar do triunfo por 1-0 em Bucareste, o Steaua não recuperou dos 3-0 sofridos em Bruxelas.

Bayern, Anderlecht, Estrela Vermelha, Dinamo de Kiev, Real Madrid são difíceis adversários potenciais para o FC do Porto, e «fregueses» das fases finais das taças europeias, enquanto o Brondby é a novidade e o estranho caso do Besiktas a surpresa e certamente o adversário preferido dos restantes sete nos quartos-de-final, a disputar em Março.

Taça das Taças

A vitória do Torpedo de Moscovo em Estugarda (5-3) dominou os oitavos-de-final da Taça das Taças, numa jornada em que quatro equipas foram obrigadas a jogar prolongamento.

Na primeira «mão», o Torpedo venceu por 2-0 e qualificou-se com 7-3 no total das duas «mãos».

Apuradas para a próxima eliminação: Lokomotiv Leipzig (RDA), Saragoça (Espanha), Vitocha Sófia (Bulgária), Torpedo de Moscovo (URSS), Sion (Suíça), Bordéus (França), Malmoe (Suécia) e Ajax de Amesterdão.

Taça UEFA

O Spartak de Moscovo, que goleou o Toulouse, de França, por 5-1, conseguiu o resultado mais expressivo da segunda «mão» dos 16 avos de final da Taça UEFA.

Também o Inter de Milão souou as estopinhas para eliminar o Legia de Varsóvia, vencendo por escasso 1-0, depois do empate a

três golos na primeira «mão», na capital polaca.

Alemanha Federal, Bélgica, Escócia e Itália são os únicos países com duas equipas qualificadas para os quartos-de-final.

Ficaram apuradas as seguintes equipas: FC Groningen (Holanda), Beveren (Bélgica), Glasgow Rangers (Escócia), Bayer Uerdinger (Alemanha Federal),

Inter (Itália), Guimarães (Portugal), Borussia Moenchengladbach (Alemanha Federal), Gent (Bélgica), Torino (Itália), Dukla (Checoslováquia), Barcelona (Espanha), Hajduk Split (Jugoslávia), Swarovski Tirol (Áustria), Gotemburgo (Suécia), Sparta de Moscovo (União Soviética) e Dundee United (Escócia).

Foi assim...

Taças dos Campeões

Juventus (Itália) - Real Madrid (Espanha) 1-0 (0-1) a)
F. C. do Porto (Portugal) - Vitkovice 3-0 (0-1)
Estrela Vermelha (Jugoslávia) - Rosenborg4-1 (3-0)
Áustria de Viena (Áustria) - Bayern (RFA) 1-1 (0-2)
Steaua (Roménia) - Anderlecht (Bélgica) 1-0 (0-3)
Dymano de Kiev (URSS) - Celtic (Escócia) ... 3-1 (1-1)
Dynamo de Berlim (RDA) - Brondby 1-1 (1-2)
Apoel (Chipre) - Besiktas (Turquia) (a)
a) Apurado o Besiktas por falta de comparência do seu adversário, e o Real Madrid, após desempate por grandes penalidades (3-1)

Taça das Taças

Lokomotiv (RDA) - Rápíd (Áustria) 2-1 (1-1)

Wrexham (País de Gales) - Zaragoza (Espanha) .. 2-2 (0-0)
Velez Mostar (Jugoslávia) - Vitocha (Bulgária) ... 4-3 (0-2)
Stuttgart (RFA) - Torpedo de Moscovo (URSS) .. 3-5 (0-2)
Sion (Suíça) - Katowice (Polónia) 3-0 (2-2)
Bordeaux (França) - Benfica (Portugal) 1-0 (1-1)
Malmoe (Suécia) - Nentori (Albânia) 0-0 (3-0)
Olympiakos (Grécia) - Ajax (Holanda) 1-1 (0-4)

Taça UEFA

Neuxatel-Xamax (Suíça) - Groningen (Holanda) .. 1-1 (0-0)
Atlético de Bilbao (Espanha) - Beveren (Bélgica) 2-1 (1-3)
Bayer Uerdinger (RFA) - Widzew (Polónia) 2-0 (0-0)
Inter (Itália) - Légia (Polónia) 1-0 (2-3)
Atlético de Madrid (Espanha) - Guimarães 1-0 (0-2)
Fayenoord (Holanda) - Moenchengladbach (RFA) 0-2 (1-5)
Gantoise (Bélgica) - Sprotul (Roménia) 1-1 (3-0)
Lava Elo (Hungria) - Torino (Itália) 1-1 (0-4)
Leverkusen (RFA) - Dukla (Checoslováquia) 1-1 (0-0)
Sporting (Portugal) - Barcelona (Espanha) 2-1 (0-1)
Trakia (Bulgária) - Hajduk (Jugoslávia) 2-2 (1-3)
Standard de Liège (Bélgica) - Tyrol (Áustria) 3-2 (1-2)
Brandenburg (RDA) - IFK Goeteborg (Suécia) ... 1-1 (0-2)
Spartak de Moscovo (URSS) - Toulouse (França) 5-1 (1-3)
Craiova (Roménia) - Dundee United (Escócia) 1-0 (0-3)
Boavista (Portugal) - Glasgow Rangers (Escócia) 0-1 (1-2)

Enquanto que a próxima ronda, referente à Taça dos Campeões e Taça das Taças, apenas terá lugar no mês de Março (dias 4 e 18), os oitavos-de-final da Taça UEFA decorrerão no dia 26 do corrente e 10 de Dezembro pelo que o sorteio, relativo a esta prova, se efectua amanhã em Zurique.

Bordéus, 1-Benfica, 0

Hora para exame ao espelho

Neves de Sousa
nosso enviado especial

— Juro por tudo: só vi a bola quando ela já vinha no ar...

Silvino diz-me isto quando o avião que transporta a embaixada do Benfica já está prestes a entrar no espaço português. Acabara o sonho: sabiam-se todos os resultados dos outros clubes portugueses, e, entre alguns apaniguados da água que faziam parte do voo «charter» que tocou Lisboa pelas três da madrugada de hoje, parecia que o desaire também sofrido pelo Sporting tinha aliviado toda a sua mágoa pelo inêxito da turma de Mortimore no palco do Parc de Lescure. Quer dizer: talvez mais que benfiquistas, vingava no subconsciente um primário antisportinguismo que foi (realmente) uma das poucas notas insólitas de viagem calma e serena em que aflorou a confirmação de que o eng.º Raul Martins poderá ser o «oficial» sucessor do pai (Fernando Martins) quando este terminar o seu mandato como presidente dos rubros (Março próximo) e que, a confirmar-se a ida de Júlio Borges para Macau, no exercício de outra actividade profissional, o seu lugar à frente do Departamento de Futebol do Benfica deverá transitar para Fernando Calado, actualmente no comando do futebol juvenil dos «encarnados».

Estávamos deliciando-nos com a magnífica ementa que José Alberto Diogo, o poeta dos «Festivais-TV» e fabuloso contador de anedotas que integra a divisão de alimentação da TAP, elaborara para a viagem de regresso de Bordéus, na madrugada de hoje. Um petisco óptimo: salmão «Poché» sobre macedónia de legumes, «Filet» de novilho «Poelê», feijão verde em manteiga, batatas «persillés», queijo Camembert e tarte de maçã: nem um só jogador teve falta de apetite porque todos (e cada um) transportam no seu íntimo a convicção de que em nada está culpado pela derrota no Parque Municipal de Bordéus.

É claro e líquido que, segundo o espelho das exhibições mais recentes, o Benfica é uma equipa extramamente cautelosa, demasiado preocupada em defender e pouco ousada na concretização de qualquer ambição de alto sonho. Uma verdade que, como punho, está mais que confirmada: e não pode Mortimore escusar-se a confessar que terá uma larga quota de responsabilidade tom nesse sonolento que a turma da Luz adoptou; tom geral modificado apenas em andamento vivo e rápido quando sucede um raide de Carlos Manuel ou Diamantino, de cada vez que Nunes irrompe pelo castelo contrário, especialmente nos lances em que a bola é endossada a Maniche que, apoiado por Rui Águas, está a tronar-se de

enorme rentabilidade na colheita de golos que valem milhões.

Ora, ontem à noite, a formação da água caiu na esparrela (nunca emendada) de utilizar o corriqueiro e habitual «chuveirinho» para atirar o couro até às 18 jardas contrárias, como se estivesse lá o possante dinamarkês que desbasta uma defesa inteira: ficara em Lisboa, está lesionado. E o parceiro colocado na função de recolha, só por uma vez conseguiu ganhar um lance de cabeça ao seu polícia directo (Specht), para desbaratar a oportunidade quase infante, impelindo o esférico tão docemente para a desguarnecida baliza de Dropsy, que deu tempo a quase toda a defesa bordalesa acudir em desespero de causa e aliviar o susto. Ingenuidade pura de Rui Águas: aulas para combater a falta de experiência custam ouro.

Depois, aconteceram factos marginais a melhor justificação do insucesso lusitano. O árbitro Tritschler (impecável, quase para vinte valores) mal entrou no maravilhoso tapete verdinho do Lescure (que ficou premiado ao mais alto grau por Domingos Claudino, o imperador das instalações rubras na Luz) viu que o tempo (leia-se: jogo) ameaçava borrasca e, mais valendo prevenir que remediar, logo premiou as primeiras escaramuças mais sérias com o cartão «icterícia». Brindados: Girard e Álvaro. Sucede que (para

azar da nossa rapaziada) Álvaro teria, aos 55 minutos, uma entrada sobre contrário assim a modos que a puxar para o «catch»: e «herr» Tritschler, que estava a meia dúzia de metros, não podia perdoar. Talvez não ligasse o número ao caso inicial: mas, ao reparar que o mocetão que se revelou nos «Craques de Lamego» já vira o «amarelo», ficou sem outra alternativa. Álvaro foi para o balneário, refrescar-se mais cedo: e o Benfica que já carregava sobre os ombros o peso de um golo estupidamente consentido, ficou ainda pior das canetas.

Por falar em golo, digamos como aconteceu. Veloso, que poderia ser hoje dono de título de «brilhantíssimo» no espectáculo de ontem, lembrou-se de fazer várias faltas sobre Zlatko Vujovic. Uma, duas, três: os actores da outra companhia iam aproveitando os «livres» para calibrarem a pontaria: quando chegou a altura, pum! Vercruysse deu à bola o efeito de um arquinho e a inocente passou entre Silvino e o poste direito das suas malhas. Talvez tenha havido um segundo de perplexidade e estatismo mental antes da tentativa de defesa: o certo é que o inevitável aconteceu. E, como o Benfica ia para o intervalo, aquilo foi (mesmo) um balde de água gelida na noite já fustigada pelos dois graus de temperatura que nos rodeava em Bordéus.

Pensou-se que haveria rectificação de um processo ineficaz, corroído e aflorando o zero a partir do instante em que Rui Águas não atinava com o golpe de asa e a falta de um qualquer Manniche era desesperante. Nada mudou. Vários benfiquistas, na banca da, falavam de César Brito: esse, não tem direito a nada. Nem sequer foi suplente na viagem até à entidade patronal de Fernando Chalana. Será que Mortimore considera o ex-dianteiro covilhanense um peso morto no erário ao seu dispor ou resguarda-o para testes sérios lá pelo ano 2000?

O facto é que, na segunda volta do ponteiro, Shéu foi rendido por Chiquinho: que nunca chegou a ser Chicão, fi-

cou-se como menino de coro. E, como Álvaro marchava a caminho do duche, o que restava de Benfica ainda mais preocupado ficou, talvez já só à espera de um golpe de divindade: simplesmente Lurdes, Nazaré e Fátima não estão todos os dias de serviço permanente. Um Benfica indisciplinado na manobra, com Carlos Manuel em má forma e Diamantino impotente para colocar toda a ordem numa casa (a força e a vontade também têm limites, se não forem convenientemente administrados), passou a surgir rasgado na cortina central e impotente na vanguarda geral. Valia a defesa: óptima, especialmente Veloso e Oliveira, embora a serenidade de Dito seja primordial na solução de diversos problemas. Por seu turno, Silvino (como, muito provavelmente acontece com o suplente Neno) não deve ter ligado patavina aos públicos lamentos de Bento «com o qual no teria sofrido vários golos que recentemente tocaram no benfiquista véu-da-noiva». Um instante de fraqueza do técnico rubro: ainda que o sinta, não é desta forma que moraliza os seus obrigatórios sucessores... e, no que toca a Silvino, esteve quase impecável.

Assistiu-se, apesar do Benfica não possuir grande variante em matéria de soluções atacantes, a um período que culminou com o mais estranho desbaratar de sorte que tenho visto: três jogadores cá da casa em volta da bola, a dois metros da rede de Dropsy e, com o afã de cada um fazer o golo que dava direito a prolongamento, todos pontapearam de molde a tornar impossível qualquer progressão da esferinha! E o horizonte azul ficou (em definitivo) cor de chumbo.

Na abertura da rodada, o Benfica carregara e dominara; pertencia-lhe a preponderância atacante, parecia turma traquejada suficientemente para não tocar erros fatais: veio o golo, sucedeu a expulsão de Álvaro, declinou mais a condição física de algumas unidades e, para cúmulo, ninguém travava o «chuveirinho»



Veloso vai travar Zoran Vujovic: seria o pontapé «livre» de que resultou o golo do Bordéus

transformando-o em lances laterais rápidos, para rasgar todo o setim como o pano crú. E foi o que se viu.

Se é verdade que o jogo tombado na metade do terreno atribuída ao Bordéus poderia ter resultado em razoável colheita, também não é menos certo que aquela cabeça de Ferreri que saiu quase beijando o pau da baliza de Silvino, mais as duas investidas do galopante Roche podiam ter sido concluídas mais tranquilamente e redundado em maior pecúlio bordelense. Ficou-se pela magra mas sobrosa colheita: é melhor um vinho de casta que muitos barris de carrascão.

Agora que a estrada uefeira ficou interdita, é fundamental que o Benfica (para nova delícia de quantos vibram com o futebol e amam o «show» que pode ser rubricado por bons artistas) faça completo exame de consciência, avalie bem os teres e haveres, não tenha medo ante acções drásticas nem fique travado por ter de dialogar cara a cara com figuras exponenciais na sua área.

Havia um técnico (cujo nome não vem para o caso) que, de vez em quando, na altura em que alguns dos seus jogadores acusavam baixa de forma e não correspondiam à fama habitual, os mandava «lesionar» em treino. Isto é: essas «vedetas» recebiam ordem para simularem «toques» impeditivos de actuação oficial, manei- ra airosa de continuarem no olhar esplendoroso da multidão e com o mesmo respeito familiar. Ficavam uns tempinhos de quarentena e, quando regressavam ao trabalho activo, iam-se ao outro emblema «como se fossem tarzões». Será uma mesinha útil (já) para o Benfica?

Pelo menos, afrouxava por alguns momentos o belicioso ímpeto de certos profissionais do jogo-rei que, endeusados sobre pés de barro, movendo-se sobre o mais movediço dos terrenos, entendem que essas «melgas» que são os jornalistas estão colocados num exército que tenta a todo o transe a sua destruição, esquecendo-se de que apenas com largo e mútuo respeito, entre actores e divulgadores dos seus feitos, é possível aproximar dos favo-

Continua na pag. 18

Sob excelente direcção do alemão federal Tritschler, as equipas alinharam:

BORDÉUS: Dropsy; Thouvenel, Battiston, Specht e Zoran Vujovic; Rohr, Vercruysse, Tigana e Girard; Ferreri (Roche, aos 59 minutos) e Zlatko Vujovic.

BENFICA: Silvino; Veloso, Dito, Oliveira e Álvaro; Shéu (Chiquinho, aos 52), Nunes, Carlos Manuel, Diamantino e Vando (Zivkovic, aos 66); Rui Águas.

Ao intervalo: 1-0. Marcador: Vercruysse, aos 44 minutos. Cartão amarelo para Girard (2 minutos), Álvaro (5), Vercruysse (70). Cartão vermelho para Álvaro, aos 53 minutos.



CONVERSE



CONVERSE
Reach for the stars.

Sporting 2-Barcelona, 1

Meade não merecia...

Eugenio Alves

Tira-se-lhe o e final e Mead(e) significará «vinho temperado com mel». Pois é: o negro forte, combativo e generoso de quem o Arsenal abdicou há dois anos, a favor do Sporting leonino, «temperou», a noite de ontem, em Alvalade, com uma exibição memorável. Faltou o «mel» da passagem da eliminatória. Meade não merecia a tremenda injustiça daquele golo cínico, frio e irreparável do nº10 catalão (Roberto). Não o mereceram também outros seus brilhantes companheiros da noite injusta, como o Fernando Mendes das lágrimas finais, o Negrete pés de veludo, o furacão Oceano, e Zinho, Venâncio, Mário Jorge e mesmo Virgílio, que «secou» o milionário britânico Lineker.

A invasão dos jornalistas catalães levou-me para a bancada do lado nascente, para a molhada dos «tiffosi» leoninos. Foi um ver se te avias de levantar-senta e senta-levanta, que os ferveiros adeptos não aguentavam tranquilos a avalanche de emoções.

Plantam-se os adversários no terreno, com Lineker e Amarilla destacados no ataque, ora apoiados por Marcos e Roberto, e passando com facilidade do 4-2-4 para o 4-4-2. Ouvem-se palpites pessimistas. «Os gajos querem jogar ao ataque», comenta assustado, a meu lado,

um desses adeptos que vai atrás dos «leões» a todo o lado. Era justo o pressentimento.

Todavia, decorridos os primeiros cinco minutos, a equipa de Manuel José agarrou o terreno, ocupou o

«miolo» e, com lances em profundidade, a aproveitar inteligentemente a velocidade de Meade, desatou o frio líder do campeonato espanhol. Miguel e Mortalha, os altos centrais do «Barça», não se entendiam com Meade, que lhes aparecia num e noutro flanco, batendo-os na corrida, disputando-lhes o espaço aéreo, rematando, passando, produzindo oportunidades de golo.

Acontece aos 17 minutos: escapadela pelo lado esquerdo e disparo que Zubizarreta desviou para canto. Oito minutos depois, é a fuga pelo flanco direito com atraso para Virgílio que desvia para Zinho e pontapé forte bem defendido de novo. Aos 33 m Fernando Mendes cruza do lado esquerdo, Meade recolhe o esférico mas falha incrívelmente. E, sete minutos depois, novo cruzamento do defesa esquerdo: os centrais visitantes juntam-se te-

vado com a disposição inicial. Um senão: Manuel Fernandes já não tem pernas para apoiar Meade. O veterano capitão fica-se pelo meio campo na ajuda à manobra da equipa e Meade tem que se desdobrar, de novo, em todas as frentes do ataque. Valerá, então, a subida de Mário Jorge, a combinar bem com Fernando Mendes e a superar igualmente a menor rapidez de Zinho (magnífico na primeira parte com as suas descidas pelo corredor direito).

E aos 15 m, um lance envolvente dos dois bons esquadristas do Sporting é concluído pelo cruzamento rigoroso do defesa e Meade surge bem alto, entre os laterais do «Barça» a cabecear para o sítio certo. É o delírio entre os setenta mil das bancadas. Crescem mais os «leões» e Fernando Mendes perde, infantilmente, a oportunidade da noite quando, isolado frente a Zubizarreta e tendo Meade e Mário Jorge em melhor posição para o golo, opta por um falhado «chapéu».

É o período decisivo do jogo. Manuel José opta, sabiamente, pelo reforço da defesa, trocando Manuel Fernandes por Gabriel. E quando já ninguém acreditava, nem mesmo os forasteiros (entretanto reforçados com as entradas de Esteban e Urrutia), acontece o golo frio, para-quedista, a derrubar o sonho lindo de uma equipa soberba, tão diferente do tímido onze, quase emagado três dias antes pelo Porto.

Foi pena. Meade não o merecia!..

meros à volta do solitário Meade, a bola sobra para Negrete e o ladino mexicano só tem que, calmamente, a empurrar para o lado contrário de Zubizarreta.

Aquele golo paraquedista...

Confiante, descontraído, o onze leonino voltou ao rel-

Sob a direcção do árbitro italiano Luigi Agnolin as equipas alinharam:

Sporting: Damas; Virgílio (McDonald, 87), Venâncio, Duílio e Fernando Mendes; Zinho, Oceano, Mário Jorge e Manuel Fernandes (Gabriel, 70); Negrete e Meade.

Barcelona: Zubizarreta; Gerardo, Miguelli, Júlio Alberto e Urbano; Muratalla, Pedraza (Esteban, 72), Lineker e Amarilla; Roberto, Marcos (Rojo, 72).

Ação disciplinar: cartões amarelos para Júlio Alberto (42), Pedraza (58), Fernando Mendes (67) e Roberto (68).



Meade: golo n.º 2

A opinião é dos espanhóis

Deusa fortuna esteve com o Barcelona

Sobre o Sporting-Barcelona, os jornais de Madrid são parcios em comentários, mas reconhecem a sorte que o Barcelona teve com o golão de Roberto. **Roberto evitou o «KO» do Barcelona** — titula o jornal desportivo «Marca», que considera providencial o golo de Roberto e afirma que a estratégia do Sporting merecia melhor fortuna.

Para este jornal, a deusa fortuna aliou-se com o Barcelona para o levar carinhosamente no seu regaço à eliminatória seguinte da Taça da UEFA — pois os catalães tinham tudo perdido.

O Barcelona conseguiu passar quando ninguém o esperava — titula o «Diário 16», segundo o qual o golo de Roberto foi providencial, quando o Sporting dominava a situação.

O jornal «Ya» também considera redentor o golo de Roberto, pois o Barcelona, que não esteve ao seu nível habitual, classificou-se milagrosamente.

Todos os jornais coincidem em que o Sporting foi melhor do que o Barcelona, que não merecia ter passado à eliminatória, o que só conseguiu por ter sido protegido pela sorte.



Negrete: golo n.º 1

O SERVIÇO E A QUALIDADE FAZEM A DIFERENÇA...

Lagosta Real
VIVEIROS PRÓPRIOS
MARISCOS SEMPRE FRESCOS

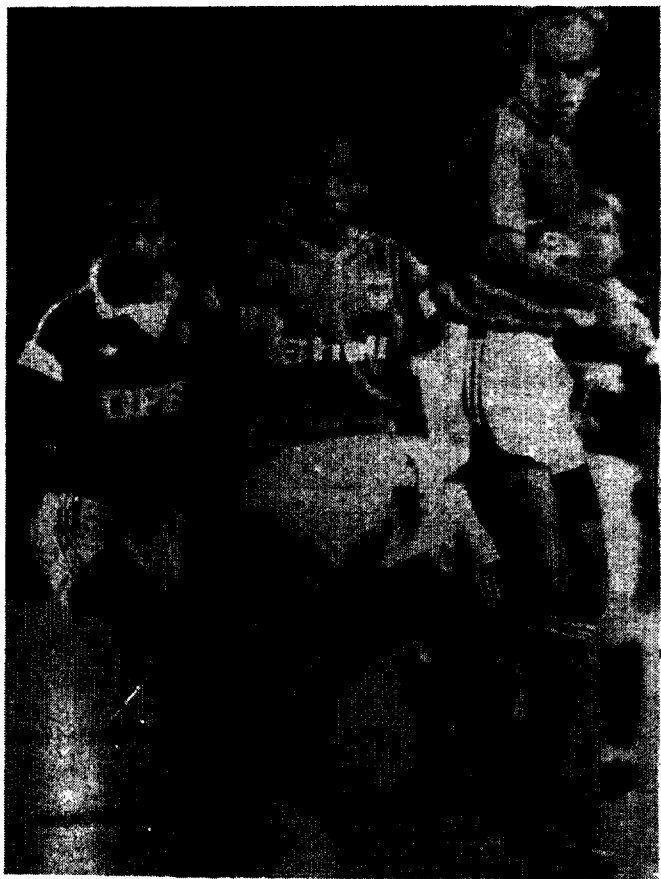
Especialidade da casa
CALDEIRADA DE LAGOSTA
A MARINHEIRA
COZINHA MINHOTA
R. PORTAS DE ST.º ANTÃO, 37 — TEL. 32 39 95

MARISQUEIRA DA BAIXA
Especialidade:

MARISCADA VARIADA
FEBRAS DE JAVALI NO CHURRASCO
RUA PORTAS DE ST.º ANTÃO, 41
TELEFONE 32 78 67

SOL Dourado
Especialidade:
ARROZ DE MARISCO
CABRITO À PADEIRO
RUA JARDIM DO REGEDOR, 19-25
TELEFONE 37 25 70

tem tem
Especialidade:
CHURRASCO NO CARVÃO
FONDUE
RUA D. ANTÃO DE ALMADA, 5-A
TELEFONE 36 59 44



Bordéus: Tigana, Shéu e Nunes. Bailado pela bola

De cabeça erguida

Continuação da pág. 16

res da multidão um anónimo que pode ser projectado para o estrelado se reunir, entre o mínimo de condições básicas, vontade de trabalhar e de não perturbar quem, do outro lado do muro, também labuta honestamente.

A quem quiser entender, aí vai um recado de «melga».

Quando voltarmos a tomar lugar na «esplanada», naquele sector da bancada do recinto da água que a sua direcção reservou para os **jornalistas não convidados**, esperamos tornar a encontrar o «team» que (só de entrar em campo com a água ao peito) não matava mas desmoralizava muito bons «onzes» de futebol. Ontem, ao lado de um primoroso Tigana, de um coriáceo Battiston, de um inteligente Girard e de um veloz Roche, mais de dois gémeos jugoslavos que são do melhorzinho que anda no futebol latino, tivemos um Veloso quase soberano, um Diamantino regedor, Oliveira e Silvino, toda a defesa a fazer pela vida, Nunes «esfarrapando-se» até ao limite em que podia ressentir-se da lesão contraída em Berna. Globalmente (certo e sabido) o Benfica tem

poderio para dar e vender. Só o que não se compreende lá muito bem é a razão por que um jogador considerado «imprescindível» há dois meses, agora nem sequer recebe a bola para também brincar o mesmo tempo que a concorrência. Vejam se falo de Zivkovic ou de Chiquinho: só acrescento que um empresário queria «vendê-lo» por 40 mil contos, o presidente Fernando Martins tomou o caso a seu cargo, resolveu o problema por metade do preço mas o moço, de um instante para o outro, passou apenas a criar calo no rabinho, de tanto morar sentado no banco lateral.

Em que ficamos, portanto? O rapaz serve ou não? Poderá o Benfica esclarecer esta «melga» que confessa ter ficado verdadeiramente triste com o afastamento de três equipas portuguesas da rota uefeira, feliz porque Porto e Guimarães continuam no mapa da Europa e dividido igualmente no lamento ao forçado adeus de um triunvirato que sempre considerou opulentamente na sua galeria de jóias raras e dignas de alta e respeitosa contemplação. E assim seja ver sempre.

Neves de Sousa

Belenenses contra arbitragem

O Belenenses afirmou, em comunicado, que os erros dos árbitros têm prejudicado sistematicamente a sua equipa de futebol, classificando simultaneamente de «fraca» a actual arbitragem da primeira divisão nacional.

O comunicado divulgado aos órgãos de informação e assinado pelo seu presidente, Mário Rosa Freire, refere que a arbitragem do jogo Varzim - Belenenses no passado domingo «atingiu o grau do inadmissível» com a anulação do golo dos «azuis» e a validação dos golos dos poveiros, considerados irregulares.

Na crítica aberta à arbitragem, o clube de futebol «Os Belenenses» sustenta que a **própria incompetência tem limites** e que estas quando ultrapassadas não podem deixar de dar lugar a medidas exemplares e públicas. **Vamos exigir a tomada de medidas disciplinares** — refere o comunicado, acrescentando que só daquela forma se pode ter árbitros responsáveis.

Árbitros recusam ser nomeados

A Associação de Futebol de Ponta Delgada anunciou a suspensão de todos os jogos do seu calendário, devido à recusa dos

árbitros em dirigi-los.

O Conselho Regional de Arbitragem recusa nomear árbitros para qualquer encontro, alegando falta de segurança nos campos, com diversos casos de agressões e insultos aos juizes.

A Associação de Futebol dos Açores convocou os clubes filiados para tentar resolver o problema, pois segundo o Conselho Regional de Árbitros não haverá jogos enquanto a situação não for resolvida.

Santa Clara despede treinador

A equipa açoriana do Santa Clara, que disputa o Campeonato

O "DL" NO FUTEBOL UEFEIRO

Atlético de Madrid, 1-V. Guimarães, 0

Jesus subiu aos céus

Um golo de Uralde no último minuto da partida valeu ao Atlético de Madrid o triunfo sobre o Vitória de Guimarães, 1-0, mas não lhe garantiu a qualificação para a terceira ronda da Taça UEFA.

O golo do avançado madrilenos surgiu já no período de desconto dado pelo árbitro belga Constantin que se ornou numa das principais figuras da partida pela sua polémica actuação no segundo período.

Constantin expulsou Carvalho aos 60 minutos e pouco depois assinalou uma grande penalidade contra o Vitória de Guimarães que Da Silva falhou possibilitando a defesa de Jesus.

O guarda-redes minhoto cotou-se como um dos melhores valores em campo no Estádio Vicente Calderon pela confiança que deu aos seus colegas no sector mais recuado.

A equipa de Marinho Peres, sem grande palmarés nas competições europeias, não se deixou impressionar pelo ambiente efervescente na capital espanhola e através da troca da bola no seu meio-campo, o Guimarães aguentou a forte pressão do adversário.

As ordens do técnico vitoriano eram as de segurar o ímpeto dos espanhóis e jogando em 4X4X2, a turma minhota aguentou o ataque desenfreado dos donos da casa e Jesus foi colocado à prova por várias vezes.

O «capitão» vitoriano apesar de ter visto a bola embater na barra ainda na primeira meia hora aconselhou calma aos seus colegas e o Guimarães susteve o «pressing» adversário. Aos 34 minutos Jesus defendeu com segurança um remate de Landaburu.

Na segunda parte, o figurino

pouco se alterou com o Atlético de Madrid a apostar forte no ataque e a colocar em sobressalto a defesa vitoriana. A partida teve algumas quesilias e o árbitro admoestou Marina e Rui Vieira com o cartão amarelo. Mas aos 60 minutos deu-se o caso do jogo com a expulsão de Carvalho, para nove minutos depois ser marcada uma grande penalidade que Jesus defendeu.

O Guimarães resistiu a estas duas situações adversas e susteve o ataque dos espanhóis que ainda tiveram uma outra bola à barra por Marina aliviando Miguel.

A pressão do Atlético de Madrid, já no período de desconto, conduziu ao único golo da partida apontado por Uralde no último minuto, mas com o Guimarães a prosseguir em prova.

Sob a direcção do belga Constantin, as equipas alinharam, no estádio Vicente Calderon:

ATLÉTICO MADRID: Elduayen; Tomas, Ruiz, Artech e Bilbao; Landaburu, Marina, Setien (Rubio, aos 61) e Llorente; Uralde e Da Silva.

V. GUIMARÃES: Jesus; Costeado, Nené (Tozé, 58), Miguel e Carvalho; Nascimento (Rui Vieira, 58), N'Dinga e Adão; Roldão e Cascavel.

Acção disciplinar: cartão amarelo: Artech (6 minutos). Cartão vermelho: Carvalho (65).

O golo do Atlético foi marcado já no período de desconto, três minutos após o tempo regulamentar, por Uralde.

Escrevem os jornalistas de Madrid:

O Atlético foi uma espingarda de feira

A Imprensa espanhola de hoje e os comentaristas da rádio coincidem em que o Vitória de Guimarães mereceu passar à eliminatória e que o Atlético de Madrid jogou mal, pois a equipa madrilenha não foi capaz de vencer nem de «penalty», nem contra 10 jogadores.

Os jornais sublinham que o Barcelona passou esta fase da eliminatória mercê de um golão de Roberto.

O Atlético esteve mal e falhou em todas as linhas com carência absoluta de poder físico — titula o jornal desportivo «As», para o qual o domínio da equipa madrilenha foi infrutífero, pois deu a resolução só nos primeiros minutos, mas fez um **futebol excessivamente tresloucado e precipitado**.

Em declarações ao jornal «As», o treinador Vicente Miera afirma-se resignado e diz que não falhar é metade do triunfo, coincidindo com os comentários dos jornais, que realçam o facto de Da Silva ter falhado a marcação do castigo máximo.

O Atlético nem de «penalty» nem contra 10 — titula o jornal «El País», que comenta a precipitação e a incapacidade da equipa e a falta de fé que faz. Este jornal reconheceu a agilidade mental do treinador do Guimarães e algumas emissoras de rádio comentam a forma disciplinada como os vimaraneses actuaram.

A **má-sorte e a própria torpeza eliminaram o Atlético de Madrid** — titula o jornal «Ya», para o qual o técnico Vicente Miera não encontrou fórmula de lubrificar bem a engrenagem da sua equipa. Funcionaram poucas coisas no Atlético, e os travões estão a ponto de rebentar na pendente, cada vez mais pronunciada — comenta este jornal, segundo o qual Miera vai viver dias de intranquilidade.

Na opinião do jornal desportivo «Marca», o Atlético foi

uma espingarda de feira e, por falhar, até desperdiçou um «penalty».

Este jornal comenta que o Atlético desaproveitou cinco oportunidade claríssimas de golo e isto e o «penalty» são um luxo que uma equipa tem de obter dois golos de vantagem não se pode permitir a que a falta de pontaria, além de outros erros, resultou fundamental.

Mais desporto na RTP

O telespectador português passará a ter com frequência desporto em directo ao sábado à noite e domingo de manhã, disse o responsável pela programação desportiva da RTP.

Para já, no próximo fim-de-semana o programa «Troféu» terá quatro edições no Segundo Canal, com «directos» sábado à noite e domingo de manhã.

A primeira edição de «Troféu» será a «normal», entre as 16 e as 20 horas de sábado, com destaques para a transmissão directa de uma das meias-finais do Campeonato da Europa dos Campeões em Ténis, que decorre em Antuérpia, para uma simultânea de xadrez em directo do estúdio, uma entrevista de uma hora com o presidente do Sporting, Amado de Freitas, e vai ainda tentar-se ter diante das câmaras Aurora Cunha, na véspera da sua participação no «Mundial» de Estrada.

A noite, e sempre no Segundo Canal, a outra meia-final do torneio de Ténis de Antuérpia vai ser transmitida em directo entre as 23.50 e as 00.50 horas.

Domingo de manhã o Segundo Canal transmite, a partir das 11.15 horas, em directo, o Campeonato Mundial de Estrada, em Lisboa.

Finalmente, a quarta edição do «Troféu» começa às 13.50 horas de domingo, com o «directo» da final do Torneio de Ténis de Antuérpia.

Neste hábito que vai ser o desporto na manhã de domingo e na noite de sábado, no Segundo Canal, pode já anunciar-se que em 15 do corrente, cerca das 24 horas, haverá o jogo de rãguebi França - Nova Zelândia.

Totobola: o "13"

1.º FC Porto - Vitkovice	1
2.º Juventus - Real Madrid	1
3.º Austria Viena - Bayern	X
4.º Steaua Bucarest - Anderlecht	1
5.º Dinamo Kiev - Celtic Glasgow	1
6.º Dinamo Berlim - Brondby	X
7.º Bordéus - Benfica	1
8.º Wrexham - Saragoça	X
9.º Olympiakos - Ajax	X
10.º Boavista - Glasgow Rangers	2
11.º Atlético Madrid - V. Guimares	1
12.º Sporting - Barcelona	1
13.º Toulouse - Sparta Moscovo	2



Vedeta parisiense para mercado de três milhões

Augusto Vilela

AX, BX, CX Citroen. Ou pela ordem inversa, se quisermos respeitar a cronologia da sua génese. É o ABC moderno de um construtor que ao longo de muitas décadas se caracterizou pela sua criatividade. O novíssimo AX, provavelmente a fechar um círculo de ouro da marca francesa, não frustrou a expectativa. Apesar dos tempos serem outros, outros serem também os mercados, e do marketing, com as suas ponderosas razões, escrivizar os criativos, o AX é digno dos seus antecessores. Graças aos seus méritos próprios, embora também um pouco devido à pobreza da concorrência, acabou por ser a grande vedeta do Salão de Paris.

Com o AX a Citroen fecha um círculo conceutivo de uma nova geração de carros que teve início com o luxoso CX, se estendeu para uma gama média com o BX e se completa agora com um carro destinado a outro segmento do mercado, designado por B2, ou das pequenas viaturas, segmento que na Europa representou, em 1985, cerca de três milhões de veículos vendidos.

Sem risco de falta de rigor, pode afirmar-se que o AX representa algo de novo da Citroen como resposta em termos de mercado para este segmento, se considerarmos que, tanto o Visa como as séries LN nunca foram identificados como de puro sangue Citroen, e os 2 CV constituem uma outra filosofia do automóvel.

Citroen ou não?

Até há cerca de uma dezena de anos esta pergunta era absurda. Um Citroen era sempre tão diferente, tão «sui generis» que se distinguia sem dificuldade. As vezes até chegava a escandalizar antes de se impor.

Actualmente, as características dos mercados e o papel que o «marketing» desempenha na concepção de qualquer novo modelo, obrigando a que tenham de ser respeitados um conjunto de parâmetros comuns a todas as marcas, a questão faz sentido.

E sendo assim, podemos

interrogar-nos se o AX é um verdadeiro Citroen ou é um compromisso. É muito ou pouco Citroen? Ou é mesmo de sangue puro?

A resposta é controversa e obriga a rever conceitos de apreciação por vezes bastante arreigados.

Pela nossa parte não hesitamos em afirmar que se trata ainda de um verdadeiro Citroen, embora de nova geração, mas um Citroen da cabeça até aos pés. Ou, para sermos tecnicamente mais rigorosos, do tejadilho até às rodas.

E isto porque o AX, sendo portador de muitas das características, conceitos e técnicas impostas pelos diferentes construtores para este tipo de viaturas, as apresenta todavia de uma maneira própria. Aquilo que não é puramente Citroen, por ter sido assimilado por todos os construtores é, pelo menos, fortemente «citroenizado».

Concepção

De acordo com o construtor, o Citroen AX «beneficia dos conhecimentos adquiridos no programa ECO 2000, programa de pesquisas orientado para a redução de massas, a diminuição das resistências ao avanço e a optimização dos motores».

Curioso o termo «beneficiar». Na verdade muita gente pensa que o ECO 2000 era um programa mais vanguardista, eventualmente moldado posteriormente pela sensatez comercial.

Seja como for, os estilistas e os engenheiros da marca francesa chegaram a resultados importantes. Para já conseguiram uma carroceria notável no que respeita a aerodinamismo, ao ponto de oferecer um CX de 0,31 que é, até agora, o melhor entre viaturas da sua categoria.

Por outro lado, utilizando os modernos meios de cálculo que a informatização permite e uma escolha de materiais proporcionados pela nova tecnologia, como chapas de aço de elevado limite de elasticidade, materiais de síntese, como numerosas outras soluções técnicas, conseguiram também uma carroceria de acordo com os pesos de estrutura das viaturas do futuro. Esse peso varia entre 640 e 695 kg, segundo as versões, o que representa cerca de 100 kg menos que os seus concorrentes.

A partir daqui desenvolve-se uma viatura que, naturalmente, apresenta superiores características no domínio das performances e do comportamento em estrada, e muito principalmente dos consumos.

Grupo moto-propulsor

O AX é um carro inteiramente novo em todos os aspectos e, como tal, a Citroen adoptou para ele um grupo moto-propulsor também inteiramente novo, disposto transversalmente em posição quase vertical (6 graus de inclinação), com uma caixa de 4 ou 5 velocidades, de acordo com as versões, montada no prolongamento do motor.

É justamente o motor uma das grandes surpresas deste novo modelo. Pertencente à nova geração designada por TU, utiliza as mais modernas tecnologias, como pistões de fricção reduzida, martelos em alumínio, melhor enchi-

mento, ignição transistorizada.

Deste motor foi construída de início uma gama de três cilindradas: 954, 1124 e 1360 cc, mas ele é de tal forma brilhante que deixa uma curiosa expectativa sobre as suas potencialidades de desenvolvimento futuro.

Com 4 cilindros em linha, contruído em alumínio, árvore de cames à cabeça e ignição transistorizada o motor TU apresenta algumas importantes particularidades de construção. Os embolos foram aligeirados através da redução da altura da saia, que possui seis saliências para reduzir a fricção; foi reduzida a altura dos segmentos, o que proporciona uma redução da fricção; a câmara de combustão hemisférica tem a vela posicionada ao centro, melhorando a combustão e o rendimento com incidência favorável também no consumo e na emissão de gases. Os martelos são contruídos em dois metais - corpo em alumínio e patim em aço tratado - o que permite reduzir a inércia e melhor distribuição, proporcionando regimes mais elevados e melhor rendimento. Por outro lado, com a utilização de materiais mais nobres, obtém-se uma melhor resistência ao desgaste para as superfícies sujeitas a fricção.

Outra particularidade importante diz respeito ao carácter que é dividido em duas partes, uma recebendo as camisas e outra envolvendo os apoios da cambota, o que reforça a rigidez do conjunto do motor.

Habitabilidade

A habitabilidade é um dos factores mais importantes numa pequena viatura, em que se exprime (ou não) o talento dos «designers». Neste aspecto o AX corresponde àquilo que nesse aspecto tem feito a sua concorrência, acrescentando-lhe algumas especificidades, como seja a existência, por todo o interior do habitáculo de 18 lo-

cais de arrumação, de todos os tamanhos e feitios, para todo o tipo de objectos, sem esquecer, em cada porta, um espaço para transportar uma garrafa de água mineral ou de refrigerante.

O construtor reclama para o AX, devido ao reduzido volume do compartimento do motor, «a melhor superfície habitável da sua categoria».

Nem sempre no entanto dados como a habitabilidade podem ser traduzidos linearmente em números. A tração da habitabilidade implica outros dados. No caso do AX, embora ela corresponda bem ao tipo de carro que ele pretende ser, julgamos que alguns ajustamentos terão inevitavelmente que ser feitos. Os bancos da frente, por exemplo, são tão generosamente acolchoados, que acabam por roubar algum espaço ao condutor.

Na estrada

É na estrada, ao volante do AX, que se descobre toda a sua garra, que descobrimos um carro surpreendente de eficácia, de performances, de

nervo. A excelente relação peso/potência era já por si o bastante para conferir ao AX características de viatura rápida e nervosa, mas este modelo está equipado com um motor de espectacular rendimento, com acelerações impressionantes e uma curva de potência excepcional. A tudo isso junta-se uma suspensão bem cuidada, uma caixa de velocidades irrepreensível e um sistema de travagem absolutamente eficaz.

Desde o primeiro contacto o AX revela-se um carro de surpreendente capaz de permitir uma condução rapidíssima ou de uma suavidade extrema, sempre com um motor a responder dócilmente em todas as situações, a dar tudo o que dele se pede, numa elasticidade invulgar.

O AX não será um carro irrepreensível. Talvez não seja tudo quanto a tradicional criatividade Citroen pode dar mas, no cenário actual da indústria automóvel, no compromisso dos mercados, é uma grande aposta.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

SALA EXPERIMENTAL

ESTREIA HOJE, ÀS 21.45 H

«JONAS»

de E. G. Berreby

Encenação e interpretação
DOMINGOS SEMEDO

Adaptação de
Fernanda Rodrigues

De 3.ª a Sábado, às 21.45 h
Domingo, às 16.30 h

ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA A 2.ª FEIRA - TEL. 32 22 10

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 11 de Setembro de 1986. Touros de António Barbeiro e de Cunha e Carmo para Antonio Ignacio Vargas, Antonio Ventura, forçados do Aposento do Barrete Verde de Alcochete, Jose Luis Galloso e Juan Mora.

Dado o seu elevado interesse, não só no contexto taurino mas também, e principalmente, no quadro das relações luso-espanholas, publicamos hoje, em substituição da crónica habitual, o discurso proferido pelo presidente da Associação Recreativa «Portugal - Espanha de costas voltadas nunca mais!», no jantar de homenagem ao único cidadão do país vizinho presente nas bancadas da Praça de Touros do Campo Pequeno, na corrida dedicada pela empresa ao turismo espanhol.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Sejam as primeiras palavras para manifestar a alegria e o reconhecimento pela presença de V. Ex.as à volta desta mesa. Sei que V. Ex.as não vieram aqui trazidos ao cheiro do requintado repasto, que nos acaba de ser servido, da leveza dos joaquinzinhos, acompanhados pela mandrilice do arroz de grelos, da suculência da feijoada à trasmontana, das tremuras do inefável pudim Molotov, sem esquecer o verde minhoto que tanto ajuda ao sentimento que aqui nos trouxe. Sim, eu sei que V. Ex.as vieram aqui, não chamados pela condição humana do apetite, mas sim pela do sentimento. O sentimento, tão grato ao lema da nossa sociedade, «Portugal e Espanha de costas voltadas, nunca mais!», o sentimento, minhas senhoras e meus senhores, de homenagem a esse nobre cidadão espanhol, que não quis deixar de estar presente na tourada que, em boa hora, a empresa do Campo Pequeno quis dedicar ao turismo da sua terra.

Permitam-me V. Ex.as que me detenha um pouco no gesto da empresa do Campo Pequeno. Ela podia ter-se lembrado de homenagear outro turismo qualquer, de país onde não houvesse termo de comparação com uma autêntica corrida de touros; o turismo italiano, ou o grego, ou o sueco, ou até mesmo o brasileiro, que aprecia tanto as cortesias, e a fileirinha bacana dos forçados. Mas não. A empresa do Campo Pequeno, numa deci-

são de alto risco, deliberou homenagear precisamente o turismo espanhol. E para isso montou um cartaz em que, ao lado dos bandarilheiros e forçados portugueses, e em frente dos touros que para serem portugueses só lhes faltava o serem touros, colocou um cavaleiro português que anda a ver se faz vida por Espanha, e um rejoneador que também é de trazer por casa dos nossos vizinhos, e dois matadores nossos irmãos, um já visto, o Galloso, e o outro para ver, o Juan Mora. Os agoirentos, que sempre aparecem nestas coisas, diriam que, se já os espectadores portugueses se contariam pelos dedos, ao Campo Pequeno não iria um único turista espanhol, em especial com uma noite assim pluviosa. Se quanto aos portugueses não andaram esses agoirentos longe da verdade, e na praça a chuva molhava mais pedras do que gabardinas, já quanto a não haver na praça um único turista espanhol, enganaram-se. Porque no Campo Pequeno esteve, contra vento e maré, um turista espanhol. Foi só um, mas esteve lá.

Esse turista, minhas senhoras e meus senhores, é o cidadão exemplar que aqui nos juntou esta noite, para celebrarmos comovidos o seu gesto — um gesto que para a nossa causa, «Portugal e Espanha de costas voltadas, nunca mais!», valeu por não sei quantas cimeiras ibéricas. Para esse cidadão, peço a V. Ex.as uma salva de palmas. *(O cidadão espanhol levanta-se tirando o guardanapo do pescoço, e diz «muchas gracias» três vezes seguidas).* Ele podia ter ido ouvir uns fados à Severa, ou fazer umas compras num centro comercial. Não quis. Havia uma nocturna em homenagem ao turismo espanhol, uma tourada na base das pontas emboladas e serradas, abrilhantada pela Banda Artística Lisboense, ele nem sequer tinha trazido guarda-chuva, e mesmo assim entendeu que não podia faltar. E não faltou. Tornou-se digno da nossa admiração, do nosso respeito, desta nossa singela mas sentida homenagem. *(Apaulsos).*

Dirão alguns de V. Ex.as, e com não pouco fundamento, que esta homenagem devia ser extensiva ao matador de touros Juan Mora, que embora não sendo turista é indiscutivelmente espanhol. E um espanhol a quem nenhum dos portugueses presentes no Campo Pequeno virou as costas enquanto ele permaneceu na arena; nem sequer no final, quando os cabrestos saíram para recolher o último, e a noite chuvosa e fria aconselhava à debandada, faltou o calor dos aplausos para esse toureiro que deixara na sombra a vulgaridade dos companheiros de cartaz. Um toureiro que pusera a praça lisboeta num alvoroço, minhas senhoras e meus senhores, como não me lembro de ter acontecido, nos últimos tempos, coisa parecida na nossa capital. Conquistou Lisboa, como já acabara de conquistar praças doutra galáxia, Madrid, Sevilha, El Puerto. Valor, sítio, e um sabor adornado de filigranas. Mas Juan Mora é um toureiro jovem, se a fortuna o não comprometer vai dar que falar, será figura, teremos muitas ocasiões para lhe tributarmos as nossas homenagens. Por isso eu sei que V. Ex.as vão compreender, apesar da delícia que foi a actuação de Juan Mora nesta tourada dedicada ao turismo espanhol, que o exclusivo da homenagem seja, aqui e agora, para o único turista espanhol que teve a dita de presenciar essa actuação, e assim recebeu a justa paga do seu gesto.

É essa paga que hoje viemos completar, na pessoa desse cidadão espanhol cujo nome ele pretende manter no completo anonimato, uma vez que, no plano laboral, o chefe da repartição onde trabalha poderia inteirar-se de que, tendo metido baixa por doença, veio em passeio a Lisboa, com a saúde e o apetite que felizmente todos pudemos nesta mesa testemunhar; é também no plano familiar, a revelação da identidade poderia dar a conhecer, à virtuosa esposa do cidadão, que ele não excursionou afinal à Cova da Iria, no alegado cumprimento duma promessa feita a Nossa Senhora de Fátima, por ocasião do concurso de promoção a segundo oficial, a que acaba de ascender. Com elevado mérito, sim, mas também pela graça da intervenção da nossa padroeira, dos seus milagres que não são mais do que a justiça do

Céu, quando a da Terra não chega. *(Vozes de «Apoiado»).*

A justiça, minhas senhoras e meus senhores, tem de estar sempre presente nos nossos corações. E permito-me acabar citando, com a devida vénia, o escritor ibérico Jose Feiteira de Bessa, nome bem conhecido pelas suas repetidas mensagens nos primórdios do «Correio Pessoal» do jornal «A Capital», mas cuja obra ainda não teve a suficiente divulgação. Afirma Feiteira, no livro «Cântico Poético», colectânea de vários poemas (com destaque para os versos de Marina Feiteira, tais como «Querido, deixaste-me só» e «Feliz Natal a Todos»), livro do qual foi conselheiro literário, afirma Feiteira, dizia eu, minhas senhoras e meus senhores, o seguinte: «Tudo sempre foi e vai pelo significado, nunca pelas choradeiras e outros atributos que se queriam admitir, como ao deixar escapular algo que nos é muito estimado e querido. Há, até, energúmenos, com vestes ou vestimentas de anjos ou togas, sem descurar que por vezes usam sapatinhos de ténis (os primeiros) e os segundos de jogar à bola durante considerável tempo. Um juiz também afirmativamente erra, assim como inúmeros outros, mas a sua toga em pouco ou nada difere da dos crápulas dos advogados quer estejam dum ou do outro lado, desde que escondam a verdade através de tramóias que só eles com os juizes e restantes componentes do Conselho do Tribunal definem como bem ou mal. Servirá como um purgatório sem avançados meios técnicos no seio do Universo que tudo contempla? É a realidade: ele sabe o que determina com atractivos ao ser vivo ou inerte, e decerto que não funciona pelo objectivo como um chá de marmeleiro ou sopas de lodão como numa tecidura de sedilha.»

V. Ex.as entenderão, no significado destas palavras literárias, aquilo que com as minhas lhes gostaria de ter dito, e que derivado à escassez do merecimento não pude dizer. Mas quem diz o que pode, a mais não é obrigado.

Muita saúde e felicidades para todos é o que eu mais desejo, em meu nome próprio e da Sociedade Recreativa «Portugal e Espanha de costas voltadas, nunca mais!».

Tenho dito.



Uma cena de «Galileu Galilei» com Fernando Corte-Real, Luiz Rico, João Vasco e Paulo B.

Teatro

● Já em 2.º mês de representações — com lotações esgotadas — pode ser visto no Teatro Municipal Mirta Casimiro (Av. Fausto de Figueiredo, no Cruzeiro do Estoril) «Galileu Galilei» de Bertolt Brecht, pelo Teatro Experimental de Cascais.

Com encenação de Carlos Avilez, o espectáculo conta com cenário de José Manuel Castanheira, figurinos de João Quintão, adereços e máscaras de Francisco Pereira, guarda-roupa de Emília Lima e interpretação de João Vasco, Paulo B., Anna Paula, Carlos Freixo, António Marques, Santos Manuel, Luiz Rizo, Fernando Corte-Real, Fernanda Neves, Cecília Guimarães, Augusto Leal, Luísa Salgueiro, Ilda Roquete, Paulo Lages e Pedro Portela.

José Mário Branco escreveu a música e as canções do espectáculo, com base no texto de Brecht, e a música é interpretada, ao vivo, por Luís Pinto, Marília Peixoto e Luís Silva.

Para Bertolt Brecht, Galileu Galilei foi uma personagem muito especial. Em 1938, no seu exílio na Dinamarca, escreveu um peça chamada «A Terra Gira». Em 1947, em Los Angeles, fez uma versão americana do texto com Charles Laughton — que interpretava Galileu — a que chamou «A Vida de Galileu». Por fim, morreu quando estava a ensaiar a versão alemã do texto, já na RDA, no seu Berliner Ensemble.

Durante quinze anos, o Teatro Experimental de Cascais sonhou fazer o seu «Galileu». A oportunidade surgiu em 1986, e o espectáculo estreou simultaneamente à inauguração do seu novo espaço — o Teatro Municipal Mirta Casimiro.

Partindo da tradução de Yvette Centeno, o TEC trabalhou com ela sobre as versões americana e alemã, estabelecendo o que se pode chamar uma versão portuguesa do texto, a que chamou «Galileu Galilei.»

Às sextas-feiras pelas 21.30, sábados às 16 e 21.30 e domingos às 16 horas quartas e quintas-feiras, os espectáculos de «Galileu Galilei» são integrados na Campanha de Dinamização da Zona de Cascais, de colaboração com a Câmara Municipal de Cascais.

Aconselha-se, pois, a marcarem os seus lugares pelo telefone 2670320.

Exposições

● Paralelamente ao Colóquio que sob o mesmo decorre até hoje nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian, a Biblioteca Nacional, de colaboração com a Comissão Organizadora do Colóquio, levam a efeito nas instalações da Biblioteca Nacional uma exposição fotográfica, documental e iconográfica sobre a história do Estado Novo no período referido.

Dividida em vários núcleos, organizados por ordem cronológica e temática, entre 1926 e 1959, a exposição é igualmente apoiada por um catálogo ilustrado e comentado.

A exposição foi inaugurada no dia 4 às 18 horas e manter-se-á diariamente aberta até ao fim do corrente ano, de 2.ª feira a sexta, entre as 10 e as 17.30 horas.

● Nas Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian, inaugura-se hoje, às 18 horas, por iniciativa conjunta daquela Fundação e do Instituto Alemão em Lisboa, a Exposição do artista Robert Schad, constituída pela apresentação de dezenas de trabalhos de escultura e desenho.

Trata-se de um artista de renome internacional, com dezenas de exposições individuais e colectivas, quer na Alemanha quer noutros países europeus.

Esta importante exposição de 50 esculturas e 30 desenhos, será depois apresentada no Porto e em Coimbra, respectivamente no Museu Nacional Soares dos Reis e Museu Nacional Machado de Castro, seguindo depois para Madrid onde será inaugurada no Centro Cultural de Vila de Madrid.

Robert Schad, detentor de alguns prémios conquistados na Alemanha, França e Portugal, já apresentou esta exposição em Barcelona.

Cornucópia abre temporada no Teatro da Trindade

O Teatro da Cornucópia ultima os ensaios do primeiro espectáculo desta temporada que, ao contrário do que é habitual naquela companhia com sede no Teatro do Bairro Alto, irá apresentar ao Teatro da Trindade a partir de fins de Novembro. Entretanto no Teatro do Bairro Alto decorrerão obras importantes subsidiadas pela Secretaria de Estado da Cultura e pela Fundação Calouste Gulbenkian de for-

ma a proporcionar mais conforto ao público e melhores condições técnicas ao trabalho da companhia.

O espectáculo que a Cornucópia se prepara para apresentar no Trindade a partir de Novembro e até meados de Fevereiro é «A Mulher do Campo» de Wycherley. Trata-se de uma das mais famosas comédias inglesas do fim do século XVII, obra típica da dramaturgia do período da Restau-

ração. Depois de vários anos de fecho dos teatros decretado pelos puritanos o teatro reaparece em Inglaterra cheio de pujança. Nasce um género, a chamada comédia de costumes, onde os esquemas da comédia clássica se escondem atrás de intrigas complicadas e caricaturas pitorescas dos hábitos e dos personagens da aristocracia. Reina a licenciosidade e os personagens femininos, pela primeira vez escri-

tos para serem representados por mulheres, ganham excepcional relevo e requintes de malícia.

A linguagem é sofisticada e o jogo de duplos sentidos levado à exaustão.

O espectáculo é encenado por Luís Miguel Cintra, tem cenário e figurinos de Cristina Reis, música de José Mário Branco e tradução de Manuel João Gomes.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

ASES INDOMÁVEIS

(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

UM VAGABUNDO NA

ALTA RODA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

INVASÃO E.U.A.

(maiores 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa Club

T. 763319

AS FORÇAS DO

UNIVERSO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

INVASÃO E.U.A.

(maiores 18 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

UM DIA A CASA VEM

ABAIXO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

A VERDADE DOS FACTOS

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila

— T. 539930

COBRA — O BRAÇO

FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

AMANDO E RINDO

(Int. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA

AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio

— T. 372358

DOCES PENETRAÇÕES

(Int. a m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

O BRAÇO FORTE DA LEI

— COBRA
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h



Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, com Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Cinebluco

— T. 556824

INVASÃO E.U.A.

(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

JUVENTUDE SEM FREIO

(n/acons. a men. 18 anos)
24 h

Cinebolso

A CRIADINHA FRANCESA

(Int. a m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões

T. 324194

SHAOLIN DESAFIA NINJA

(Int. 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

NOITES ESCALDANTES

(n/acons. a men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

TERROR NA AUTO-

ESTRADA
(maiores 18 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

O ANO DO DRAGÃO

(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

EXPLOÇÃO

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

O ESTRANHO MUNDO DE

GARP
(maiores 12 anos)
23.45 h

Candes

— T. 322523

LUA DE MEL COM

FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

INVASÃO E.U.A.

(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

DESEJO DE MORTE

(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

O ROMANCE DE MURPHY

(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

COBRA — O BRAÇO

FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

«F/X - EFEITOS MORTAIS»

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2

JOVENS

GUERRILHEIROS
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

AS FORÇAS DO

UNIVERSO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

A FLAUTA MÁGICA

(maiores 13 anos)
16.00, 19.00 e 21.45 h

Gemini

— T. 734009

INVASÃO E.U.A.

(maiores 18 anos)
14.00, 16.30 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

FIX — EFEITOS

MORTAIS
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

LUA DE MEL COM

FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Imperio

— T. 555134

A ENCRUZILHADA

(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

LUA DE MEL COM

FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

ANA E AS SUAS IRMÃS

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

ANA E AS SUAS IRMÃS

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Encerrado para remodelação

Nimas

— T. 574362

A FÁBRICA DAS

LOUCURAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

OPÇÃO FINAL

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

FÊMEAS

INCONTROLÁVEIS

A partir das 14 horas
Sessões contínuas

Filme pornográfico
(Int. a men. 18 anos)

Pathe

— 821933

O CONQUISTADOR THOR

(maiores 13 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama

T. 326305

COBRA — O BRAÇO

FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

O NAVIO FAROL

(m. 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

PARA ALÉM DAS MURALHAS
(m. 16 anos)
23.30 h

DIFAMAÇÃO

(n/acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

CÃES DE GUERRA
(m. 16 anos)
23.30 h

NOVA IORQUE FORA DE

HORA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

LAÇOS DE TERNURAS
(m. 16 anos)
23.30 h

O PASSAGEIRO DA NOITE

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

O REI DA COMÉDIA
(m. 16 anos)
23.30 h

Roma

T. 889192

COBRA — O BRAÇO

FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

O MENSAGEIRO DA

VINGANÇA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

A FÁBRICA DAS

LOUCURAS
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3

COR PÚRPURA

(maiores 12 anos)
14.30, 18.00 e 21.15 h

7.ª Arte

— T. 730715

A COR PÚRPURA

(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Star

— T. 804210

PAPLOVA — UMA

MULHER PARA SEMPRE
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

COBRA — O BRAÇO

FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

UM VAGABUNDO NA

ALTA RODA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

ROCKY IV

(m. 12 anos)
15, 17.30 e 21.45 h

Voxmanita

— T. 880808

GRANDE HONRA

(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.00 h

Venon

— T. 368480

O MENSAGEIRO DA

VINGANÇA
(maiores 12 anos)
14

Lisboa — PERMANENTE
— **ALAMEDA - CHILE:** Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (T. 521269); **AREIRO - PRAÇA DE LONDRES:** João XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 886462); **BAIXA:** Cortez, R. de São Nicolau, 93 (T. 325378); **BOA-HORA:** Sepol, C. da Boa-Hora, 94-A (T. 631958); **CHAFARIZ DE DENTRO:** Cruz de Malta, L. do Chafariz de Dentro, 36 (T. 866126); **ENTRE SETE RIOS:** SEGUNDA CIRCULAR: Da Luz, E. da Luz, 124-A (T. 723179); **ESTRELA:** Gama, C. da Estrela, 130 (T. 660339); **FEIRA POPULAR:** Santa Maria, Av. 3 de Outubro, 283-A (T. 763016); **GALINHEIRAS - CHARNECA - LUMIAR:** São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); **OLIVAIS SUL:** Higien, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); **RATO:** Cunha, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **XABREGAS - MADRE DE DEUS:** Conceição, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **CARNAXIDE:** H. Amaral, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **PONTINHA:** Pontinha, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220); **QUINTA DO MENDES - ODIVELAS:** Almeida, Pt. à R. Tomás da Anunciação, 38-b (T. 982849).

REFORÇO — ALCANTARA: Proibidade, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **ALVALADE - ESTADOS UNIDOS:** Rio de Janeiro, Av. do Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); **AREIRO - APEADEIRO:** Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **BAIRRO ALTO:** Gonçalves, R. da Rosa, 176-178 (T. 362687); **BENFICA:** União, E. de Benfca, 592-594 (T. 700092); **CAMPO DE OURIQUE:** Elma, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 686176); **INTENDENTE:** Intendente, L. do Intendente Pina Manique, 50-51 (T. 547838); **MARQUES DA FRONTEIRA:** Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); **PAMPULHA - JANELAS VERDES:** Nazário Pinto, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); **PICHELEIRA:** Mariz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SALDANHA:** Dalsa, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **BRANDAO - AMADORA:** Tavares de Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); **BURACA - AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Acores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9 (T. 2768030). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Louro, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **MONTE DE CAPARICA:** Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Higienica, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO:** Baptista Marques, R. da Boa Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Santa Marta, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T. 2072141). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Teixeira, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Universo, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA:** Nova Amorense, E. Nacional, 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PI-**

RES: Central, E. Nacional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO:** União Mutualista, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; **MOITA:** Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234127). Até às 19 horas; **SETÚBAL:** Oliveira Rodrigues, Vale das Cerejeiras, lote 11 (T. 23567). Permanente; **Louro, R. Frei António das Chagas (T. 24491).** Permanente; **Bocageana, R. do Romeu (T. 23425).** Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miraflares, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 4101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDE:** CHE: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS:** Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCAVELOS:** Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PA-REDE:** Mendes Junqueiro, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL:** São Pedro, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA:** MADEIRA, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL:** Lopes, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS:** Cordeiro, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Helenia, R. Elias Garcia, 372 (T. 4933613). Permanente; **Heleno, R. I, lote C, Reboleira (T. 964796).** Permanente; **DAMIA:** Gírasol, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 971023). Até às 22 horas; **QUELUZ:** Zeller, R. da República, 83 (T. 950045). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Mendonça, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM:** Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; **MEM MARTINS:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS:** Claro Russo R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA:** Araújo, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA:** Misericórdia, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES:** Abreja (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA:** Valentim (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Permanente; **SACAVEM:** Cortes, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Até às 22 horas; **LOURES:** Sálvia, Av. da República, 29 (T. 9831240). Permanente.

TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 54

De 3.ª a sáb., às 20.30 e 22.45; domingo às 16 h

“**LISBOA, TEJO E TUDO**”, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho, Alexandra Solnado, entre outros.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo Cruzeiro — Tel. 267 03 20

De 4.ª a sáb., às 21.30, sáb. dos e dom. gos, às 16 h

“**GALILEU GALILEI**”, de Bertolt Brech. Encenação de Carlos Azeite. Interpretação de João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 72 60 818

De 3.ª a sáb., às 21.30, domingos às 17.00 h

“**O TOURO**”, de Abel Neves. Enc.: de João Mota. Mus.: de Carlos Mendes. Intérp.: Abel Neves, Alfredo Brissos, Almeno Gonçalves, Cecília de Sousa, João Mota, entre outros.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sáb., às 20.30 e às 22.45 h
domingo, às 16.00 h

“**ISTO É MARIA VITÓRIA**”, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação: de Ivone Silva, Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

Teatro Maizum

R. de São Bento, 75 — Tel. 60 18 66

Sábados, às 16.00

“**RUA DOS FANTASMAS**”,

de Xavier Villapañe

Teatro da Graça

T. de S. Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 h

“**AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT**”, de Fassbinder. Intérpretes: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima. Cenografia de Dalton Salem Asseff. Pelo Grupo Teatro Hoje.

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

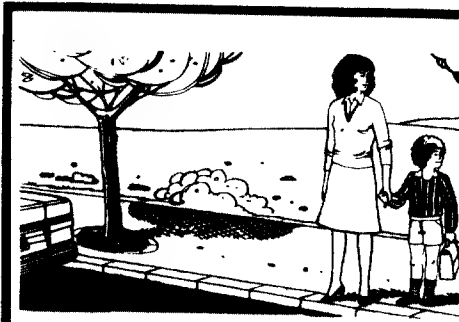
Sábados e domingos, às 16.00 h

“**NO REINO DA FANTASIA**”. Pelo TIL.

Porto — Cooperativa do Povo Português

R. de Camões

Todas as noites a Seiva Trupe apresenta “**TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA**”, de Nelson Rodrigues. Enc.: de Angel Facio. Intérp.: António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, entre outros.



AOS PAIS
“Ensine o seu filho a parar sempre na beira do passeio antes de atravessar a rua”
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

Sábados às 18.00; domingos, às 18.30

“**FECHA OS OLHOS E ENTRA NA HISTÓRIA**”, de Alexandra Solnado. Encenação de Agostinho Macedo. Interpretação de Agostinho Macedo, Alexandra Sequeira, Carlos Macedo, Fernando Guerreiro, Francisco António, Henrique Macedo e José Boavida, entre outros.

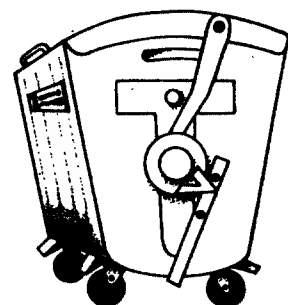
Teatro D. Maria II - Sala Experimental

Rossio — Tel. 37 22 46

De terça a sábado, às 21.45; domingo às 16.30

“**JONAS**”, de E. G. Berreuby. Encenação e interpretação de Domingos Semedo.

CML



proteja a sua saúde

mantenha

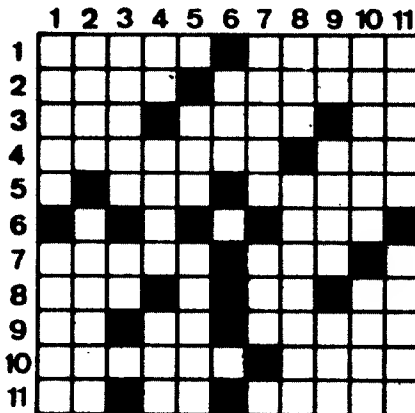
a tampa fechada

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 877

HORIZONTAIS:

- 1 Desejara. Universal.
- 2 Preposição. Malicioso.
- 3 Arara. Enguia. Zomba.
- 4 Recuperar. Conjunção.
- 5 Guarnição de asas (inv). Abertura no alto da muralha de uma fortaleza de onde se visava o inimigo.
- 6 Escudeiro.
- 7 Freguesia do concelho de Guimarães. Anel.
- 8 Criminoso. Viração. Língua antigamente falada ao Sul do rio Loire.
- 9 O mais. Ruim. Patia.
- 10 Velhaco. Esteiros.
- 11 Arsénio (s. q.). Isto é. Nome de homem.



VERTICAIS:

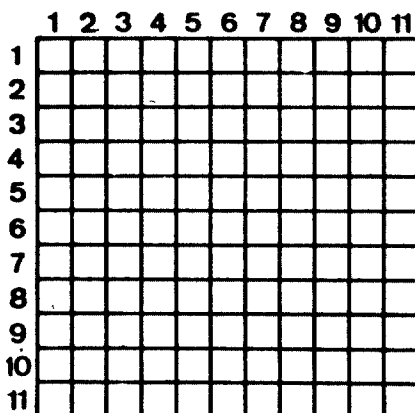
- 1 Aguço. Em má hora (ant).
- 2 Oportunidade. Tira de couro a que vai preso o cão de caça (pl).
- 3 Louco. Alternativa.
- 4 Rádio (s. q.). Sufixo que designa abundância. Tritura.
- 5 Ave pernalta. Derruba.
- 6 Dá mios. Conjunção.
- 7 Tirania (fig). Arvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
- 8 Enguia. Turrara.
- 9 Ambiente. Senhor em inglês.
- 10 Encanto (fig). Escavai.
- 11 Louca. Sorte.

Resolva completamente este problema? Procure, agora em segundo passe-tempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 706

HORIZONTAIS:

- 1 República da América Central.
- 2 Despachar. Freguesia do concelho de Ponte de Lima.
- 3 Invulgar. Tratara por tu.
- 4 Burros.
- 5 Indivíduo misantropo. O mais.
- 6 Camareiras. Género de fanerogâmicas originárias das regiões quentes da Ásia Oriental.
- 7 Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Batráquio. Homem (gir. de ciganos, bras).
- 8 Ondas curtas. Preposição.
- 9 Pregos. Madres.
- 10 Transferir para outro dia. Ouro (s. q.). Solitário.
- 11 Antiga província francesa, capital Perpignan.



VERTICAIS:

- 1 Cidade dos Camarões franceses. Escavar.
- 2 Freguesia do concelho de Vimioso. Expulso.
- 3 Esbeltas. Zombas.
- 4 Tanto. Ruínas.
- 5 Érbio (s. q.). Vinho de palmeira e de coco, empregado antigamente em medicina como tónico.
- 6 Picantes.
- 7 Cidade da Turquia. Interjeição que exprime admiração.
- 8 Reino da Fedração Indochinesa. Causa amuo a.
- 9 Adiantaria.
- 10 Enguia. Os sofrimentos do parto (pl).
- 11 Filtrassem. Modo (fig).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 876

HORIZONTAIS:

- 1 AS. Recamara.
- 2 Amami. Bo.
- 3 Amimara.
- 4 Em. Acaro. Ar.
- 5 Tande. Alega.
- 6 Égua.
- 7 Am. SSS. Pg.
- 8 Única. Aar.
- 9 Ana. Picado.
- 10 Atues. DEZ.
- 11 Atroas. Cora.

VERTICAIS:

- 1 METE. NA.
- 2 Magana.
- 3 Mú. Ruminar.
- 4 Ramada. Cato.
- 5 Erice. Sá. Úa.
- 6 CAMA. OS. PÉS.
- 7 Aiam. Sma.
- 8 Rola. AC.
- 9 Aba. Pmdo.
- 10 Re. Agag. Der.
- 11 Era. Coza.

PROVERBIO: Às dez, mete na cama os pés.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 705

HORIZONTAIS:

- 1 Al. Manto. Fé.
- 2 Ais. Bariri.
- 3 Lascados. La.
- 4 Só. Pana. Sim.
- 5 Cid. Alapo.
- 6 Croas Mir.
- 7 Cana. Ana.
- 8 Rui. Aterras.
- 9 Tiara. Srs.
- 10 Má. Na.
- 11 Chã. Mimosos.

VERTICAIS:

- 1 Aalsmeer. MC.
- 2 Lião. Utah.
- 3 SS. CCCII.
- 4 Cairá. An.
- 5 Abandonaram.
- 6 Nada. Aatá.
- 7 Tropas. Em.
- 8 Ois. Rs.
- 9 Samarras.
- 10 Filipinas.
- 11 Amoras. Ms.

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; 17.00: Pequeno jornal; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e no estúdio; 20.30: A viver também se aprende; 21.00: Movimento; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.40: Árias de óperas; 17.00: Integrais; 17.18: Sinfonia, n.º 8, em sol maior, op. 88, de Dvorak; 18.00: Variações e fuga, op. 132 a. de Max Reger; 18.40: «Apocalipse de João», de Pierre Henri; 20.40: Música orquestral, de Sibelius; 21.00: Música instrumental; 21.30: A ópera, «Maometto Secondo», de Rossini; 23.45: Intérpretes portugueses; 00.20: «Domaines», música electro-acústica, de Pierre Boulez; 01.00: Fecho Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

16.00: Dora a hora; 17.00: A feira mágica; 20.00: Conta-corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa a música; 16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Alentejo

13.00: Sopa dourada; 14.00: Peça-nos em directo; 15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande bazar; 20.00: Ligação à rede nacional.

Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Jornal das regiões; 19.30: Ligação à rede nacional.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; 19.30: Transmissão do terço; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa noite. Noticiários a todas as horas.



18.02 — Sumário

18.07 — Brinca Brincando

«O Prof. Baltazar», «O Patinho Cuac Cuac», «Feira de Bonecos», «Vovô vai a um Piquenique».

18.50 — Par ou Ímpar

19.30 — Telejornal

20.00 — Boletim Meteorológico

20.04 — Direito de Antena

Sindicato dos Magistrados do Ministério Público

20.10 — Corpo a Corpo

Episódio 173.º: — Osmar sabe por Jalusa, que Eloá está para perder o cargo de vice-presidente da Fraga Dantas e fica triste com o facto. Eloá vai a casa de Alfredo tentar convencê-lo de que alguém adulterou o relatório dela. Alfredo não lhe dá ouvidos. Wanderley demite-se da casa de Alfredo, que lhe oferece uma vaga na Fraga Dantas, para o que precisará fazer os exames de admissão. Ângela desconfia que Vítor foi pago para adulterar o relatório, mas Eloá não acredita nisso. Osmar, quando sabe desta possibilidade, passa a ter a certeza e vai a casa de Vítor, tirar satisfações.

21.00 — Telemundo

21.30 — Golo

22.00 — Uns e os Outros

4.º Episódio: — Francis casa-se com Fany, a noiva do pai, e inicia brilhantemente a sua carreira de cirurgião.

Robert, que se casara antes da tropa, tivera já um filho de Eva. Jacques, o mais dotado de todos, só se interessa por cavalos e Candice só pensa nos pugilistas. Richard não tem nenhuma profissão e faz de tudo um pouco, muitas vezes à margem da lei.

Naquele noite, Philippe tenta ganhar o título de campeão de França de boxe, na categoria de peso médio, mas é vendido no segundo «round». Os seus amigos tinham decidido por amizade ou por superstição, quem sabe, que o resultado do jogo seria a imagem do seu futuro.

E, de facto, com a aproximação dos anos 80, início do segundo «round» das suas vidas, as coisas começam a complicar-se: Robert não se entende com o filho e Eva deixa-o, Jacques começa a embebedar-se, Philippe está empregado como criado num café, Richard está preso e Fany separa-se de Francis. No entanto, ainda há quem tenha sorte: Edith, depois de vinte anos de muito trabalho, vai finalmente poder ter uma vida diferente.

Realização de Claude Lelouch.

Intérpretes: F. Huster, F. Ardant, R. Hossein, E. Darlan, J. Villeret, C. Patou, R. Borhinger, J.C. Bouttier, E. Bouix.

23.05 — 24 Horas

23.35 — Remate



14.47 — Agora, Escolha!

16.20 — Notícias

Europa TV

16.25 — O Tempo



«Corpo a Corpo»: já chegámos ao 173.º episódio!

16.30 — Tempo dos Mais

Pequeninos

«Ploom», «Plastinots», «A Família Partridge»

17.00 — Countdown

17.45 — Informação

18.10 — Almanaque

18.15 — O Tempo

18.20 — O Mundo Amanhã

18.30 — EuroDesportos



Quinta do Dois com Carlos Cruz: às 21.30 no Canal 2

19.30 — Spectrum

20.00 — Notícias

20.05 — 5.ª Dimensão

19.º episódio.

20.30 — Doce e Amargo

14.º episódio.

21.00 — Jornal das Nove

21.30 — A Quinta do Dois

23.25 — É de Ler

Amanhã



18.02 — Sumário

18.07 — Brinca Brincando

18.55 — Par ou Ímpar

19.30 — Telejornal

20.00 — Boletim Meteorológico

20.10 — Corpo a Corpo

Episódio 174.º

21.00 — Este é o Meu País

21.15 — Duarte & C.ª

9.º episódio

22.15 — Hitchcock Apresenta

22.45 — 24 Horas

23.15 — Remate



14.47 — Agora, Escolha!

16.20 — Notícias

16.25 — Europa TV

20.00 — Notícias

20.05 — 5.ª Dimensão

20.30 — Doce e Amargo

21.00 — Jornal das 9

21.30 — Contraponto

22.30 — O Incrível Mr. Pye

4.º episódio

23.10 — Uma Boa Ideia

23.20 — É de Ler

AOS CONDUTORES

“Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro.”

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

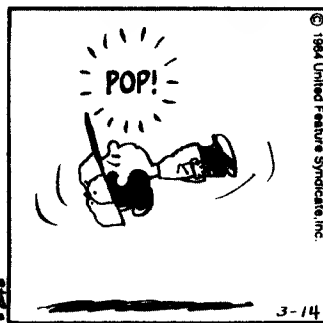
Uns e os Outros

A Quinta do Dois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

Corpo a Corpo



MARÉS DE HOJE		TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:	
PREIA-MAR	BAIXA-MAR	BRAGANÇA	2°
05.36 4,10 m	11.23 1,10 m	VIANA DO CASTELO ..	4°
18.09 3,70 m	23.40 1,40 m	VILA REAL	3°
Dia 7		PORTO	8°
06.31 3,90 m		COIMBRA	8°
19.11 3,50 m	12.25 1,40 m	CABO CARVOEIRO ..	—
		CASTELO BRANCO ...	—
		PORTALEGRE	14°
		LISBOA	8°
		ÉVORA	13°
		BEJA	10°
		FARO	12°
		SAGRES	9°
		PONTA DELGADA	17°
		FUNCHAL	18°

Jardim foi explicar-se a Cavaco?

'Samora ofendeu direitos do homem...'

— considera o chefe madeirense

O chefe do governo regional madeirense, João Jardim, justificou-se ontem, perante os jornalistas, pelo não-cumprimento do luto nacional por Samora Machel porque o Presidente moçambicano —disse— «foi uma pessoa que ofendeu os direitos do homem». Jardim, que foi recebido em audiência por Cavaco Silva, desmentiu ter convidado o presidente sul-africano, Pieter Botha, a visitar a Madeira. «O que eu disse é que se Pieter Botha visitasse oficialmente Portugal, poderia também deslocar-se à Madeira», considerou o responsável regional.

Jardim não revelou aos jornalistas, no final da audiência, que durou hora e meia, o teor da conversa com o Primeiro-Ministro. Entretanto, tudo leva a crer segundo fonte de S.Bento — que a sua visita à África do Sul, o desrespeito na Madeira pelo luto nacional e as revelações do líder separatista açoriano, José de Almeida (que disse a um semanário ter mantido longas conversas com o governante madeirense), terão sido, a par de questões orçamentais, temas da longa conversa com Cavaco.

«Lamentar Pinochet...»

Ainda da Madeira vem a reacção dos comunistas locais à afirmação do presidente da assembleia regional, que disse lamentar «tanto a morte do homem que foi Samora Machel, como lamentaria se o mesmo se passasse com Pinochet».

Classificando de «vergonhoso» este comportamento, o PCP/Madeira lembra o facto de o Governo regional não ter respeitado o luto nacional decretado aquando da morte de Samora e interroga-se sobre qual a posição que «será adoptada pelo líder nacional do PSD, Cavaco Silva, considerando que o PSD se associou na Assembleia da República ao voto de pesar aprovado».

Portugueses no exército sul-africano

A agência noticiosa de Moçambique, AIM, revelou no Maputo que os comandos portugueses que coordenam, na província de Sofala, as operações da Renamo, são provavelmente soldados sul-africanos de origem portuguesa.

A notícia da AIM fala de «três comandos de reconhecimento portugueses do exército sul-africano» como responsáveis pelas «acções dos bandidos na zona de Inchope, província de Sofala».

Segundo Augusto Carvalho, correspondente da NP na capital moçambicana, é vulgar atribuir-se em Moçambique a qualidade de portugueses a cidadãos sul-africanos que falam português. Fonte sul-africana, citada pelo mesmo correspondente, referiu que «é grande, nas forças armadas de Pretória, o número de sul-africanos, filhos ou netos de portugueses que falam português».

Luanda reage a Paris

Foi adiada, para data indeterminada, a reunião da comissão mista franco-angolana que deveria ter lugar em Luanda no próximo dia 15 de Novembro.

Tal adiamento terá sido decidido pelo Governo de Angola, como gesto de desagrado pela visita recente de Savimbi a França, onde foi recebido por um ministro de Chirac e pelo presidente da Assembleia Nacional, Chabandemas.

Admite-se ainda que o embaixador de Angola em Paris, Luís de Almeida, igualmente acreditado em Bona, passe a residir na capital alemã-federal como protesto também pelo acolhimento dado por Paris ao líder da Unita.

Também a visita do Presidente Eduardo dos Santos a França, adiada devido à morte de Samora, terá «deixado de estar programada» — revelou de Paris a NP.

/D/E/C/A/R/A/S/



CARLOS PIMENTA é alvo de um jantar de apoio e crítica que se realizará em Lisboa no próximo dia 14, por iniciativa de dois grupos de ecologistas. Para já, existem 150 pessoas inscritas e os dois grupos de ecologistas têm agendada para o próximo fim de semana uma reunião em que será debatido «o processo do jantar».

CAVACO SILVA desloca-se amanhã e sábado a Trás-os-Montes e Alto Douro em visita oficial que se inicia por Bragança, capital de distrito e terminará na zona do Pinhão, à Beira Douro, já no distrito de Vila Real. O objectivo da visita, segundo fontes próximas do Primeiro-Ministro, é o de marcar presença numa das regiões portuguesas economicamente menos desenvolvidas. Uma forma, em suma, de sublinhar o ênfase que o seu Governo tem posto na intenção de atenuar os desequilíbrios regionais.

JOSÉ AUGUSTO SEABRA, embaixador de Portugal na Unesco, participou ontem numa sessão da Academia Europeia, proferindo

uma conferência sobre «As mediações culturais no diálogo Norte-Sul: papel histórico e actual de Portugal». A sessão realizou-se no âmbito das comemorações do 40º aniversário da Unesco e a Academia Europeia é uma organização que agrupa universitários de todos os países membros da Unesco, nas várias especialidades científicas, das ciências humanas às ciências exactas, na arte e na literatura.

JOÃO PAULO II recebeu ontem o arcebispo de Varsóvia e primaz da Polónia, cardeal Josef Glemp. Segundo fontes do Vaticano, as duas partes estiveram em conferência preparatória da terceira viagem que o Papa prepara ao seu país natal, a Polónia, e que de verá realizar-se em Junho do próximo ano. Glemp está no Vaticano desde há dois dias e faz-se acompanhar por dois outros cardeais polacos, os arcebispos de Breslávia e Cracóvia.

PLACIDO DOMINGO dirige a orquestra do Teatro Metropolitano que hoje interpreta, em Nova Iorque, a ópera «Romeu e Julieta».

de Gounod, tendo o tenor espanhol Alfredo Kraus como figura principal. Kraus é um especialista em ópera francesa e ficou um pouco perplexo quando soube que a orquestra ficaria aos cuidados de um outro cantor, mas depois revelou-se conformado com a ideia. Trata-se da primeira vez que o multifacetado Plácido Domingo dirige uma orquestra de ópera, mas já experimentou a batuta noutras ocasiões.

RAUL «OURO NEGRO» gravou o seu primeiro álbum a solo, depois de quase 30 anos de carreira integrado no Duo Ouro Negro. O álbum que agora foi posto à venda tem 11 temas da autoria de Raul Indipwo e alguns deles são interpretados em língua nativa. A capa é da autoria do próprio Raul e o disco tem o título genérico de «A minha casa de Benguela». Quanto à parte musical, mistura a guitarra portuguesa de Fontes Rocha com o DX-7 de Mané Bento César. Em quase 30 anos de carreira, o Duo Ouro Negro tinha gravado 48 álbuns, muitos deles editados no estrangeiro.

Em Canas de Senhorim Estrada cortada em protesto contra corte de energia

Os trabalhadores da Companhia Portuguesa de For-nos Eléctricos (CPFE) saíram hoje à rua, cortando o trânsito da estrada nacional entre Nelas e Carregal do Sal, para protestar contra a situação que lhes foi criada pelo cancelamento de energia ontem decidido pela EDP.

O cancelamento do fornecimento de energia eléctrica, decretado pela EDP às empresas Eurominas e Fornos Eléctricos, provocando a sua paralisação, deriva das elevadas dívidas daquelas empresas. A Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos, sediada em Canas de Senhorim, que parou a sua produção à meia noite de hoje, é o principal devedor da empresa pública fornecedora de electricidade, num total de 9 milhões de contos.

O relatório de contas da EDP de 1985, aprovado pelo conselho de gerência da empresa, e ainda não aprovado pela tutela, afirma que o total das dívidas à EDP ascende a 231 milhões de contos. O relatório indica ainda que essa dívida se reparte em 145 milhões para as dívidas de clientes e 86 milhões de créditos do Fundo de Apoio Térmico.

Nesse documento é afirmado que a EDP devia num total de 737 milhões de contos, dos quais dois terços relativos a dívida externa, parte (365 milhões de contos) destinada a reembolsos de créditos. O relatório adianta estarem ainda incluídos na dívida externa cerca de 98 milhões de contos de diferenças de câmbio. Recorde-se que a contracção de empréstimos externos foi principalmente decidida pelas autoridades centrais como via de canalização de divisas.

Saliente-se ainda o facto de, no ano de 1985, se ter verificado um agravamento das dívidas do sector empresarial privado (cerca de 17 por cento), seguido das autarquias locais (em 13 por cento).

Poder e Saber numa mesa com livros junto ao Brando de *Apocalypse Now*

«O LHEMOS para o terceiro céu, esse elevado e santo lugar, como um pavilhão real concebido pelo Altíssimo para a morada da Sua glória: embora esteja ocupado por habitantes concidentes com a natureza desse trono celestial. no entanto, eles não pertencem todos a uma só categoria e ordem: há os querubins assim como os serafins, arcanjos e anjos, tronos e dominações assim como principados e poderes. Assim o pensava William Hubbard, um puritano moderado, nascido em Inglaterra em 1621. Será todavia no Novo Mundo, onde chega em 1635, que William Hubbard irá desenvolver uma importante política de diálogo entre a sua colónia e a velha Inglaterra.

Mas o que nos importa para já é a consciência que se insinua neste excerto de *The Happiness of a People*, o sermão por ele proferido a 3 de Maio de 1676. Ecoando velhos conceitos medievais que o Renascimento de modo algum ignorou, observa-se aqui a noção de um cosmos estruturado e justificado através de uma hierarquia que até nas mais altas e dignas instâncias se espelha. Tal era a *prosa do mundo*, como Michel Foucault designou aquela cosmovisão em *Les mots et les choses*, sustentada num profundo jogo de simpatias, analogias, espelhos, onde, e ainda Foucault, se indicava uma assinatura. A ela se devia a estruturação e ordenação cósmica. Quem era o responsável por esta escrita, por esta *sintaxe* reguladora da existência universal? Deus, para uns. O arquétipo, para outros. A alma do mundo, segundo o alquimista Cornelius Agrippa. Enfim, muitas são as designações. Importa sim que todas elas referenciam a crença da existência de uma Entidade com o Poder, e, consequentemente, com o Saber total e último capaz de estruturar e entender a vida.

Pode dizer-se que desde sempre o Saber se encontrou associado ao Poder, isto é, àqueles a quem compete estruturar hierarquias, designar tronos e dominações, inscrever a assinatura de uma classe, de um grupo, de um raça... Daí que a luta pelo Poder passe necessariamente pelo Saber. Daí que António Gramsci tenha dito: «Organizem-se porque precisamos de toda a vossa força. Instruam-se porque precisamos de toda a vossa inteligência.» E o facto de Gramsci ser tão esquecido entre nós não quer dizer que não tenha razão.

Ora tudo isto me recorda uma conversa e uma recensão, ambas sobre *Apocalypse Now*, de Francis Ford Coppola. Dizia um: «O filme é uma palhaçada. A guerra não é aquilo!» Escrevia o outro (e cito de memória): «Trata-se de um filme falhado. Pseudo-intelectual». Que eles se situem em campos ideológicos opostos, não passa enfim de um pomenor curioso. Que um deles tenha o descaramento de o ter escrito, é apenas uma questão de falta de vergonha. Que ne-

nhum deles tenha entendido o filme, é um problema (será?) deles. Que ambos ocupem funções docentes universitárias é um problema para os alunos menos atentos que os escolhem. Mas que estas poses devem ser denunciadas pelo perigo que representam, isso sim! É que estas questões relacionadas com o Saber exigem, entre outras coisas, disponibilidade (isto é, espírito aberto, sem teias de aranha) e humildade (desde logo para ver a nossa própria ignorância).

Tudo isto, e muito mais, exige de nós *Apocalypse Now*, filme que, como o afirma Bill Krohn (cahiers du cinema, n.º 387, VIII), juntamente com *O Caçador*, de Michel Cimino, marca «o fim de uma época e constituem dois monumentos de ambiguidade».

Para além da importância histórica referida por Bill Krohn, devido ao olhar lúcido por ambos lançado sobre a guerra do Vietname (lembramo-nos que antes apenas existia a referência «dos ridículos Boinas Verdes»), os dois filmes revelam um salutar grau de ambiguidade que obriga o espectador a um esforço (também ele salutar) na sua leitura. E pense-se, por exemplo, nos versos recitados pelo coronel Kurtz (Marlon Brando) na presença do capitão Willard (Martin Sheen):

«Nós somos os homens vazios
Somos os homens de palha
Apoiados uns nos outros
A arte da cabeça cheia de palha. Ai
As nossas vozes foram secas e quando
Juntos sussurramos
São erenas e sem sentido
Como vento em erva seca
Ou pés de ratos sobre vidro partido na secura da nossa cave
Molde sem forma, tonalidade sem cor,
Força paralisada, gesto sem movimento.»

Estes versos são de T. S. Eliot, constituem mais concretamente o início de *The Hollow Men*. Ora, onde foi buscar Eliot a expressão que dá título ao seu

poema, assim como a frase que lhe serve de epígrafe («Mistah Kurtz — he dead.»)? Ao romance de Conrad, *Heart of Darkness*. Qual narrativa que fornece o esqueleto a *Apocalypse Now*? O mesmo *Heart of Darkness*. Mas continuemos. Sobre a mesa de Kurtz/Brando, alguns livros podem ser vistos de relance. São eles *The Golden Bough*, *From Ritual to Romance* e a *Bíblia*.

Se fôssemos inocentes poderíamos pensar tratar-se de um conjunto de curiosas coincidências. Mas não é isso evidentemente que se passa. Se *Heart of Darkness* fornece a estrutura narrativa e alguns contornos simbólicos a partir dos quais se constrói muito do filme de Coppola, Eliot, e os textos com ele directamente relacionados, introduzem uma atmosfera que se torna determinante. Ela transporta-nos para o mundo da ruptura, do silêncio e do conhecimento que encontram no génio de Kurtz o paradigma. Os outros, aqueles que maioritariamente inscrevem a sua vontade, os legisladores do horror da guerra, são os «Hollow Men», os homens vazios. E é disso que nos fala o filme do horror da guerra, mas de um horror que, ao dar o salto qualitativo, se torna consciência, lucidez e Saber supremo. Assim, o Kurtz de Coppola, à semelhança do de Conrad, morre suspirando «The horror. The horror».

Através do conhecido mecanismo de citação tão ao gosto de Ezra Pound, Eliot referencia em três níveis fundamentais a atmosfera conspirativa fanática (vazia), tão diferente daquela que levou os vietnamitas a decapitar os brancos das crianças contaminadas pelos americanos («O génio de tudo isso», dirá Kurtz). São eles num primeiro nível, a tentativa de assassinato de Jaime I pelos católicos, entre os quais se encontrava Guy Fawkes. O atentado deveria ocorrer no dia 5 de Novembro de 1605, quando da abertura do Parlamento, cerimónia à qual o Rei e os seus ministros estariam presentes. Devido a uma delação involuntária, a conspiração é detectada e Guy Fawkes

é preso na noite de 4 de Novembro nas caves da Câmara dos Lordes com uma quantidade de pólvora suficiente para provocar um massacre que deixaria a Inglaterra sem a cabeça e os membros principais do seu corpo político. «A penny for the Old Guy», segunda epígrafe do poema e refrão de uma melodia popular entoada no dia em que se comemora a revolta abortada, constitui uma referência explícita àquele facto histórico. Outras mais sinuosas, como o verso já citado («Na secura da nossa cave»), evocam aquela atmosfera conspirativa. Ora a vertente conspirativa forma uma trave mestra da narrativa de Coppola.

Segundo nível, a conspiração que leva Brutus ao assassinato de César, e que Eliot entende à luz do fanatismo. Finalmente, o terceiro nível, fornecido pelo já mencionado *Heart of Darkness*. Embora não relacionado com o plano conspirativo, outra citação existe em *The Hollow Men*, é ela a *Divina Comédia*, de Dante, mais concretamente em referências do *Inferno*. Não será também dessa actualização do Inferno em vida que as imagens de *Apocalypse Now* nos falam?

Desse horror visto por Kurtz? Um horror, aliás, que nem nós, nem Willard, podemos detectar na sua dimensão de iluminação, de passagem da ignorância para o conhecimento. Refira-se, enfim, que o *Apocalypse* não é um fim qualquer, é total e punitivo. Realiza-se agora e até «the children are insane», como nos lembra a canção dos Doors que abre e fecha o filme, e que se intitula *The End*. Convirá de novo realçar que são coincidências a mais para o serem. Depois de ter formado um poder paralelo, Kurtz determina as normas que o seu génio despótico arbitrariamente (?) sente.

«Don't you talk with Mr. Kurtz?» I said. «You don't talk with that man — you listen to him,» he exclaimed with feverish exaltation. Este breve diálogo é retirado do romance de Conrad e remete-nos para o primeiro encontro do narrador (Marlow) com uma estranha personagem (um russo) que vive na aldeia de Kurtz. Em *Apocalypse Now*, a personagem homóloga, (Dennis Hopper), um repórter fotográfico tão extravagante quanto o russo do romance, reitera as palavras desta. Em Kurtz ele insinua a sedução de uma voz, de um discurso, de um olhar, simultaneamente distante e próximo, Kurtz, o Poder e o Saber inscrevendo a sua assinatura e a sua ordem no universo do qual ele é o Senhor último.

Referências a *Quarta-feira de cinzas*, de T. S. Eliot, texto bilingue, Hiena Editora, trad. de João Paulo Feliciano e prefácio de Manuela R. Miranda.

Mário Avelar



Kurtz e Willard (Brando e Sheen): «Nós somos os homens vazios, somos os homens de palha»



Fundação Mário Botas

A Fundação Mário Botas apresentou à Câmara Municipal da Nazaré uma proposta cultural que elevaria aquela vila à categoria estética de cidade e daria ao País uma maior dimensão europeia.

Essa proposta (que é também um propósito humanista) teria como objectivo a formação da juventude nas áreas do ensino da pintura, música, teatro e biblioteca. Essas actividades não só seriam apoiadas mas também se tornariam extensivas ao ensino secundário e pré-universitário.

Na área da museologia, a par da obra de pintura de Mário Botas, seria exposta a obra de outros pintores e escultores, nomeadamente a dos artistas dos países de Língua Portuguesa, não em forma de um simples repositório de obras, mas acompanhadas com actividades paralelas de forma a ensinar a ver e sentir melhor a pintura e a escultura.

Além disso, procurar-se-ia pôr ao alcance do público em geral, e principalmente dos estudiosos, obras literárias em Língua Portuguesa com vista a contribuir para a criação de uma forte comunidade linguística portuguesa, sem dúvida de grande importância cultural e humana para (citando o Decreto-Lei 258/86 de 28/8) «a defesa e salvaguarda de algo que é a própria razão de ser da existência de Portugal como entidade autónoma no concerto dos povos».

Também o cinema, vídeo, teatro, folclore, fado, concertos e bailado seriam exibidos em ambiente apropriado, o que constituiria uma atracção turística de real valia e uma afirmação da identidade cultural portuguesa.

Importante: actividades comerciais e industriais ligadas à arte, artesanato e turismo, tornariam este projecto auto-suficiente.

Segundo «Ler/Escriver» conseguiu apurar, a Câmara Municipal da Nazaré (pelo menos até ao momento) tem manifestado uma certa demora numa resposta à pretensão cultural da Fundação Mário Botas, nome da nossa Cultura desaparecido de entre os vivos em 29 de Setembro de 1983.



Pintura de Mário Botas

Raul Brandão - o prefácio das Memórias

Págs. centrais

Folhetim de Jrupe Emigrilian na pág. 7

«Sentados na Relva», Fernando Namora, Bertrand 86

«SENTADOS NA RELVA» é um agradável conjunto de crónicas onde o autor nos dá conta de variadas experiências que vão desde um encontro entre literatos realizado na Finlândia, a viagens pelo Alentejo e a um passeio por Saint Germain-des-Près (Paris), até um discurso proferido no Brasil.

Uma espécie de moderado e sensível interrogar o circundante são estes «Cadernos de um Escritor». Interrogar não isento da sua marca poética, dizemos ao sermos lançados para uma Finlândia onde a natureza é deliciosamente captada na sua fotográfica palavra. Ou ao sermos atirados no caos de uma paisagem submersa por tumultuosa chuva que, teimosamente, inunda tudo. Passo a citar: «Os campos rasos e as colinas breves eram o que as velhas aldeãs da minha infância chamavam com transida solenidade 'um mar de água'. Nesse mar de charcos, estuários e lagoas álgidas emergiam árvores ossudas, de cabelos espavoridos, como se tivessem sido surpreendidas no sono ou acabassem de assistir a um acontecimento funesto. Árvores ao desamparo ou sinistras — que, vistas da janela do comboio, sugeriam mastros de navios naufragados. Da paisagem cerzida de verdes e sépias restavam apenas esses padrões de uma assombração vagabunda e, aqui e ali, um cabeço mais alto feito ilha, que dir-se-ia esperar um socorro adiado, o milagre de um barco que rompesse o cerco de desolação e silêncio — enquanto, ao largo, passava o comboio uivante com uma pressa cega e assustada.»

Descreve com um fulminante realismo a atmosfera asfixiante de um espaço geográfico e humano forçado a respirar o líquido e interminável parto das nuvens. E é como se vivéssemos a fragilidade do homem face aos contraditórios humores da natureza. A sua receosa e satisfeita subjugação a essas cambiantes atmosféricas.

Assim, à inquietação resultante de um onipotente tempo, pode suceder o comprazimento de um espaço feito de lisa crueza luminosa. Isso acontece em Monsaraz que «é a cal fulgurante, a luminosidade a vibrar nas paredes brancas», e na qual há «uma espécie de êxtase perante o sol que a deslumbra antes de impregnar a charmeça». E daí «a luz, a sensação de distância e de assombro, o tempo que não passou, a quietude do astro morto que, porém, conserva fogo nas entranhas».

Digo, portanto, que nestas crónicas se ergue a mágica prosa de Fernando Namora. Fenómeno claro na sua apre-

ensão das pessoas. Nos retratos humanos que nos oferece. Penso, por exemplo, o cativante «Códex» e a sua menos cativante exploração da úlcera. Isto é: o perfeito desnudar de um homem que não hesita em interromper a cura da sua ferida só porque através da sua exibição consegue viver de esmolas. Da caridade, algo repugnada, dos outros.

Constrói magistralmente o «Códex». E nele se reconhece a perfídia do ser humano. A certeza de que nada é inocente no agir. De que uma constrangedora intencionalidade está sempre subjacente aos movimentos. Entim: Reconhece-se o microscópio olhar do autor que em «Resposta a Matilde» nos conta a reviravolta vivida numa aldeia por um paupérrimo mariola (o «Galdério» se não me trai a memória) só porque sobre ele correu a falsa notícia de ser herdeiro de uma fortuna deixada na Austrália por um desconhecido parente. Reconhece-se o psicólogo literato que é Fernando Namora quando, acidentalmente, descobre o segredo do Códex e afirma: «Com dois dedos adestrados no não fazer doer, e supondo não haver por ali olhares metedidos, o «Códex» esmerava-se a desnudar a chaga. A pelezinha fresca quase lhe saiu inteira, logo a cratera se avivando de um fogo sanguíneo. (...) O Códex, enfim, era um profissional. A úlcera o seu mister.»

E este lúcido captar do ser humano não atende a qualquer espécie de pudor. Como se a desocultação da VERDADE dos entes fosse alheia a falaciosas mistificações. E, por isso, choca-nos o episódio aviltante dos camponeses entregues à miserável comichadice para receberem palpáveis saudações daqueles que iam no comboio. A desprezarem o

que significa ser-se PESSOA. E, conseqüentemente, a vergarem-se à cínica e merecida actuação do jovem que lhes atira cigarros.

Que respeito nos merecem aqueles que, rastejantemente, nos procuram? — pergunto-me. Contudo, sensibiliza-me o grito do autor. A sua voz acusadora da desumanidade do jovem. A absolvição dos camponeses. Sensibiliza-me, embora questione a atitude paternalista que a humanidade desta escrita contém. A culpabilidade que perpassa o seu apelo à responsabilidade que impõe aos intelectuais.

De teoria, também, trata este «Sentados na Relva». De equilibradas considerações acerca da política, da literatura, da História. Daí a evidência de estarmos perante assuntos actuais e que interessam a todos os que criticamente se situam no mundo. E, ao lê-lo, sentimos que escutamos uma hiper-sensibilidade, cautelosamente, filtrada pela razão. A de quem enteege o que sensitivamente vive, observa. Veja-se, por exemplo, «Um Discurso Académico». Atente-se na sagesa que nele se verte. Na estranha paz que nos envolve, finda a leitura destes textos em que o autor contabiliza eventos do nosso interesse.

Entre estas crónicas, uma há que se destaca pela perfeita simbiose entre o discurso teórico e o discurso estético. Refiro «Sentados na Relva», o cintilante sistema solar de uma infinidade palavrosa que é o conjunto deste «Cadernos de um Escritor».

Um livro a ler por todos os que com inteligência serena desocultam o mundo, com brandura no pensamento.

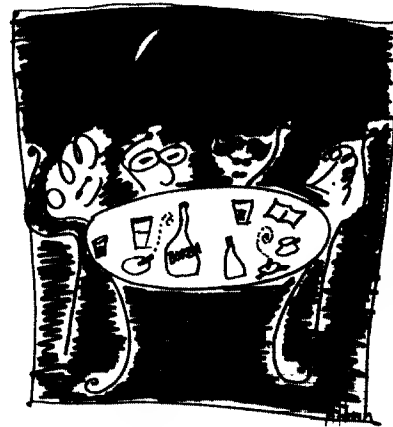
Ana Paula Portugal



«Quem converte Quem», Ana Paula Portugal, Edições Cariatídes

«QUEM converte quem», de Ana Paula Portugal, talvez possa ser adjectivado de diálogo travado entre diversas personagens, todas elas capturadas nos caminhos labirínticos da vida. O que sobretudo nos toca nesta prosa corrente, à laia de um rio que passa só se importando com o presente, é a ampla sinceridade da autora, a sua frescura, o seu virar de costas a numerosas convenções. A jovem escritora (pois que se trata de uma jovem escritora, sendo esta novela o seu primeiro trabalho impresso) desnuda-se totalmente, é como é, aceite-a quem a quiser. Uma confissão as suas palavras?

Não, não se trata, quanto a nós, de um livro confessional. APP limita-se (embora esteja presente nas linhas que nos dá) a ofertar-nos um certo relacionamento dos seres humanos, ora com sombras, ora com laivos de azul, sem



que, pelo menos aparentemente, ela se sinta afectada pelo intercâmbio.

Sentimo-la, antes, como uma observadora de tudo quanto se vai, de emoções que se somem, de breves alegrias, de ternuras que não mais se poderão repetir... E isso porque as suas personagens estão em trânsito, não se demoram muito num lugar, caminham sempre

(mesmo que estejam, por vezes, em repouso) em busca do não sentido nenhum da vida.

Sentido nenhum da vida que é também um sentido — um sentido que não transforma as decepções em marcas, nem tão pouco as recompensas em marcas de alegria. Ir-se deixando passar — eis o que caracteriza esta prosa como que voada por sobre uma superfície, a da Terra, que tantos e tantos já pisaram, sem que uma só única resposta satisfizesse todas as perguntas que temos em nós.

«Quem converte quem» (novela a ler) abre um livro intitulado «Como a um fruto apetecível», sendo as suas últimas páginas preenchidas com dez poemas de Augusto Portel, tão jovem na idade como APP. Dado que a novela como os poemas merecem uma melhor ponderação, aos poemas e novela voltaremos em tempo oportuno. Para já, no entanto, deixemos que alguém se «converta» à escrita de Ana Paula Portugal.

Pedro Alvim



Acaba de sair Nº 5

ALAVANCA

revista do trabalho

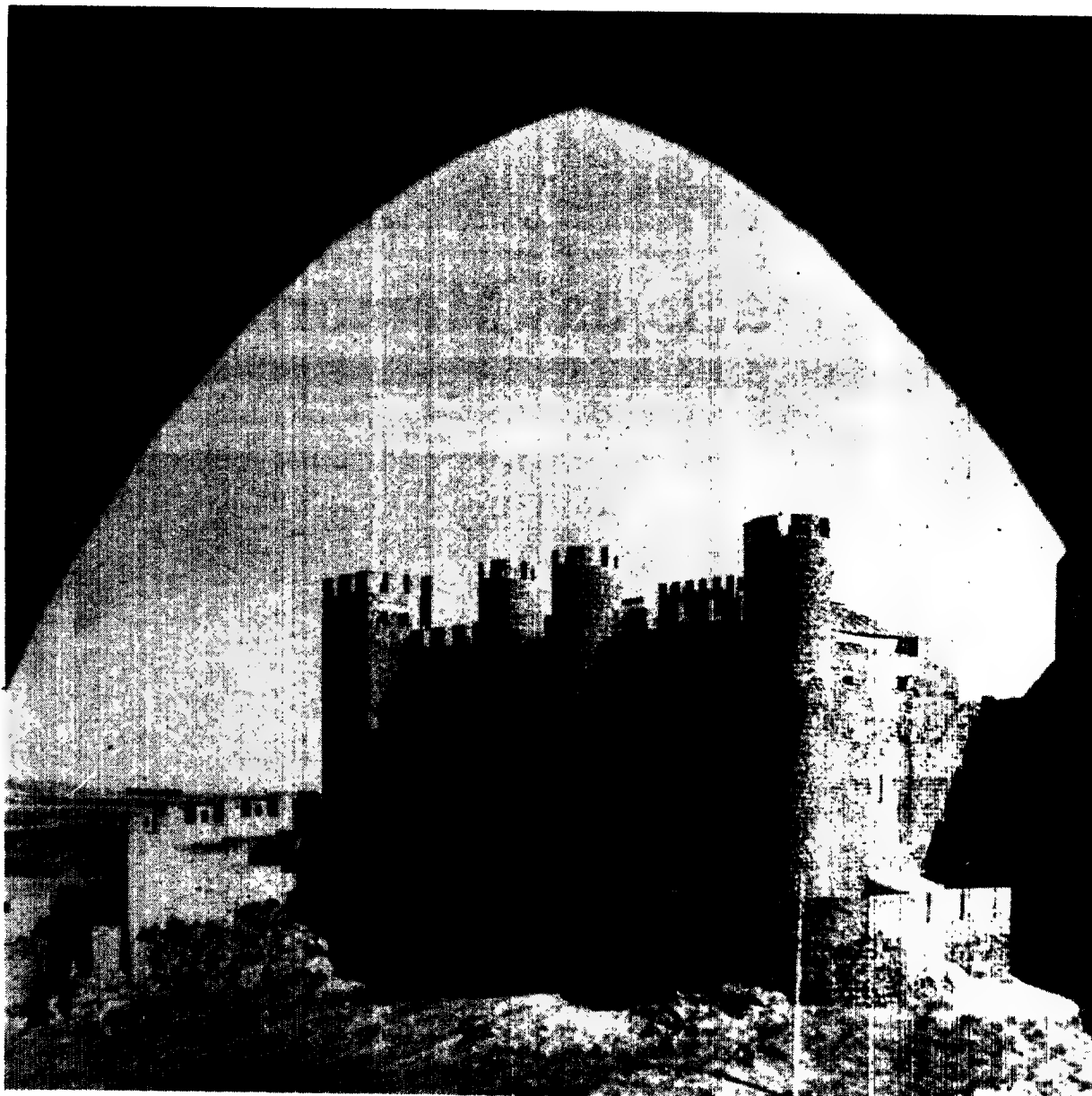
Reportagens • Estudos • A luta dos trabalhadores
• Desemprego / Salários em atraso • Assuntos de actualidade político sindical

Pedidos às
edições
UM de OUTUBRO
Sociedade Editora de Publicações Lda.

Assina e divulga

RUA DA GLÓRIA 41-2 ESQ. TEL. 36 18 13 • 1200 LISBOA

Da História



A fundamentação teórica do conhecimento acompanha a práxis, e é assim que se assiste às inter-relações que a História estabelece com a literatura, jornalismo, educação e actuação política. Existe pois, um investimento constante noutros campos onde a História é instrumento formulador e enformante.

Há, sem dúvida, uma enorme diferença entre História e o romance, ainda que possamos ser atraídos para o não delimitar as fronteiras entre ambos. «O romance devora hoje todas as formas, é quase forçoso passar por ele. Este estudo sobre o destino de um homem, que se chamou Adriano teria sido uma tragédia no séc. XVII: teria sido um ensaio na época da Renascença.» (1) Mas a própria História surge no campo do vivido e os limites são de difícil demarcação, no tratamento e investigação de áreas como as mentalidades. Procura o trabalho histórico formular os modelos culturais, abordando-os e atingindo-os através de numerosos processos. «Enfin, la recherche doit tenter reconstituer dans leur intégralité les systèmes de valeurs (et pour selá se préocuper non seulement de ce qui est exprimé, mais de ce qui est tu, caché, voilé, et qui n'a pas moins d'importance) et de suivre la lente évolution de ces systèmes.» (2) Tendo em atenção e reportando-se sempre ao conhecimento aprofundado das estruturas de base económica, política e social. O romance, e no caso mais específico, o romance histórico, utiliza este mesmo tecido de informações que a própria História. «Tanto como *Guerra e Paz*, a obra de Proust é a reconstituição de um passado perdido. O romance histórico de 1830 cai, é certo, no melodrama e no folhetim de capa e espada; não mais que a sublime *Duquesa de Langeais* ou a espantosa *Rapariga de Olhos de Ouro*. Flaubert reconstrói laboriosamente o palácio Amílcar com a ajuda de centenas de pequenos pormenores: procede da mesma maneira com *Vonville*.» (3)

Esta é a *Arte do biógrafo* (4), ele tem de possuir uma rede de dados tanto mais complexa quanto o façam mergulhar no universo do real a que ele irá dar corpo na sua obra. O testemunho autêntico transmite a ambiência vivida, no sentimento experimentado e expresso. Bebendo-o, o biógrafo transmite-o. «A vocação do biógrafo pressupõe a existência prévia de uma cultura histórica geral e um certo conhecimento do personagem — conhecimento correcto ou não, mas que situa esse personagem.» (p.34) Ao biógrafo, e passados alguns séculos, é-lhe facultado as impressões impressas pelo personagem no seu meio social. Analisando, comparando, e mesmo depurando-as o biógrafo entra na intimidade «convivência objectiva» do personagem. Captando a multiplicidade de facetas reveladas pelo mesmo, denunciadas nas relações estabelecidas entre este e o seu universo comportamental, possui o biógrafo o material que é base do seu trabalho. É claro que neste retrato estarão igualmente presentes elementos subjectivos que tocaram o escritor. Este, no caso específico da biografia, toca o historiador. Mas o que é que separa o escritor do historiador? Qual o percurso comum e o distinto? DUBY afirma «O historiador conta uma história, uma história que ele forja recorrendo a um certo número de informações concretas. Não me faça dizer que eu repudio o método histórico criado e aperfeiçoado com tanto rigor pelos nossos predecessores do

século XIX e do princípio do século XX. Pelo contrário é absolutamente necessário preservar essa preocupação crítica relativamente à informação de que possamos dispor. Mas, repito, nós utilizamos esse material, criticamente analisado, com a maior liberdade, tendo plena consciência de que jamais chegaremos a uma verdade objectiva.» (p.11) A relação subjectiva não é nem deve ser desprezada mas sim depurada. O conhecimento do englobante é aprofundado pela diversidade de informações de que se dispõe, e pelo quadro tanto mais próximo, quanto múltiplo da realidade observada. O olhar educado tanto numa perspectiva sincrónica como diacrónica, do historiador permite-lhe uma aproximação privilegiada com o passado, seu material de estudo. Ao escritor — biógrafo o mimetismo (...) após anos de impregnação no meu personagem, chego a confundir a minha identidade. Sinto-me, por vezes, uma espécie de «duplo», ora de Voltaire, ora de Talleyrand.» (p.40) A este biógrafo — o romance. «Em suma, com um trabalho de formiga, tempo, solidão e um grão de loucura, mais um pouco de sorte, conseguimos fazer surgir da poeira dos velhos papéis um personagem até então destruído. Temos a alegria de ver a múmia ganhar a vida, de fazer saltar os cadeados do esquecimento e as crostas dos preconceitos, sob as quais Voltaire ou Talleyrand jaziam desfigurados.» (p.41) Surge-nos assim transpostos DUBY, num outro escrever história o de Jean Orieux, e o seu universo de ficção.

Este último, articulista loquaz, estabelece connosco um diálogo vivo, íntimo, que nos faz relembrar a nossa

intervenção muda, mas não passiva na entrevista de George DUBY a Raymond Bellon. No entanto esta práxis dialogante manter-se-á nos restantes artigos que compõem este pequeno livro de bolso. Nos temas quentes e actuais que cada um deles *per si* e todos no conjunto abordam respondendo a questões tão prementes nos nossos dias como o papel do jornalista, o «cronista» do presente. Partindo do caso Watergate, Marc Kravets formula o objectivo jornalístico contemporâneo. «A História pratica, à sua maneira, o respeito pela causa julgada, que é, no caso, o acontecimento consumado. Ela não pergunta se o acontecimento poderia ter sido diferente — a História não se faz com *ses* — e, mesmo ainda, se esse acontecimento, poderia não se ter verificado. Este tipo de especulações é justamente tarefa do jornalista.» (p.85) No campo jornalístico debate-se, segundo este autor, o acontecimento e o não acontecimento o facto é tido como a peça fundamental do jogo. A busca tanto do jornalista como do historiador é o conhecimento dos factos e a sua explicação defronta-se isso sim com metodologias diferentes. «Aos primeiros caberia estudar o presente e as suas zonas de sombra; aos artesãos do quotidiano, a febre da actualidade, aos ouvires do intemporal a angústia da perspectiva: aos caçadores do acontecimento a colheita dos factos acabada de fazer, aos batedores dos arquivos a paciente reconstrução de um mundo desaparecido; a uns, o animal galopante apanhado na sua totalidade bem viva, mas transmitida por uma imagem desvanecida, aos outros, o osso fossilizado do que acabará, talvez por dar à

luz o hipotético 'diplocadus'.» (p.89) Estes fazedores da história do dia-a-dia, são as futuras fontes dos «ouvires da intemporalidade» revelando-se sempre a constante dinâmica passado — presente. A nova história vai reposicionar o objecto do seu estudo, vai ultrapassar a barreira do facto, o império do facto, onde o jornalismo concretamente o americano bebe a sua origem e essência de ser. A História concretiza a análise globalizante do sistema humano, num passado mais ou menos próximo. Ela própria tem a sua episteme, e Marc Kravetz formula-a sumariamente. O olhar é agora outro, e a palavra fluida, rápida, matraqueada acompanha a imagem e o documento jornalístico é o presente no presente, entrecruzam-se pois, os tecidos que fazem a história. Ao artigo jornalístico é necessário a interpenetração de diversas reflexões sobre o colectivo. Objectivos e propósitos que presidem ao

conhecimento humano sobre si próprio e o grupo em que se integra, contrapostos a outros grupos e outras experiências são no fundo as causas dos relatos de viagens e aí «em primeiro lugar, a magnífica lei do prazer, e em seguida, uma lei política.» É o que leva à publicação desses relatos, impressos e tradutores do imaginário europeu, do eurocentrismo, da actual premente e constante necessidade de recodificar os espaços, relativizados pela contemporaneidade, que apela à estruturação de novos quadros de análise.

O interesse crescente pelas narrações de velhas viagens pode-se revestir segundo Daniel Defert, de um pretexto para «(...) a afirmação daquilo a que alguns americanos chamam ecotopia, uma utopia política num meio natural virgem; tal concepção não está, de forma alguma, ausente de determinadas correntes antropológicas.» (p.71) No entanto o movimento pode ser igualmente o reflexo, o êxtase face ao novo que aguarda uma linguagem sua. Mas história é também uma componente pedagógica, institucionalizada pelo ensino na mesma nos diversos graus de educação. E neste campo não se trata da sedução do investigador mas sim do iniciado, Michel Pierre expõe a atracção que sente e sentiu o colectivo pelos eventos passados e cita Valéry «a história é o produto mais perigoso que a química do intelecto jamais elaborou. As suas propriedades são bem conhecidas: faz sonhar, embriaga os povos, engendra neles falsas memórias, exagera os seus reflexos, mantém as suas velhas feridas abertas, atormenta-os no seu repouso, condu-los ao declínio das grandezas ou da perseguição e torna as nações amargas, soberbas, insuportáveis e vãs... A História serve para justificar tudo o que se quiser.» (p.62)

Mas não somos todos Valéry, e é esta interconexão viva entre opiniões, metodologias de abordagem tão variadas quanto o colectivo dos artigos seleccionados por este livro *História e Nova História*, que manifesta a comunicação imediata, do conhecimento do passado. É o sentir como Jorge Luís Borges a frase de Carlyle «a história universal é um texto que somos obrigados a ler e a escrever sem descanso e onde, ao mesmo tempo, nos escrevemos a nós.»

Notas

- (1) — Marguerite Yourcenar, *Memórias de Adriano*, Ulisseia, 1985
- (2) — George DUBY, *Aujourd'hui l'Histoire*, Editions Sociales
- (3) — Marguerite Yourcenar, obra cit.
- (4) — Colectânea de artigos, *História Nova História*, Teorema, 1986. Nota: As páginas referidas reportam-se a este livro

Ana Paula Menino

Na terça-feira

Sete Ponto Sete

Raul Brandão

Saídas na «Relógio d'Água» as «Memórias de Raul Brandão», o *LerEscrever* presta homenagem ao intelectual e ficcionista, divulgando o prefácio a estes cadernos biográficos, que lançam uma luz nova sobre o conjunto da sua obra.

O prefácio das Memórias

Se tivesse de recomeçar a vida, recomeçava-a com os mesmos erros e paixões. Não me arrependo, nunca me arrependi. Perdia outras tantas horas diante do que é eterno, embebido ainda neste sonho puído. Não me habito: não posso ver uma árvore sem espanto, e acabo desconhecendo a vida e titubeando como comecei a vida. Ignoro tudo, acho tudo esplêndido, até as coisas vulgares: extraio ternura duma pedra.

Não sei — nem me importo — se creio na imortalidade da alma, mas do fundo do meu ser agradeço a Deus ter-me deixado assistir um momento a este espectáculo desabalado da vida. Isso me basta. Isso me enche: levo-o para a cova, para remoer durante séculos e séculos, até ao juízo final. Nunca fui homem de acção e ainda bem para mim: tive mais horas perdidas... Fugi sempre dos fantasmas agitados, que me metem medo. Os homens que mais me interessaram na existência foram outros: foram, por exemplo, D. João da Câmara, poeta e santo, Correia de Oliveira, um chapéu alto e nervoso, nascido para cantar. Columbano e a sua arte exclusiva, e alguns desgraçados que mal sabiam exprimir-se. Conheci muitos ignorados e felizes. Meio doidos e atônitos. O Nápoles ainda hoje dorme sobre a mesma rima de jornais?... Outro andava rôto e dava tudo aos pobres. O homem é tanto melhor quanto maior quinhão de sonho lhe coube em sorte. De dor também.

A que se reduz a vida?

A que se reduz afinal a vida? A um momento de ternura e mais nada... De tudo o que se passou comigo só conservo a memória intacta de dois ou três rápidos minutos. Esses sim: Teimam, reluzem lá no fundo e inebriam-me, como um pouco de água fria embacia o copo. Só de pequeno retenho impressões tão nítidas como na primeira hora: ouço hoje como ontem os passos de meu pai quando chegava a casa; vejo sempre diante dos meus olhos a mancha azul ferrete das hidrângeas que enchiam o canteiro da parede. O resto esvai-se como fumo. Até as figuras dos mortos, por mais esforços que faça, cada vez se afastam mais de mim... Algumas sensações, ternura, cóer, e pouco mais. Tinta. Pequenas coisas frívolas, o calor do ninho, e sempre dois traços na retina, o cabedelo de oiro, a outra-banda verde... Passou depois por mim o tropel da vida e da morte, assisti a muitos factos históricos, e essas impressões vão-se desvanecendo. Ao contrário, este facto trivial ainda hoje o recordo com a mesma vibração: a morte daquela laranjeira

que, de velha e tonta, deu flor no Inverno em que secou. O resto usa-se hora a hora e todos os dias se apaga. Todos os dias morre.

Lá está a velha casa abandonada, e as árvores que minha mãe, por sua mão, dispôs: a bica deita a mesma água indiferente, o mesmo barco arcaico sobe o rio, guiado à espada pelo mesmo homem do Douro, de pé sobre a gaiola de pinheiro. Só os mortos não voltam. Dava tudo no mundo para os tornar a ver, e não há lágrimas no mundo que os façam ressuscitar.

Esta Foz de há cinquenta anos, adormecida e doirada, a Cantareira, no alto do Monte, depois o farol e sempre ao largo o mar diáfano ou colérico, foi o quadro da minha vida. Aqui ao lado morou a minha avó; no armário, metido na parede como um beliche, dormiu em pequeno o meu avô, que desapareceu um dia no mar com toda a tripulação do seu brigue, e nunca mais houve notícias dele. Lembro-me da avó e da tia Iria, de saia de riscas azuis, sentadas no estrado da sala da frente, e possuo ainda o volume desirmanado do *Judeu* que elas liam, com o *Feliz Independente do Mundo e da Fortuna* e a *Recreação Filosófica* do padre Teodoro de Almeida. Ouço, desde que me conheço, sair do negrume, alta noite, a voz do moço chamando os homens da companhia: — Ó sê Manuel, cá p'ra baixo p'rô mar! — Vi envelhecer todos estes pescadores, o Bilé, o Mandum, o Manuel Arrais, que me levou pela primeira vez, na nossa lancha, ao largo. Há que tempos! — e foi ontem... A quarenta braças lança-se o ancorote. Na noite cerrada uma luzinha à proa; do mar profundo — chape que chape — só me separa o cavername. Deito-me com os homens sob a vela estendida. Primeiro livor da manhã, e não distingo a luz do dia do pó verde do ar. Nasce da água, mistura-se na água, com reflexos baços, a claridade salgada que palpita no ar vivo que respiro, no oceano imenso que me envolve. — Iça! iça! — e as redes sobem pela polé, cheias de algas e de peixe, que se debate no fundo da catraia. Voltamos. Já avisto, à vela panda, o farolim, depois Carreiros; um ponto branco, além no areal, é o Senhor da Pedra, e a terra toda, roxa e diáfana, emerge emfim, como apari-



ção, do fundo o mar. A onda quebra. Eis a barra. Agora o leme firme!... As mulheres, de perna nua, acodem à praia para lavar as rédes, e o velho piloto-mor, de barba branca, sentado à porta da Pensão, fuma inalterável o seu cachimbo de barro. O azul do mar, desfeito em poalha, mistura-se ao oiro que o céu derrete. Mais barcos vão aparecendo, vela a vela: o *Vai com Deus*, a *Senhora da Ajuda*, o *Deus te guarde*, e os homens, de pé, com o barrete na mão, cantam o *bemdito*, tanta foi a pesca. — Quantas dúzias?

— Um cento! dois centos! — Nas linguetas de pedra salta a pescada de lista preta no lombro, a raia viscosa, o ruivo de dorso vermelho, ou, no inverno, a sardinha que os batéis carregam do mar inesgotável, estivando de prata todo o cais. Às vezes o peixe miúdo e vivo é tanto, que não bastam os almocreves com os seus burros canastreiros, as varinas com os seus gigos, nem as mulheres de saia ensacada e perna à mostra, para o levarem, apregoando-o, por essa terra dentro. Dá-se a quem o quere, faz-se o quinhão dos pobres. Em

setembro são as marés vivas. Mais tarde cresce do mar um negrume. Acas-telam-se as nuvens no poente, e forma-se para o sul uma parede compacta que tem léguas de espessura. A voz é outra, clamorosa, e, à primeira lufada, bandos de gaivotas grasnam pela costa fora, anunciando o inverno que vem próximo. O quadro muda, e os homens morrem à boca da barra, na Pedra do Cão, agarrados aos remos, sacudidos no torvelinho da ressaca, o velho arrais de pé, as duas mãos crispadas no leme, cusindo injúrias, para lhes dar ânimo, e todo o mulhério da Póvoa, de Matonzinhos, da Afurada — vento sul, camaroieiro içado — com as saias pela cabeça, salpicadas de espuma e molhadas de lágrimas: — Ai o meu rico homem! o meu filho, que o não torno a ver! — E chamam por Deus, ou insultam o mar, que, inverno a inverno, lhos leva todos para o fundo.

Belo, grande, útil

O que sei de belo, de grande ou de útil, aprendi-o nesse tempo: o que sei das árvores, da ternura, da dor e do assombro, tudo me vem desse tempo... Depois não aprendi coisa que valha. Confusão, balbúrdia e mais nada. Vacuidade e mais nada. Figuras equívocas, ou, com raras excepções, sentimentos baços. Amargor e mais nada. Nunca mais... Nunca Londres ou a floresta americana me incutiram mistério que valesse o dos quatro palmos do meu quintal. Nunca caça às feras no canavial indiano foi mais fértil, em emoção e aventura, que a armadilha aos pássaros na pôca do Monte, com o Manuel Barbeiro. Uma nora, dois choupos, a água empapada, e, entre as ervas gordas como bichos, pégadas de bois cheias de tinta azul, reflectindo o céu implacável de agosto. Os pássaros com as asas abertas desconfiam e hesitam: a sede aperta-os, o sol escalda-os. Mal pousam na armadilha agarramo-los com ferocidade. Chiu!... Uma andorinha descreve lá no alto um círculo perfeito, e vem, no vôo desferido, arripiar com o bico a água estagnada. Toca numa palheira de visco — é nossa! Já tiveste nas mãos uma andorinha? É penas e vida frenética. E essa vida pertence-te!... Só ao fim da tarde regressava a casa com os bolsos cheios de rãs e os olhos deslumbrados. Nenhuma figura tórva, nem o Anticristo, me comunicou terror semelhante ao do inofensivo Manco da esquina, que escondia de manhã a barba, que lhe chegava ao umbigo, entre o peito e a camisa, para sacar de noite, quando saía à estrada... Sou capaz de te dizer qual o tom róseo de certos dias, quando o pessegueiro bravo encostado ao muro floresce. O murmúrio da minha bica não me sai dos ouvidos até à hora da morte. Quási todos os meus amigos — o Nel,

que não tornei a ver... — são dessa época. Outras impressões mais tardias não restarão vestígios, mas tenho sempre presentes os mesmos pinheiros mansos — que já não existem — acenando para a barra, e alta noite acordou ouvindo o rebramar do mar longínquo. Nos dias de desgraça é sempre a mesma voz que chama por mim... Olha, olha ainda e extasia-te: o rio parece um lago, e um bando de gaivotas desfolhadas alastra sobre a tinta azul, com laivos esquecidos do poente. Bóia espuma na água viva que a maré traz da barra... E não há cheiro a flores que se compare a este cheiro do mar.

Agosto — 1910

Aos 23 do mês passado morreu meu pai amachucado, exausto e pobre. Encontrou-o dum, repelido de outro, assim foi até à cova. Tinha 67 anos incompletos. Não podia mais. Encontraram-lhe alguns cobres no bôlso. Há muitos anos que se arrastava, e só tinha de seu uma alegria e um repouso: os domingos. Aos domingos metia-se no quarto, calçava uns chinelos, e toda a tarde chorava lágrimas sem fim sobre um velho romance de Camilo. Minha mãe pouco mais durou, com um olhar de pasmo. Lá ficou a velha casa abandonada...

Sobe a lua no céu, e a sombra no monte. Seis árvores, quatro paredes — tudo aqui me enche de saudades. A bica continua a correr, mas outras sêdes se apagarão naquela água. Outros virão também sentar-se no banco de pedra... Só me resta a tua mão querida, que a meu lado segura a minha mão. Os mortos chamam por nós cada vez mais alto... Olho para ti e os teus primeiros cabelos brancos fazem-me chorar.

Setembro — 1910

Hoje acordei com este grito: eu não soube fazer uso da vida!

O que me pesa é a inutilidade da vida. Agarro-me a um sonho; desfaz-se-me nas mãos; agarro-me a uma mentira e sempre a mesma voz me repete: — É inútil! inútil!

A aquiescência, o sorriso: pois sim... pois sim... — a necessidade de transigir, o preceito, a lei, fizeram de mim este ser inútil, que não sabe viver e que já agora não pode viver. Não grito de desespero porque nem de desespero sou capaz.

A vida antiga tinha raízes, talvez a vida futura as venha a ter. A nossa época é horrível porque já não cremos — e não cremos ainda. O passado desapareceu, de futuro nem alicerces existem. E aqui estamos nós sem tecto, entre ruínas, à espera...

Não entendo nada

Não entendo nada da vida. Cada dia que avança entendo menos da vida. Contudo há horas, as horas perdidas — e só essas — que queria tornar a viver e a perder.

Deus, a vida, os grandes problemas, não são os filósofos que os resolvem, são os pobres vivendo. O resto é engenho e mais nada. As coisas belas reduzem-se a meia dúzia: o teto que me cobre, o lume que me aquece, o pão que como, a estôpa e a luz.

Detesto a acção. A acção mete-me medo. De dia podo as minhas árvores, à noite sonho. Sinto Deus — toco-o. Deus é muito mais simples do que imaginas. Rodeia-me — não o sei explicar. Terra, mortos, uma poeira de mortos que se ergue em tempestades, e esta mão que me prende e sustenta e que tanta força tem...

Como em ti, há em mim várias camadas de mortos não sei até que profundidade. Às vezes convoco-os, outras são eles, com a voz tão sumida que mal a distingo, que desatam a falar. Preciso da

noite eterna: só num silêncio mais profundo ainda, conto ouvi-los a todos.

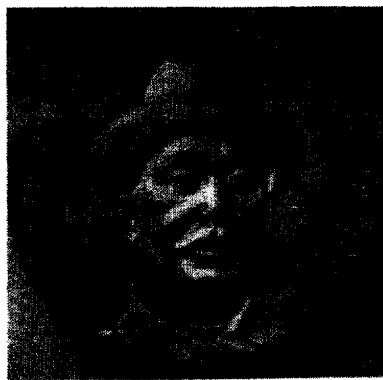
Nunca os meus me chamaram tão alto. Sentam-se a meu lado. Rodeiam-me, e pouco a pouco o círculo da minha vida restringe-se a um ponto — a cova.

Teimo: há uma acção interior, a dos mortos, há uma acção exterior, a da alma. A inteligência é exterior e universal e faz-nos vibrar a todos de uma maneira diferente. Destas duas acções resulta o conflito trágico da vida. O homem agita-se, debate-se, declama, imaginando que constrói e se impõe — mas é impellido pela alma universal, na meia dúzia de coisas essenciais à Vida, ou obedece apenas ao impulso incessante dos mortos.

A minha alegria em velho consistiria em ter aqui meu pai para falar com ele. Não é só saudade que sinto: é uma impressão física. Agora é que acharia encanto até às lágrimas em termos a mesma idade, conversarmos ao pé do lume e morrermos ao mesmo tempo...

Fevereiro — 1910

Isso que aí fica não são memórias alinhadas. Não tem essa pretensão. São notas, conversas colhidas a êsmo, dois traços sobre um acontecimento — e mais nada. Diante da fita que a meus olhos absorvem se desenrolou, interessou-me a côr, um aspecto, uma linha, um quadro, uma figura, e fixei-os logo no canhenho que sempre me acompanhava. Sou um mero espectador da vida, que não tenta explicá-la. Não afirmo nem nego. Há muito que fujo de julgar os homens, e, a cada hora que



passa, a vida me parece ou muito complicada e misteriosa ou muito simples e profunda. Não aprendo até morrer — desaprendo até morrer. Não sei nada, não sei nada, e saio dêste mundo com a convicção de que não é a razão nem a verdade que nos guiam: só a paixão e a quimera nos levam a resoluções definitivas. O papel dos doidos é de primeira importância neste triste planeta, embora depois os outros tentem corrigi-lo e canalizá-lo... Também entendo que é tão difícil asseverar a exactidão de um facto como julgar um homem com justiça. Todos os dias mudamos de opinião. Todos os dias somos empurrados para léguas de distância por uma coisa frenética, que nos leva não sei para onde. Sucede sempre que, passados meses sobre o que escrevo — eu próprio duvido e hesito. Sinto que não me pertence nada, e fujo até de descer dentro de mim próprio, para não reconhecer com espanto que sou absurdo — para não ter de discriminar até que ponto

creio ou não creio, e de verificar o que me pertence e o que pertence aos mortos. De resto isto de ter opiniões não é fácil. Sempre que me dei a esse luxo, fui forçado a reconhecer que eram falsas ou errôneas. Sou talvez uma árvore que cresce à sua vontade, pernada para aqui, pernada para acolá, à chuva e ao vento. Não admito poda. Perco horas com inutilidades, e passo alheado e frio diante do que os outros contemplam extasiados. Admiro, por exemplo, muito mais, perdoem-me, a vida ignorada do meu vizinho, o sr. Crasto, que morreu de oitenta anos, curvado, a lavar a terra, do que a do senhor Hintze Ribeiro, que considero inútil e destituída de toda a beleza.

Interpretações

Por isso, repito, muitas fôlhas destes canhenhos serão mal interpretadas, talvez alguns tipos falsos. Só vemos máscaras, só lidamos com fantasmas, e ninguém, por mais que queira, se livra de paixões. No que o leitor deve acreditar é na sinceridade com que na ocasião as escrevi. Poderão objectar-me: — «Então com que destino publico tantas páginas desalinhas, de que eu próprio sou o primeiro a duvidar? É que elas ajudam a reconstituir a atmosfera duma época; são, como dizia um grande espírito, o lixo da história. Ensinam e elucidam. Foi sempre com a legenda que se

construiu a vida. Sei perfeitamente que a história viva tanto se faz com a verdade como com a mentira — se não se faz mais com a mentira do que com a verdade. Para gerar um acontecimento é preciso criar-lhe primeiro a atmosfera propícia. «Algumas palavras sob caricaturas grosseiras dispersas pelos campos, formaram uma lenda na imaginação popular, concernente ao rei, à rainha, ao conde de Artois, a madame de Lamballe, ao pacto da fome, aos vampiros que sugam o sangue do povo, etc. Dessa lenda — que éle acha útil — saiu a grande revolução» — diz um historiador. A gente nunca sabe ao certo se da infâmia poderão nascer coisas belas... A mentira, o boato, o que se diz ao ouvido, o que se deturpa, e que tanta força tem, a meada de ódio, de ambição e de interesses, que não cabe na história com H grande, tem o seu lugar num livro como este de memórias despretensiosas. Eis uma razão. Tenho outra ainda: torno a ver e a ouvir alguns mortos. Recordo, o que é necessário a quem cada vez mais se isola com o seu sonho e as suas árvores. Isto aquece quasi tanto os primeiros anos da minha velhice, como o lume que arde até junho na lareira desta casa.

Raul Brandão

Cantareira — Foz do Douro — 1918

(Prefácio às «Memórias»)

Subtítulos da responsabilidade do Ler Escrever

A TERRA E O COSMOS

Os horizontes do espaço, do tempo, da matéria e da energia

ISAAC ASIMOV

Através da História não tem havido maior aventura que a da busca do conhecimento pelo Homem. Na presente obra Isaac Asimov descreve as etapas emocionantes dessa incessante procura — desde as grandes migrações da Pré-História até as viagens espaciais e as perspectivas de novas descobertas num futuro próximo.

Asimov percorre o vasto panorama da ciência, cobrindo, em vinte e três capítulos, áreas tão diversas como a astronomia, a biologia, a geografia, a matemática, a geologia e a física. Falamos das explorações, das descobertas e das invenções que transformaram os nossos conceitos sobre o mundo e das teorias e das especulações científicas que alargaram ainda mais esses conhecimentos.

Dentro das quatro esferas do universo físico — os horizontes do espaço, tempo, matéria e energia — Asimov revela quanto o Homem tem procurado expandir o conhecimento para além dos limites do mundo conhecido, desenvolvendo teorias que lhe permitem desvendar os segredos da Terra e do Universo.

A VENDA NO SEU LIVREIRO



EUROPA-AMERICA... a memória no futuro

3 AUTORES ESTILOS ÊXITOS

JOHN LE CARRÉ

GUERRA DE ESPELHOS

JOHN LE CARRÉ

GUERRA DE ESPELHOS

«Superior a O Espião que Veio do Frio é uma narrativa trágica e esmagadora acerca de espões... humanos», afirma o New York Herald Tribune. Um livro que nos traz de volta o Circus, Controlo e George Smiley, envolvidos num caso em que um departamento inglês decide infiltrar um agente, mas ficando a dúvida sobre se o inimigo só estará do outro lado da fronteira.

GENE WOLFE

A CIDADELA DO AUTARCA

É o culminar da narrativa de Severian, iniciada com A Sombra do Torturador. Severian prossegue a sua jornada épica pelas terras de Urth e é empurrado para norte por personagens estranhas e terríveis. «Totalmente original, novo, incomparável... a primeira exploração de um mundo novo», assim definiu Ursula K. Le Guin esta saga, composta ainda pelas obras A Garra do Conciliador e por A Espada do Lictor.



ALVES REDOL

A BARCA DOS SETE LEMES

8.ª edição

A BARCA DOS SETE LEMES

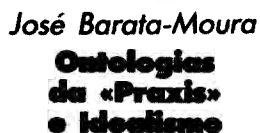
A tragédia singular de um homem, os problemas dos homens e da sociedade em páginas empolgantes que constituem um romance que assinala uma fase culminante da criação romanesca na obra do grande escritor neo-realista português.

A oitava edição desta obra, (já editada em inglês e em italiano) abre com um estudo de Alexandre Pinheiro Torres sobre a personagem principal e é um precioso auxiliar na compreensão do significado da obra de Redol.

A VENDA NAS BOAS LIVRARIAS

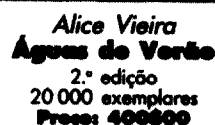
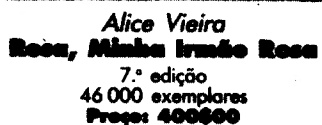
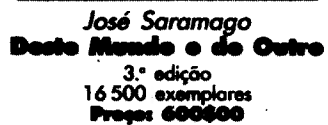


EUROPA-AMERICA... a memória no futuro

**Price: 200\$00****Price: 1000\$00****Preps: 800\$00****Price: \$69.00**

Preço: 200\$00

E DE NOVEMBRO VENDA



o prazer de ter bons livros para ler

CDA e **dietetika diēta**

Um é Outros

Jrupe Emigrlian

Exclusivo LerEscrever

Capítulo XVI

Lourenço de Médicis

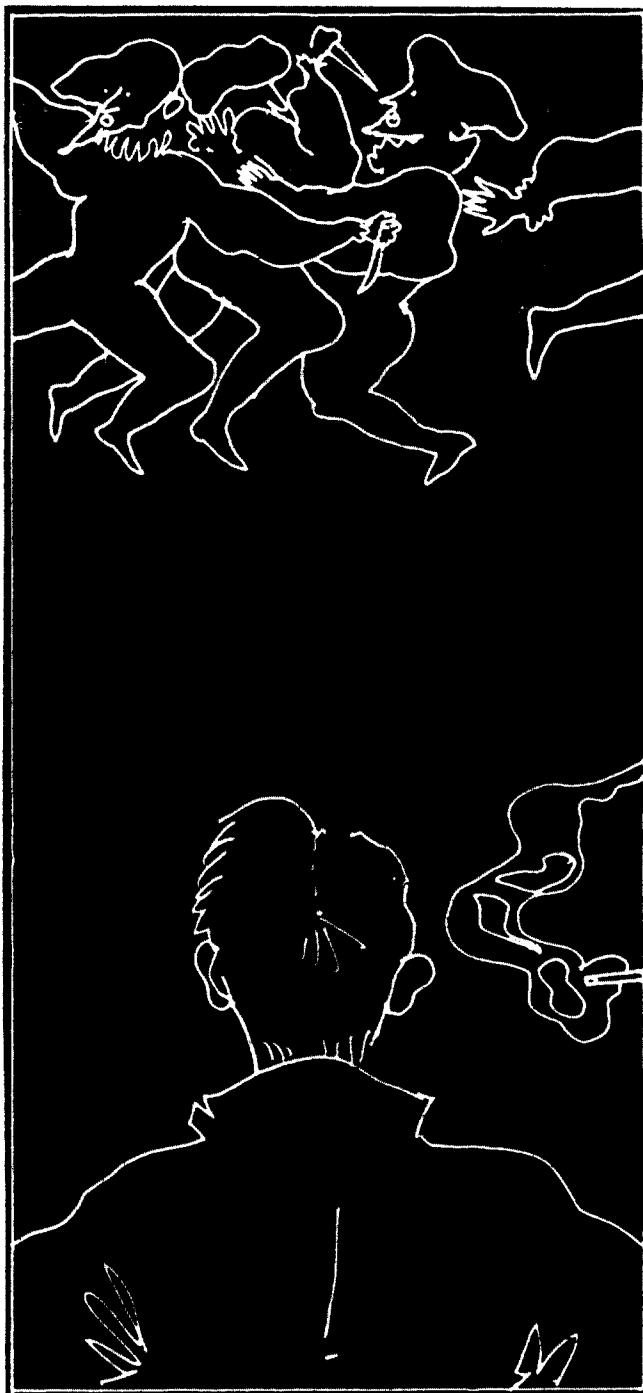
AO deixar-me tarefa tão simples como aquela de decifrar as marcas deixadas na folha branca pela esferográfica, Hans Lucas vingava-se, evidentemente, dos insultos que eu lhe dirigira. Não podia haver dúvidas: tê-lo comparado ao *labrador* enfurecera-o e o seu sorriso melado escondera uma vingança futura que o seu desprezo apenas prenunciava.

Como sabia que a decifração da mensagem era infantil, decidi retardá-la um pouco, fumando um cigarro e bebendo uma cerveja que encomendei na recepção. Ao acender um *gauloise* — mas como tinha aquele maço aterrado nos meus bolsos, eu que não fumo senão cigarros ingleses ou, no máximo, *camel*? — tive um espasmo. O cheiro ou o gosto vulgares do cigarro nada tinham no entanto, a ver com ele. Até tinham conseguido despaisar-me, recordando-me subitamente o ambiente dos cafés parisienses, em que nuvens azuis e odoríficas sobrevoam as mesas. Depois de alguns segundos de introspecção, a resposta chegou-me: Arezzo.

A penumbra, o olho vítreo, a lanterna quebrada, o negro total e brutal e, de súbito, o grilar do cigarro, o pequeno luar como uma estrela no firmamento, a vertigem, a cegueira. E Kathy. Era preciso que eu soubesse que papel desempenhava ela, porque tinha ela corrido tantos riscos, porque se tinha disposto a fazer de kamikase. Talvez que ela estivesse certa do que iria passar-se, certa de que não acabaria em decúbito dorsal numa mesa de anatomia. Talvez ela soubesse que, perante o olhar branco, só o homem pode morrer: que se tornava automaticamente em Medusa e que eu nada tinha de um Perseu, ou mesmo de um Caravaggio. Quer dizer: também Kathy, como Hans Lucas, me tomava por um ser desprezível. Porque tinha ela aceitado o modo como a coisa continuou? Para ter a última palavra sobre tudo, sobre o sexo como sobre a morte. Então talvez Kathy desempenhasse um papel decisivo em toda esta história. Eu tinha de esclarecer isso bem esclarecido, começando por decifrar a tal mensagem deixada por Hans Lucas. Esmaguei a beata no cinzeiro *cinzato*, de plástico vermelho já muito queimado, e li rapidamente: «Santa Maria da Flor, porta da sacristia, 16h30.»

Tanta exactidão significava naturalmente que estavam a gozar comigo, que já não tinham em consideração toda a experiência acumulada. Perguntei na recepção a que horas passava o autocarro seguinte para o centro de Florença e por sorte haveria um nos dez minutos seguintes. Saí, assim, com o papel branco dobrado num bolso e esperei. Havia um táxi a poucos metros da porta do hotel. O motorista chamou-me e disse: «Estava à sua espera, encarregaram-me de o levar à catedral.»

Lucas não tinha, aparentemente, qualquer sentido prático: ele teria podido levar-me directamente no seu carro, em vez de fabricar todo aquele cinema. Cinema... Ah, sim, claro... Fazer, ver, ver fazer, fazer ver... Senti uma súbita vontade de me encontrar num mundo de pessoas simples, de viver rodeado de pastores, de me ocupar das pastagens... Os meus pensamentos *Rousseauístas* foram depressa interrompidos: o motorista desembarcou-me na *Piazza del Duomo*. Tinha quinze minutos de avanço sobre a hora marcada no papel. Como utilizá-los estrategicamente? Mas valeria a pena reflectir sobre



isso, dado que eu não conseguia se não executar o que Goddog, Kathy e até o estúpido Hans Lucas desejavam?

Entrei, portanto, na catedral e senti-me invadido por uma sensação de bem-estar ao andar naquele lugar marcado por uma tão calma grandeza. Dei-me conta de que havia duas sacristias, a dos Chanoines à direita e a nova à esquerda.

Escolhi a nova, movido por uma intuição que ficava sobretudo a dever ao facto de ela estar ligada a uma *Ressurreição* de Luca della Robbia, que também era o autor da porta de bronze da mesma sacristia. Um pormenor chamou-me a atenção e eu tive a certeza, ao reparar nele, de ter feito uma boa escolha: ali, naquela nova sacristia, «Lourenço de Médicis, dito o Magnífico, escapou, em 1478, aos punhais da conjura dos Pazzi, que mataram seu irmão Julien».

...Um irmão, um outro de mim, o mesmo do outro e o outro do mesmo. Uma representação do mesmo, o *si* em representação. As palavras de Lucas, o seu sorriso à beira do sarcasmo, pareceram-me adaptar-se perfeitamente àquela história. Para Lucas, eu era apenas uma representação de mim próprio e, mesmo que me matasse, não ficaria verdadeiramente morto, faria ainda parte do filme, que se tratasse de Julien ou de Lourenço, visto que um poderia sempre representar o outro.

Um é outros. Teria sido preciso fazer toda esta viagem para o entender? Talvez sim. Há coisas que exigem um desvio, e os meandros geográficos teriam talvez sido a única maneira de me fazer compreender os caminhos oblíquos que o pensamento tem de trilhar. No fundo eu estava a ser estúpido, tomavam-me por um liceal, apanhava com uma imensa lição de coisas, queriam demonstrar-me, pela praxis, a amplitude de um caminho abstracto. Deveria eu morrer por ter entrevisto a verdade? Sentia palpitações, um sentimento de insegurança começava a nascer em mim. Pobre Julien, apunhalado. A propósito, o que seria feito do bisturi?

Tinha-me esquecido dele no Alfa, e Kathy tinha levado o Alfa. Kathy tinha, portanto, o bisturi. Kathy queria a minha pele. Eu transpirava, tinha medo. Ouvia o riso de Hans Lucas, o *leit-motiv* de Kathy «once upon a time»... e se a história acabasse aqui? Quais seriam os interesses de Kathy? Uma ideia eminentemente narcísica veio-me ao espírito: ela amava-me ao ponto de querer possuir-me, como a uma concubina. Ela teria mesmo matado a minha antiga amiga, crime passional, cometido por ciúme, a vedeta depois, teria pago a Lucas para me filmar e para me apanhar numa chantagem sórdida, para me provar — ainda aí — a sua força medusante, o seu poder sexual... e liquidar-me-ia por fim, como essa aranha — já não sei qual — que mata o seu parceiro depois do acto, creio até que devorando-o.

De súbito algo caiu a meus pés, uma minúscula pedrita que me fez levantar, maquinalmente, a cabeça. Reparei no que até então nunca tinha visto — mas toda esta história demonstra a que ponto sou mau aprendiz — o fresco que, no seio da cúpula, representa o *Juízo Final*. Lembrei-me então (traço de memória particularmente raro e sem dúvida suscitado pelo medo que já não me largava) de que Vasari o tinha começado mas tinha morrido antes de o acabar. Eu não conseguia desprender o meu olhar da cúpula, de pescoço estendido, mas sem distinguir o que quer que fosse entre as formas sombrias do fresco. Então ouvi como que sussuros, e o estalar de um fósforo que se acende.

(Continua)

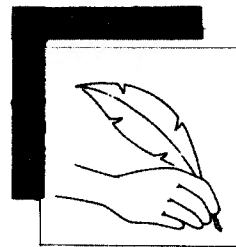
O ESSENCIAL DOS TEMAS ESSENCIAIS ESTÁ NA COLECÇÃO ESSENCIAL

Em breves mas substanciais ensaios, reconhecidas autoridades dizem-lhe o essencial sobre grandes temas e grandes personalidades das artes, da história, das ciências e da cultura. Cada volume 100\$00!

Colecção Essencial — a mini-enciclopédia ao tamanho da sua bolsa.

cada número
- essencial!
não deixe nenhum
em falta na
sua biblioteca

Acabados de Chegar



■ A procura do silêncio, Ernesto Sampaio, Hiena ed., col. Ideias e Atitudes

Para fugirmos a esse detestável hábito corporativo que consiste em fazer a promoção dos jornalistas que escrevem, também, textos não jornalísticos, não diremos «o nosso camarada de Redacção» nem «o jornalista Fulano». Porque dizer o poeta/jornalista, ou o jornalista/romancista, ou o ensaísta/jornalista, tem sempre, queiramo-lo ou não, como preço, minorizar um ou outro.

Portanto: Ernesto Sampaio acaba de publicar na *Hiena* um pequeno livro composto de três textos poéticos, «Dois rios», «Travessia» e «Estrada». O primeiro é um longo poema sobre a infinidade de metáforas e metonímias do eu e tu e é muito belo. Para bom entendedor: sente-se num ou outro momento, ao lê-lo, aquele arrepio que vai de certa parte do rosto até a uma orelha, e que Breton designava por emoção estética. Alguém disse uma vez (felizmente já não lembro quem): *Ai daquele que nunca viu os olhos que o fixarão para sempre*. Ora, é exactamente sobre isto que «Dois Rios» termina: *Até ao fim dos anos/teus olhos/me fixarão*.

No segundo, o anarquista que deu as mãos ao quase surrealista reaparece em Ernesto Sampaio: *Cada deus definitivamente sepultado é um homem livre sobre a terra*, na melhor tradição do *Ni Dieu Ni Maître*.

O terceiro é um gesto por Álvaro de Campos e pela sua noite.

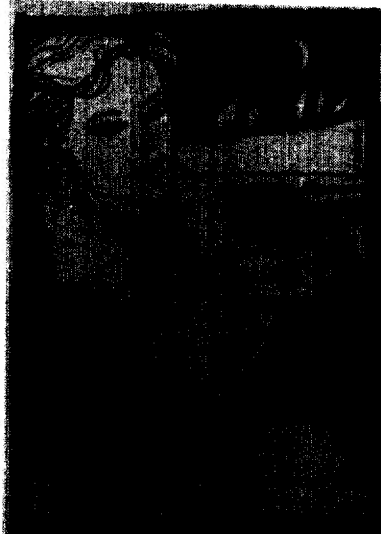
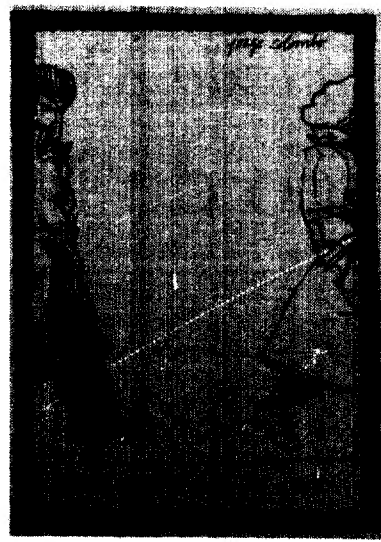
Ernesto Sampaio é, de facto, um poeta.

Também dele, a *Hiena* publicou agora a tradução do *Lenz* de Georg Buchner, que o *Ler Escrever* divulgou em primeira mão. Tanto quanto sabemos, apenas existe uma outra tradução, também de grande qualidade, mas que supomos incompleta, do mesmo texto, feita por Adélia Silva Melo e distribuída como texto de apoio a um dos trabalhos da «Cornucópia».

J.M.

■ Desenhos de Folhetim, Jorge Colombo, ed. Rolim

Em bilhetes postais, os desenhos feitos por Jorge Colombo para o «E tem a



Quatro dos «desenhos de folhetim» de bondade de me dizer porquê?, de Mário de Carvalho e Clara Pinto Correia. Para os mais distraídos, vale a pena lembrar que, na nova geração de ilustradores portugueses, com obra já feita e suficientemente diversa para que possamos dizê-lo com tranquilidade, há sobretudo dois nomes a fixar: João Botelho realizador de cinema (e agora já quase quarentão) e este Jorge Colombo, que mal passou dos 20, e que reparte a sua vida entre um número (que nem ele conhece) de apostas que têm a ver com a imagem.

Jorge Colombo

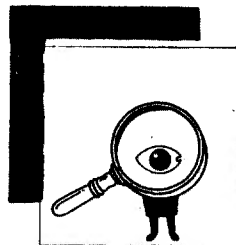
■ Os americanos e Portugal, vol. 1, Os anos de Richard Nixon, José Freire Antunes, ed. Dom Quixote, col. Participar

Soares e a CIA, Spínola em Bissau, o 25 de Abril, os Açores, o ascenso do MFA... Mas também Caetano e a sua primavera. Entre 1969 e 1974, as relações entre Washington e Lisboa analisadas à luz de uma grande diversidade de documentos secretos, que Freire Antunes pôde consultar ao abrigo do

Freedom Information Act. Deste primeiro volume de «Os americanos e Portugal» diz Kenneth Maxwell, professor de história na Princeton University: «... é um livro de história contemporânea, no que esta tem de mais emocionante, polémico e revelador». Freire Antunes, nascido em 1954, tem oito livros publicados e tornou-se sobretudo conhecido como autor de *Sá Carneiro: um meteoro nos anos setenta* e de *Cartas particulares a Marcelo Caetano*.

■ A erva vermelha, Boris Vian, ed. Vega, col. Provisórios e Definitivos

Poeta, jazzista, humorista infernal, iconoclasta, autor de policiais, actor, mas ao que parece também marceneiro mecânico e candidato a corredor de automóveis, Boris Vian é um dos mais multifacetar dos génios franceses contemporâneos, ele que andaria hoje na casa dos 60 anos. A Vega edita dele, traduzido por José Carlos Rodrigues, *l'Herbe Rouge*, de 1950, próximo da inspiração de Jarry e de Queneau, e concebido a partir de uma «trouvaille» característica dos arsenais da ficção científica, a máquina que intervém no tempo.



■ Risco n.º 4, Outono 86, ed. Fernando Jorge de Azevedo

Número de Outono da revista dirigida por João Carlos Espada. Artigos de Jacques Julliard (*O Socialismo é a aliança do progresso e da justiça*), José Lamego (*Racionalização social e acção comunicativa: o balanço da modernidade na teoria crítica*), Fernando Pereira Marques (*Cinco teses para uma definição da esquerda*) e Ilona Kovács (*Um novo modelo social e económico*)

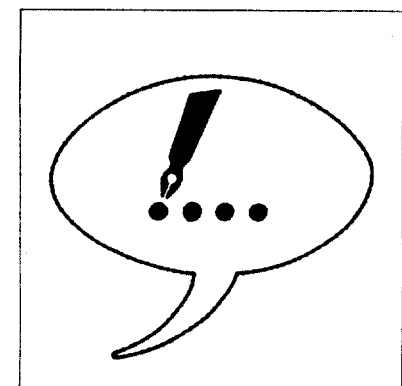
na Hungria em discussão) e outros. Transcrição das intervenções orais de Jaime Gama e Eduardo Prado Coelho numa mesa-redonda a propósito das últimas presidenciais.

■ A montanha maravilhosa, Maria Lamas, ed. Vega, col. Arco-Íris

De Maria Lamas, uma bela história para crianças, protagonizada pela Cadocha, pelo Bissu e pelo seu cão Rabi-cho.

■ «Eça de Queirós Jornalista», Elza Miné, Livros Horizonte

Apoiada em rigorosa busca — de que nos faz participantes curiosos e interessados — Elza Miné (docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo) analisa neste livro a prática jornalística de Eça de Queirós. Para isso, apoia-se sobretudo nas «Crónicas de Londres» e «Cartas de Inglaterra». Segundo a autora, as «Crónicas» e as «Cartas» estabelecem um curioso diálogo com a imprensa inglesa da época. Refira-se ainda que o levantamento dos traços dominantes e a apreensão dos modos de construção do perfil eminentemente crítico da Inglaterra Vitoriana, oferecido por Eça de Queirós aos seus leitores do Porto e do Rio de Janeiro, constituem a última parte desta contribuição brasileira aos estudos queirosianos. Obra bem elaborada, fina, de grande perspicácia, merecendo sem dúvida a atenção de quantos nunca deixaram de ter Eça de Queirós na estante.



O eu nos outros

TÃO juntas se encontravam as três, no fundo branco do lençol, as estrelas da noite insinuando-se pela janela, um silêncio quente no quarto todo, que a súbita gargalhada de Inês foi como um sismo abalando a ternura das mãos entrelaçadas...

— De que te ris tu...? — perguntou Ivone, soerguendo-se na cama, os cabelos compridos caindo sobre os seios, um cigarro já na mão.

— Que susto me causou esse teu riso estúpido! — resmungou Carla, os joelhos levantados e unidos, a nuca no côncavo das mãos cruzadas.

Inês puxou o lençol lá do fundo da cama, tapou-se até ao queixo, a gargalhada que soltara só existindo agora nos olhos brilhantes.

— É que... — disse.

— Que o quê...? — interromperam as outras duas, melindradas, cortadas no morno e moroso prazer da noite de Julho.

Inês cobriu a cara com as mãos, lançando ora um olhar a Carla, ora um olhar a Ivone. Encontrava-se entre as duas, o corpo fino muito estirado sob o lençol, os seios mal se adivinhando. Mas depois, ágil, sentou-se na cama, metendo também um cigarro na boca, os ombros alteando-se num desafio...

— Mas o que se passa, ó parvalhona de olhos azuis...? — E Ivone assentou a palma longa da mão no ventre de Inês, tremulando os dedos, o punho macio-duro buscando o centro encoberto pelo lençol.

Inês fechou os olhos por momentos, respirou fundo, disse:

— Afasta lá essa mãozinha... — Passou sobre o corpo de Carla, ergueu-se pequenina na alcatifa verde, entornou um nada de perfume nas mãos, levou-o à garganta, aos ombros, aos seios. Sentou-se na única cadeira do quarto, cruzou as pernas, perguntou:

— Querem que explique a minha gargalhada...?

— Oh, não seas tola! — suspirou Ivone.

— Já agora... — incitou Carla.

— Tu queres, tu não queres... Pois foi tudo muito simples...

— disse Inês. — O que me levou à gargalhada, depois de tudo quanto fizemos, foi o ter-me lembrado, Carla, das tuas palavras antes dos nossos mimos...

— Que ironia!

— Carla saiu também da cama, o bico roxo de um seio entre o polegar e o indicador. Fitou Inês e:

— Que palavras?... — perguntou.

— A segunda lei de Leibniz — disse Inês. — Não te lembras já...? Até a enunciaste muito distintamente, e nós as três, como boas estudantes de Lógica, aplaudimos a enunciação...

Pois bem, Carla... Antes de nos entregarmos ao culto de Safo, etc. e tal, tu disseste, alto e bom som, de pé sobre a cama: «Se duas coisas são iguais a uma terceira, então são iguais entre si.» E acrescentaste depois: «Eu, Carla, sou igual a Inês. Tu, Ivone, és igual a Inês. Logo: Ivone e eu somos iguais — e tu és, Inês, igual a nós...» Foi ou não foi assim...?

E Carla, acendendo um cigarro no cigarro de Ivone:

— Foi, pois. Uma brincadeira como outra qualquer...

— Bem — continuou Inês —, só que, depois de tudo feito, eu vi que nada senti, e, por consequência, vocês duas não são de maneira nenhuma iguais a mim... Quando muito, Carla, vocês são iguais entre si relativamente a uma terceira que não está aqui... É que eu, e desculpem lá, realmente não estou aqui. Alguém me chama — e eu vou...

— Que poética!

— Galinha!

— Estúpida!

— Blusinha de rendas!

Ivone e Carla, na escuridão da janela aberta, viram lá em baixo, na rua, Inês a meter-se no carro. Depois...

— A sacaninha — disse Carla — foi-se mesmo! É aquele maldito Eurico! Grande parva! Lá se foi o nosso teorema...

Ivone bocejou, o sono era grande, meteu-se na cama.

Eurico, quatro da manhã, recebeu Inês em pijama, os olhos semicerrados, quase sem perguntas nos lábios. Mas ela já se metera nos braços dele, húmida e pequena, um pedido amplo em todo o corpo:

— Ama-me, Eurico! Faz-me num esfregão! Que eu me sinta mulher! Como se fosse num incesto! Um esfregão, um trapo, uma rodilha! Que eu me ouça gemer como se fosse tua filha...

Pedro Alvim